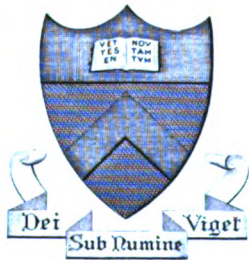


RECAP

HF3691  
.C91

Library of



Princeton University.













**ENSAIO ECONOMICO**  
**SOBRE O COMMERCIO DE PORTUGAL,**  
**E SUAS COLONIAS.**





**ENSAIO ECONOMICO**  
**SOBRE O COMMERCIO DE PORTUGAL**  
**E SUAS COLONIAS.**

**PUBLICADO DE ORDEM DA ACADEMIA REAL**  
**DAS SCIENCIAS**

**PELO SEU SOCIO**

**D. JOSE JOAQUIM DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO,**  
*Bispo que foi de Pernambuco e Elvas, e Inquizidor*  
*Geral.*

---

**TERCEIRA EDIÇÃO**

---



**L I S B O A**

**NA TYPOGRAFIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.**

**1 8 2 8**

**Com Licença de SUA ALTEZA REAL.**





ARTIGO  
EXTRAHIDO DAS ACTAS  
DA  
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DA SESSÃO DE 7 DE JUNHO DE 1827.

**D**etermina a Academia Real das Sciencias, que se reimprima á sua custa e debaixo do seu privilegio o Ensaio Economico sobre o Commercio de Portugal e suas Colonias, segundo as correções e additamentos que para a segunda edição havia feito o seu Auctor. Secretaria da Academia em 12 de Junho de 1828.

Manoel José Maria da Costa e Sá,

*Vice-Secretario.*

(RECAP)

HF3691  
.C91



# SERENISSIMO SENHOR

**E**M todos os Seculos o homem selvagem se avançará passo a passo para o estado da civilização: o homem civilizado tornará para o seu estado primitivo. O Egypto depois de ter civilizado a Grecia, retrocedeo para o seu primeiro estado. A Grecia depois de ter civilizado a Italia, retrocedeo: a Italia civilizou a França, a Alemanha, a Hespanha, e toda a Europa: a Europa principiou a civilizar a America: a



*America vai já chegando á virilidade da sua civilização: a Europa retrocederá para o seu primitivo estado de barbaridade? a historia dos nossos dias parece já decidir pela parte affirmativa. Os corpos moraes tem huma certa analogia com os corpos physicos: quando hum corpo corre com hum certo grdo de velocidade, e se encontra com outro no estado de inercia; trocã-se os estados: o inerte corre; o que corria para, ou retrocede. O homem que pensa, reflecte, e discorre sobre o estado do homem selvagem, e do civilizado, concluirá que existe no intervallo que os separa hum ponto, em que reside o meio entre os extremos dos dois estados. Mas quem fixará este ponto? e se elle for fixado, qual será a autoridade capaz de dirigir, e de fazer parar o homem em hum tal ponto?*

*A injustiça nunca foi nem pode ser a base d'alguma sociedade: hum Povo, que se quizesse estabelecer sobre huma base tão absurda, teria sido ao mesmo tempo o mais cruel, e o mais infeliz de todos os Povos. Inimigo declarado do genero humano, seria igualmente temivel pelos sentimentos que elle tivesse inspirado, e pelos que elle tivesse soffrido. Temido, e aborrecido de todos, elle não dei-*

*xaria ja mais de aborrecer , e de temer. Todos se alegrarião com as infelicidades de hum tal Povo ; todos serião afflictos com a prosperidade delle : hum dia viria , que o mesmõ mal que elle tivesse feito soffrer a todos , os faria unir , e animar de hum so espirito , para o desterrarem do meio das Nações.*

*E pelo contrario quanto seria differente o destino de hum Imperio fundado na justiça , e na virtude ! A Agricultura , as Artes , as Sciencias , o Commercio , animados d sombra da paz , apartarião do meio delle a ociosidade , a ignorancia , e a miseria. O Soberano do Estado protegeria as differentes ordens , e seria adorado. Elle teria conhecido que algum dos Membros da sociedade não poderia perder , sem que tambem perdesse o corpo inteiro ; e que era necessario occupar-se da felicidade de todos. A imparcial equidade presidiria d observancia dos Tratados , que ella tivesse dictado ; d estabilidade das Leis , que ella tivesse simplificado ; d repartição dos impostos , que ella tivesse proporcionado aos encargos publicos : tudo seria equilibrado. Todas as Potencias , que tivessem relações com hum tal Imperio , como interessadas na conservação delle , ao menor perigo que o ameaçasse , se armarião em sua defesa ; mas*

\*\*\*

ainda na falta de soccorros estrangeiros, elle por si so poderia oppor ao aggressor injusto a barreira impenetravel de hum Povo rico e numeroso; para a qual a palavra Patria não seria hum nome vão: quanto hum Imperio mais se aproximar deste ponto central da justiça e da virtude, tanto elle será mais firme e mais amado: quanto mais se afastar delle, tanto será mais cruel, mais tyranno, e menos segura.

Ha quasi hum seculo que principiou huma Seita com a mania de civilizar a Africa, reformar a Europa, corrigir a Asia, e regenerar a America. Esta Seita, inconsequente nos seus principios, he so consequente em destruir tudo o que achou feito, para depois lhe dar huma nova fórma, que ella diz ser a mais sublime, e a mais bella, que póde conceber o espirito humano: para pôr em pratica a sua mania, ella, e os seus Sectarios jurarão huma guerra perpetua a todos os Governos, e a todos os Thronos, que não seguissem os seus dictames; e tomarão por armas a ferro, o fogo, o veneno, a traição, a intriga, e a perfidia; armas que conforme o seu systema da maior perfeição, e do bem da humanidade, são meios licitos, com tanto que se consiga o seu fim destruidor da ordem estabelecida entre as Nações.

*Mas conhecendo os da Seita, que são firmes e inabalaveis os Governos, que são sustentados por huma Religião, que falando no coração dos homens, lhes manda que obedeçam aos que governão, passarão a prégar o Atheismo por toda a parte; amaldiçoando a mesma Religião de seus Pais. O celebrado Mirabeau no meio de huma das suas infernaes assembleas, qucrendo desterrar e extinguir, se lhe fosse possível, a Religião de JESUS CHRISTO, a Catholica Romana, então da França, lhe fez, sem o querer, o maior elogio, confessando que era impossivel reformar a França, como elles querião, em quanto ella não fosse descatholiquizada: a Religião foi atacada, o Throno cabio por terra, a França precipitou-se na anarchia. Eis aqui o resultado do mais bello ideal, pelo qual tanto suspirarão os defensores da humanidade opprimida. Eis aqui a sorte que espera a todos os Governos, que forem dirigidos por huma tal Seita.*

*Supponha-se mesmo, para satisfazer a vontade destes bebedores de sangue, que todo o Mundo ja está reduzido a huma França, ou a huma Ilha de S. Domingos; e serão por ventura os da Seita os que hão de reduzir as cousas d ordem, ou tira-las do estado destruidor a que elles as reduzirão? não cer-*

tamente: elles são animaes quadrimanos, que so tem força para destruir, mas não para construir: huma Mão virá de ferro, que depois de fazer calar a tantos entusiastas, os fará automatos, quebrando bans contra os outros; até que o tempo, e as mesmas desgraças das Nações, fazendo desmascarar estes monstros canibaes, os aparte dos concelhos dos Governos; e da influencia delles os innocentes Povos: então a sabia Providencia de hum DEOS justo, e vingador, que tirando o Mundo do nada depois o submergiu nas agoas, salvará do diluvio hum homem, que observe as Leis de hum Pai, que depois de castigar hum filho desobediente, o recebe arrependido nos seus braços.

Ha mais de trinta annos que esta mesma Seita principiou a espalhar a semente das revoluções, para separar as Colonias das suas Metropolis, principalmente as de Portugal, e Hespanha, as mais ricas do novo Mundo: alguns delles, ou menos sanguinarios, ou ja horrorizados á vista dos fructos, que tinha produzido a sua chamada arvore da liberdade, passarão a traçar novos planos para que a separação, que elles chamavão emancipação necessaria para o bem da humanidade, fosse menos dolorosa, e menos violenta.

*Ja as medidas estavam tomadas , e as ordens distribuidas para a execução do Plano ; os perfidos executores ja quasi batião ás nossas portas ; o Ceo coberto de hum negro manto , os ventos contrarios , o mar embravecido , os elementos mesmo parecião de mãos dadas concorrer com os Tigres , para não deixarem nem huma so porta , por onde lhes podesse escapar a innocente presa.*

*Mas quando ja tudo parecia desesperado , e sem algum soccorro humano , o Ceo em hum instante appareceu alegre , e risonho ; o vento do mar saltou para a terra , o mar socegou a sua furia ; as ndos soltando as velas salvarão do perigo a VOSSA ALTEZA , aos Seus Augustos Pais , e a toda a Familia Real , para a felicidade dos fieis Portuguezes ; a Alma de Portugal voou a animar o corpo , que perfidas mãos trabalhavão ja por separar da sua cabeça ; e as Colonias com os braços abertos receberão com jubilo o seu Soberano. Eis-aqui o como DEOS , quando quer salvar os seus escolhidos , zomba dos mais combinados planos da Filosofia dos homens. Estes prodigios , que eu vi com os meus olhos , me fazem crer , que DEOS salvou a VOSSA ALTEZA para cousas grandes ; que Portugal serd governado pe-*

da justiça, e pela virtude, e que a minha Patria vai a gozar das prerogativas de primeiro Imperio do Novo mundo.

*VOSSA ALTEZA* em tão poucos annos tem ja visto em resumo os grandes acontecimentos da Historia; tem ja experimentado as inconstancias da Fortuna; a perfidia dos homens; as cores de que elles se revestem; tem ja soffrido os incommodos, e os perigos do mar, as tempestades, e as inclemencias do tempo; os diversos climas, e os seus temperamentos, desde a Temperada até os fins da Zona Torrida: ah Senhor! que bella escola para hum Principe, que DEOS salvou para a felicidade dos homens! Que Principe jamais teve hum Mestre tão sabio, que em tão pouco tempo lhe ensinasse tanto! a escola, e as viagens dos Telemacos erão pintadas; as de *VOSSA ALTEZA* tem sido verdadeiras, e praticadas no campo mesmo da batalha.

*VOSSA ALTEZA* para saber o quanto os seus Augustos Avós forão grandes, e do quanto forão, e são capazes os Portuguezes de encher de pasmo e admiração a todo o Mundo, quando são animados pelos seus Soberanos, que os amão como filhos; não precisa de perguntar a alguem, nem de revolver grandes.

volumes: basta parar, e reflectir hum pouco sobre a historia dos seus dias. VOSSA ALTEZA, quando apenas principiaua a ver hum Throno rodeado de delicias, e da grandezza da Magestade, que lhe parecia inabalavel, vio de repente quasi debaixo dos seus pés rebentar huma mina, que pouco faltou que não sepultasse a todos nas suas ruinas; tal he a incostancia das cousas humanas: aquelles semblantes, que pouco antes lho apparecião alegres, e animados, os vio depois tristes, pallidos, e melancolicos, sem saber acordar-se: no meio da confusão foi VOSSA ALTEZA conduzido a huma náo para salvar a sua preciosa vida.

Nella veria VOSSA ALTEZA hum grande todo composto de partes differentes, mas tão bem construidas, e ajustadas entre si, que todas se movião com uniformidade, ao mais pequeno impulso do seu leme, huma das mais pequenas partes de seu todo: tal he huma Monarchia bem ordenada, quando cada huma das suas partes encde o fim do seu destino; huma so parte desarranjada destruiria toda a maquina, fóra do seu lugar o leme, e não seria submergida.

VOSSA ALTEZA veria na sua náo, que o governo, e os movimentos della não erão dirigidos pelo ar-



so, nem por algum ignorante que primeiro se apresentava; mas sim por huma mão habil, prudente, e forte, reconhecida por huma experiencia longa na grande arte do governo. Ao sahir da barra veria os insidiosos cachopos, que por baixo d'agoa ameaçavão destruir a ndo, e afogar nas ondas tudo quanto nella se conduzia: veria o como o prudente e experimentado Piloto, por hum canal estreito e tortuoso, a conduzia direita ao largo mar.

Fóra dos Cabos veria na sua ndo huma pequena pedra, com huma força de attracção como de hum corpo animado, communicando a sua virtude ao ferro, que dirigia a marcha da ndo; huma pedra, cuja virtude, posto que ja antigamente fosse conhecida, com tudo os Portuguezes descobrindo nella huma tendencia para os Polos, forão os primeiros que se aproveitarão della, dispondo-a em huma linba de ferro parallela ao eixo dos Polos; e do centro della tirarão raios para todos os pontos da circumferencia: com este instrumento, so por elles inventado, desprezando a navegação, que até então so se fazia ao longo das costas, se lançarão ao alto mar, e perdendo a terra de vista, voarão de hum Polo ao outro Polo, e descobrirão novos mares, novas terras, novas

*estrellas, novos mundos; as Sciencias, as Artes, o Commercio tudo tomou huma nova face.*

*Esta só descoberta, este primeiro atrevimento, com que o homem se arrostou com a furia dos elementos, e com tudo quanto ha de medonho e de terrivel entre a vida e a morte, sem outro apoio mais do que o seu braço, e a sua cabeça; despida da inruga, da perfidia, e da traição, fazem sem duvida huma honra sem igual ao homem Portuguez: o seu nome será sempre ouvido com espanto, em quanto no mundo houverem Navegantes, Sciencias, Artes, e Commercio. Tantaõ factos heroicos e extraordinarios, se não fossem attestados por todos os Povos e Nações das quatro partes do mundo, que primeiro virão os Portuguezes, seriam tidos por hum sonbo, ou por huma fabula dos Gregos: aquellas mesmas Nações, que hoje nos querem olhar com desprezo, não podem deixar de confessar, que seus Avós vierão aprender dos nossos a ver o Mundo, e tudo quanto nelle ha de grande.*

*Todos estes prodigios forão feitos pelos Portuguezes, animados por hum Principe Protector dos Sabios, das Lettras, e do merecimento; por hum Principe, cujo Palacio era a aula, onde os Mestres da-*

\*\*\*

*não as suas lições aos Portuguezes seus educandos; e por hum Soberano, que apenas tendo feita humo sosegada viagem no verão de 1415, de pouco mais de cento e quarenta legoas, da barra de Lisboa a Ceuta, concebeo a idéa portentosa de exceder as forças dos Hercules da fabulosa Antiguidade: e de quantas idéas grandes, e sublimes não se encherá VOSSA ALTEZA, depois de ter sabido aos mares na força do inverno de 1807, e de ter atravessado mais de mil e duzentas legoas, muitas vezes ameaçado de ser engolida pelas ondas, e despedaçado pela furia dos ventos?*

*Faltarão por ventura a VOSSA ALTEZA aquelles antigos Portuguezes, para as grandes empresas que meditar para o bem dos seus Vassallos? Não, Senhor, nada falta; elles são ainda, como VOS. SA ALTEZA, descendentes daquelles homens extraordinarios, que para executarem conzas grandes bastavão ter na sua frente hum Principe que os guiasse, e hum Soberano que lhes desse o exemplo: elles não tem degenerado; e ainda quando passão á Zona Torrida, esta communica a elles, e a seus filhos o fogo ardente do seu clima; este fogo, que arrebata os homens acima de si mesmos, e que os eleva ao heroismo.*

Os Augustos Predecessores de VOSSA ALTEZA a respeito dos seus Estados, principalmente Ultramarinos, não tinham idéas muito claras: Elles só os conheciam por ouvir dizer; e talvez d'elles, que ou tambem os não conheciam, ou que só tinham visto huma pequena parte, e essa conforme as suas vistas acostumadas ao estreito, e acanhado terreno da Europa Portugueza; e VOSSA ALTEZA em tão poucos annos tem já nesta parte visto, e conhecido mais do que todos Elles. E como he hum dever do homem prudente, que entra em hum paiz novo, perguntar ainda mesmo ao rude camponez pelos caminhos, veredas, e atalhos; permitta VOSSA ALTEZA que eu como camponez, e natural do paiz, tenha a honra de lhe apontar com o dedo, posto que de longe, as riquezas de hum terreno, em que eu saltei, e corri na puericia, sem então me poder lembrar, nem me vir d'imaginação, que VOSSA ALTEZA o veria hum dia, e muito menos nos meus dias. O Ensaio, que teubo a honra de offerecer a VOSSA ALTEZA, já foi dedicado ao Augusto Pai de VOSSA ALTEZA no anno de 1794: com tudo, como os extraordinarios acontecimentos, que todos estão vendo com pasmo, e admiração, muddrão a face do Mundo Politico, foi

*tambem necessario mudar eu a face do meu Ensaio, e fazello apparecer como huma obra nova. Eu conbeço que esta minha offerta he indigna de hum Principe, a cujos olhos vivos, e penetrantes serão patentes os meus erros para minha vergonha eterna: mas eu só aspiro a deixar hum testemunho fiel do meu coração para com VOSSA ALTEZA, e do desejo de servir a minha Patria, ainda mesmo que de longe, e depois de morto.*

*Eu tendo a honra de ser com todo o respeito o Seu muito obediente e fiel Vassallo, e o mais indigno dos Bispos:*

Lisboa em 23  
de Janeiro de  
1711.

*D. José, Bispo d'Elvas*

A

## A Q U E M L E R.

**S**endo o objecto deste Ensaio não só os interesses de Portugal, e de suas Colonias, mas também os das Nações, que com ellas tem, ou quizerem ter relações de commercio; e tendo-se demorado esta obra na impressão por algumas causas imprevistas, e ao mesmo tempo tendo-se mudado a face do Mundo politico, e em muita parte a direcção dos interesses das Nações; seria necessario, ou mudar a cada passo este Ensaio, ou esperar que parasse a voluvel roda dos extraordinarios acontecimentos, que com pasmo, e admiração estamos vendo; mas como a velocidade de qualquer corpo he calculada pela força do impulso dado, multiplicado pela sua massa; e a espantosa revolução de que ha pouco todo o Mundo foi theatro, lhe deu hum impulso tão forte no gyro da sua roda, que ninguem poderá calcular o fim do seu movimento; assim como a de hum rochedo, que, despenhando-se do alto de huma montanha, accelerando sempre o seu movimento em continuos saltos, ninguem poderá assignar o limite da sua queda; e entre tanto os meus dias seriam acabados, eu me vi obrigado a ir accrescentando em Notas, ao que ja tinha escripto, o que foi de novo acontecendo.

Quanto ás muitas citações de Authores, que apresento no meu Ensaio ; e de alguns até mesmo refiro as palavras ; o que ainda que talvez aos olhos de algum critico parêça huma vaidade pueril, ou huma especie de charlatanaria ; com tudo, só tiverão por causa - a minha propria desconfiança : porque tendo eu de expor ao meu Soberano, e á minha Nação as riquezas que possui, e de que he capaz a terra, que me vio nascer ; terra em que parece que a Natureza tendo-se ensaiado em todas as outras para formar huma deliciosa habitação do homem, foi nella pôr o seu complemento ; e que por isso eu seria talvez considerado como hum cego apaixonado pelo amor, e delicias da minha patria ; me vi tambem obrigado a valer-me do testemunho de muitos sabios até mesmo Estrangeiros, os quaes, como izentos de toda a suspeita de paixão, e que primeiro do que eu virão, e examinarão aquella parte do Mundo, são os mesmos que confessão ser ella a melhor, e a mais rica de todo elle considerada por todos os lados : ella não inveja as riquezas das outras ; ella só espera pela industriosa mão do homem.

Eu conheço que a minha obra vai cheia de mil imperfeições, posto que algumas dellas forão devidas ás circumstancias ; mas espero que se attenda que as muitas occupações da minha vida publica, as pezadas obrigações do meu officio pastoral, o meu espirito sempre atribulado,

chamado muitas vezes para objectos entre si muito distantes, e mais que tudo já no ultimo quartel da minha existencia, não me derão lugar, nem descanso para limar a minha obra; o amor só da verdade e da minha Patria seria capaz de obrigar-me a tanto excesso: eu já não espero ter a consolação de a ver, nem de a abraçar; mas ainda que morra longe, eu sempre serei della filho amante, fiel, e saudoso.



## ERRATAS.

<i>Página</i>	<i>Linha</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
XII	2	<i>força</i>	<i>mãos</i>
74	2	aos	dos
84	26	<i>Magaiabibus</i>	<i>Margaiatibus</i>
89	8	so	que so
110	1	1744	1644
164	43	auxiliae	Milicioana

N. B. Algumas outras erratas se omittem por serem de facil correccão na leitura.

---

---

# ENSAIO ECONOMICO

## SOBRE O COMMERCIO DE PORTUGAL

### E SUAS COLONIAS.

---

---

#### PARTE I.

DOS INTERESSES QUE PORTUGAL PODE TIRAR DAS SUAS  
COLONIAS DO BRASIL.

---

#### CAPITULO I.

*Da-se huma breve idéa da grande fertilidade do Brasil; do muito gado, principalmente Vaccum, que produzem aquelles campos, e da muita abundancia dos peixes daquellas Costas.*

**A** AMERICA he hum terreno abundantissimo; o Brasil he o mais abundante da America: debaixo de hum clima quente, mas doce, ameno, e temperado pelas chúvas, e pelos ventos (a), está sempre produzindo em hum continuo giro. A terra está em todo o anno coberta de hum alegre verde, e em huma primavera continuada.

A

As arvores estão sempre floridas, e em cada huma dellas se vê ao mesmo tempo a flor, o fructo verde, e o sazonado. (b)

(a) Os climas das Zonas Torrida e Temperada se achão no Brasil tão perto hum do outro, que pôde hum habitante em poucas horas mudar de temperatura de ar, pela simples mudança de lugar, mais ou menos exposto aos ventos, e ás virações que são constantes entre os Tropicos; ou seja passando de hum lugar mais baixo para hum mais alto, e mais desafogado; como por exemplo na Cidade do Rio de Janeiro, sahindo do lugar afogado pelo monte do Castello, para o lugar de Nossa Senhora da Gloria, ou para o alto da Serra dos Orgãos, no lugar da Boa-Vista, onde o nome he desempenhado em toda a sua extensão; da mesma sorte em Pernambuco, mudando-se da Villa do Recife para a Cidade de Olinda da parte do mar: assim como se vê em Lisboa, mudando-se para Cintra no Verão, e da baixa, e afogada rua da Boa-Vista para o alto, e desafogado da rua do Moinho de Vento, ou de Buenos-Ayres; e pelo contrario no Inverno mudando-se de Cintra para hum lugar de Lisboa afogado, e abrigado dos ventos, principalmente do Norte, ou Nordeste.

(b) *Herrer. Descript. Nov. Orb. part. 12. f. 71. vs. Brasilia inter duos fluvios sita est, Miragnon et de la Plata . . . Regio tota in primis amoena est, coeli admodum jucunda, salubrisque temperies: lenium quippe a pelago ventorum commodissimi status matutinos vapores, ac nebulas tempestive disjiciunt: solesque putissimos, ac nitidissimos reddunt. Scatet ea tota ferme plagis fontibus, ac sylvis, ac omnibus inelytis . . . Terra partim in planitiem soluta, partim in colles elementer assurgens, felix praepinguibus glebis, et riguo solo, semperque vernante, credita semina multiplici reddit foenore; sacchari praesertim est ferax, quod coeleste donum, Attico melli multis partibus praefendum, proceris arundinus condidit natura. Joann. Stad. Histor. Brasil. part. 2. cap. 2. Brasilia per se ampla est regio, multas Barbarorum Nationes complectens, quae inter se linguis variant. Paria ferarum genera nutrit. Ipsa conspectu est amenissima;*

*arbores enim perpetuo virent, nec fere ullam cum nostris similitudinem habent.*

§. II.

Os matos produzem immensos fructos silvestres, com os quaes se nutre a immensa caça grossa, e volatil, que vaga por todos aquelles certões: he em fim innumeravel a variedade de peixes, que se crião nos rios, lagos, e mares, que bordão aquelle terreno delicioso. (a)

(a) Barlaei *Histor. Brasil.* pag. 132. *Animalium silvestrium, et mansuetorum multitudo maxima:* et pag. 133. *Jam et mare piscosissimum est, fluvii vario natantium genere celebres.* Lery *Histor. Navigat. in Brasil.* cap. 3. et 11. *Histoire gener. des Voyag.* liv. 6. chap. 9. §. 5. *Histoire Natur. du Bresil.* Pita *Histoire. da Americ.* liv. 1. n.º 49., e seguintes; n.º 70 e seguintes. Vasconcellos *Chronic. do Estado do Brasil* liv. 1. §. 28. e seguintes; 99. e 150.; liv. 3. §. 106. e seguintes. Vasconcellos d. *Vid. do P. Anchieta* liv. 1. cap. 3.

§. III.

Allí o Indio, aquelle homem barbaro e selvagem, sem agricultura, nem industria, debaixo de hum clima agradavel (a), e que o não incommoda (b), soberbo e altivo com a força e robustez do seu braço (c), sem mais vestidos do que aquelle, que lhe deu a Natureza, vive e dorme descansado, sem jámais se lembrar donde lhe hade lhe vir o sustento para o outro dia.

A ii

O arco, e a frexa he toda a sua riqueza; he toda a sua industria (*d*). Assim vivem milhares e milhares de homens (*e*), sem trabalharem para comer (*f*), que parece nascêrão só para gozar (*g*). A Terra da Promissão regada do mel (*b*), e do leite alli se vê retratada (*i*).

(*a*) A Cidade do Rio de Janeiro, no tempo da sua fundação no lugar em que se acha, foi huma das mais regulares, e mais formosas Cidades não só do Brasil, mas também de Portugal: muito plana, bem assentada, as ruas muito direitas, cortadas pela maior parte em angulos rectos, bem calçadas, com grandes lajes largas de pedra de cantaria pelos lados para passeio de pé, e pelo meio das ruas de pedra miuda para duas carroagens a par; muito aceadas, e muitas d'ellas varridas quasi todos os dias, e sem que nellas se lançasse nem hum copo d'agoa, debaixo de pezadas multas para as despezas das obras publicas; as quaes se arrendavão todos os annos publicamente a quem mais dava por ellas; e o remarante, ou rendeiro, como interessado nas multas, era hum fiscal inexoravel, que trabalhando pelo seu interesse, trabalhava pelo bem publico, e pela conservação, e accio de toda a Cidade.

A Vigilante policia do Senado da Camara dava todas as providencias, para que o publico fosse bem servido de todo o necessario: ella abundava de todos os viveres de peixes, carnes frescas, e salgadas, e de carnes de porco, em todo o anno, por preços muito commodos: frutas, e hortaliças, com muita abundancia: chafarizes com bastante agoa para o provimento da Cidade: as estradas muito commodas, e quasi sempre por planicies, e campinas em todas as direcções da Cidade, para qualquer parte, por mais de hum dia de jornada, até junto á Serra dos Orgãos, que quasi a cerca por todas as partes, dando sahidas para as outras Capitanias pelo meio de algumas gargantas, ou pequenas planicies por entre montanhas, o que contribue muito para a defeza da mesma Cidade pela parte da terra.

O Rio de Janeiro está situado como Lisboa á borda do mar, que entrando por huma barra estreita se pôde fechar com huma cadeia, mas he muito funda, e sem algum perigo, nem cachopos; fórma dentro huma enseada tres vezes maior do que a do Tejo, capaz de nella ancorarem grandes armadas de guerra, abrigadas de todos os ventos, e com muitas Ilhas pelo meio, povoadas de Fazendas e Quintas, que fazem a vista aprazivel, e agradavel: a sua barra além de ser defendida pela Natureza, he-o tambem pela Arte com oito grandes Fortalezas guarnecidas de grossa artilharia, além de muitos Fortes pelo interior d'aquella enseada de mais de 20 legoas de circumferencia. Da Serra dos Orgãos, e suas vizinhanças descem para a mesma enseada muitos rios de fundo bastante para grandes barcos carregados, que todos os dias transportão muitos viveres e generos de Commercio para as ribeiras, e mercados daquella Cidade sempre muito abundante. Os principaes rios são o de *Guaxitiba*, o de *Macacú*, o de *Guapi*, o de *Surubi*, o de *Magé*, o de *Iguassú*, o de *Sarupuí*, o de *Meriti*, o de *Irajá*, além dos muitos portos, que estão á borda da grande enseada, onde se achão sempre muitos barcos prontos para transportes.

Aquella Cidade porêem tão dotada pela Natureza para ser huma das primeiras do Mundo, teve na sua fundação, e edificação o defeito que sempre tem tido todas as Cidades antigas, assim como tambem as Nações, que só o tempo, e as circumstancias as vão polindo, e aperfeiçoando; e até mesmo as grandes calamidades, acontecidas por hum transtorno da Natureza, ou pela perversidade dos homens, quando ha alguns que de taes desgraças se saibão aproveitar, aprender a prever e acautelar o mal para o futuro: os grandes incendios, as inundações, as guerras desoladoras, os terremotos são muitas vezes grandes mestres. Lisboa por exemplo, antes do terremoto de 1755, a pezar dos ricos dotes da Natureza, devia á Arte muito pouco; ella era em grande o que ainda hoje he em pequeno o Bairro d'Alfama: a Ley que estabeleceu os marcos em certas ruas para providenciar os encontros das carroagens, seges, e carros he hum monumento, que atesta a falta da policia d'aquelles tempos.

Os primeiros habitantes, e fundadores da Cidade do

Rio de Janeiro se forão estabelecer sobre o alto monte hoje chamado do Castello, quasi todo escarpado em roda, para d'alli se defenderem das incursões repentinas dos Indios *Topin Imbás* ou *Tamoyos*, então Senhores d'aquellas terras; os quaes atirando as suas settas por elevação sobre as casas dos novos habitantes, ainda pouco reparadas e de palha, os matavão dentro; outras vezes, untando as frechas ou settas de resinas inflammaveis e ardendo, lhas lançavão sobre as casas, e quando os pobres habitantes fugião ao incendio na escuridão da noite, hião cabir debaixo da foice, ou das grandes massuas dos Barbaros anthropophagos seus inimigos.

Este repetido methodo de fazer a guerra d'aquelles Barbaros ensinou aos novos habitantes a fazerem huma grande casa toda de pedra para se livrarem das settas, e dos fogos: este novo methodo de defeza não só desanimou aquelles Indios, mas até os fez temer, e respeitar aos Portuguezes, vendo que as suas armas se tornavão inuteis contra as dos novos habitantes; aos quaes elles com respeito, e admiração d'alli por diante principiarão a chamar *Carib-oca*, que vale o mesmo que *Branços da Casa de pedra*, e hoje por corrupção do vocabulo *Cariocas*. Depois que os Indios se forão afugentando, ou fazendo se mais domesticos, e trataveis com os seus novos hospedes, forão estes descendo do grande monte a situar-se na planicie, que lhe ficava por baixo immediatamente; talvez então a unica terra, que por alli se achava descoberta, lavradia, e desalagada. Aquelles habitantes não fizeram mais do que edificarem as suas casas em linha recta, e com ruas de huma largura sufficiente, seguindo a planicie, sem darem bastante altura ao terreno para o escoamento das agoas, nem se lembrarem que haveria tempo em que todas as immundicies se lançarião á rua; elles edificavão a seu arbitrio e fantazia, por ainda então não haver hum que dirigisse o todo da edificação da Cidade.

Os primeiros povoadores do Rio de Janeiro, tratando só de se aproveitarem da planicie; não advertirão que ficavão cercados de montes, e principalmente do grande do Castello, da parte da barra, donde entra o vento da viação todos os dias, como he frequente nas terras entre

os Tropicos; vindo por isso a ficar o local da Cidade muito abafado: a falta de respiração, que em outro tempo não era tão sensivel, por ser a Cidade mais pequena, e mais arejada, hoje pela sua grandeza se tem feito bastante penosa. Estes males são remediaveis, sem que seja preciso esperar-se por hum terremoto (o que ainda não consta que alli houvesse) nem por hum incendio, nem por huma guerra devastadora; huma só palavra do Soberano; aquella Cidade será a melhor do Mundo: a Natureza lhe tem dado tudo; a Arte he a que lhe falta.

O grande monte do Castello, que serve de padrao a aquella Cidade, e que lhe impede quasi toda a viração do mar, tão necessaria debaixo da Zona Torrida, está sobre o mar pela parte da praia de S. Luzia, para onde pôde ser lançado, fazendo-se encostar toda a terra desmontada ao longo da mesma praia, seguindo para a de Nossa Senhora da Gloria, até se fosse possível chegar á Fortaleza do *Villagagnon*; e sobre todo o terreno, que ficasse do dito monte juntamente com o novo aterro, formado ao longo da praia, se poderia edificar huma Cidade nova muito grande, e com todas as proporções que se quizesse, dispondo as ruas de sorte que recebessem a viração da barra; dando-se ao terreno novamente formado toda a altura necessaria para o escoamento das agoas; e poderia ficar abaulado huma parte fronteira á praia de S. Domingos, e outra para a de Nossa Senhora da Gloria.

Da parte fronteira á praia de Nossa Senhora da Gloria, e á terra firme se poderia fazer hum canal, para dar passagem ás agoas vertentes de Mataballos, por baixo dos canos da Carioca, que corresponde aos canos das agoas livres de Lisboa, até sahir á praia junto do Seminario da Senhora da Lapa, sempre encostado pela praia até á barra do rio Catete, junto ao monte de Nossa Senhora da Gloria; em cuja barra se poderia fazer hum dique, que recebendo a agoa do rio por huma parte, lhe desse sahida pela outra, para sempre se conservar limpo de lodo, e de areia, e com portas para se abrir, e fechar, e esgotar ás agoas, quando dentro delle se quizesse trabalhar. Não se poderia temer que o rio, ou o canal da barra do Rio de Janeiro se entulhasse com huma tal obra, por ser o fundo della de pedra, e a corrente das marés



tão fortes n'aquelle estreito , que não deixão alli parar as areias.

Para toda esta obra não seria necessario que a Fazenda Real gastasse , nem que se pozesse algum tributo ; bastaria que se mandassem avaliar todos os predios edificados sobre o dito monte do Castello , e que huma companhia de Negociantes se obrigasse a pagar aos Proprietarios dos ditos predios o valor da avaliação , a pagamentos conforme se ajustassem , ficando para os Associados livre de direitos todo o ouro que se extrahisse do dito monte ( que dizião ter sinaes de haver muito ) , e todo o terreno da baze do dito monte , e o que elles podem estender ao longo da praia de Nossa Senhora da Gloria até a Fortaleza do *Villayagnon* , que poderia servir de Castello de defeza da Cidade : é como , desmontado o monte do Castello , ficaria gozando da melhor vista , e dos melhores ares de toda a Cidade o monte de Santo Antonio que lhe fica fronteiro ( que de prezente supponho ainda sem algum edificio , ao menos nobre ) se poderia dar a parte delle desoccupada aos ditos Associados , como parte da paga daquella obra , alem dos auxilios que mais se julgarem justos.

A Cidade velha se poderá ir pouco a pouco reduzindo a Quintas , e a grandes Praças de que tem falta , dando-se-lhe a altura proporcionada para o escoamento das agoas pelos grandes canos , que de necessidade se deverão abrir ; com hum tal beneficio , depois de livre do monte do Castello , ficará com mais ar , e mais saudavel , e se poderá reduzir a perfeição ; mas tudo isto so com o tempo se poderá fazer , sabendo-se com tudo aproveitar a occasião.

(b) Vasconcel. liv. 2. *das Noticias curios. do Bras. n.º 103.* » Por conclusão deste livro , e descripção do Brasil , » em que temos escrito as qualidades da terra , o temperamento do clima , a frescura dos arvoredos , a variedade de das plantas , e abundancia de frutos , as ervas medicinaes , a diversidade de viventes , assim nas agoas , » como na terra , e as aves tão peregrinas , e mais prodigios da natureza , com que o Autor della enriqueceu » este novo mundo , poderíamos fazer comparação , ou » semelhança de alguma parte sua , com aquelle Paraizo

» da terra, em que Deos nosso Senhor como em jardim  
» poz o nosso primeiro Pai. »

(c) *Herrer. d. part. 13. sect. 4. de Brasil. cap. 3. Brasilia est regio valde temperata, jucundum, et salubrem aërem habens. Incolae vitam plerumque ad nonaginta, centum, et plures annos producunt. Nec aestus, nec frigus est intensum. Stád. d. part. et cap. 2. Agiles sunt, et justa membrorum proportione vafri, et malitiosi admodum, hostilibus suis adeo infesti, ut extreme eos persequantur, et captos devorent. Lery Histor. navigat. in Brasil. cap. 7. Ii corpus nec prodigiosum, nec monstrosum habent; sed nostro, qui in Europa vivimus, persimile quod ad staturam spectat. Sunt quidem fortiores, robustiores, saniores, et minus obnoxii morbis. Pauci apud eos sunt claudi, pauci altero privato oculo: deformes fere nulli: licet etiam centesimum ac vigesimum aetatis annum saepe attingunt. . . . pauci tamen canescunt. Id vero regionis illius temperiem indicat, quae cum nullis frigoribus, aut pruinis torreatur, virides herbas, agros, et arbores semper habet: ipsi quoque molestiis, ac curis omnino vacui Juventutis in fonte labra rigasse videntur.*

(d) *Herrer. d. part. 13. sect. 4. cap. 1. de Brasil. Haec gens, omnesque Incolae cujuscumque prosopiae fuerint, nudi incedunt, nec vel minimum erubescunt: imo tam honeste, ac modeste inter se conversantur, quasi adhuc in statu innocentiae viverent. Lery d. cap. 7. Caeterum viri, foeminae, infantes nudi prorsus incedant, nec ullas corporis partes unquam tegunt, nullo ejus nuditatis pudore.*

(e) O Indio para ter lume não precisa de pedra, nem de fuzil: com hum pedaço de pão de Guachima, ou de qualquer outro, secco, e duro, aguçado em huma ponta, esfregando com as mãos como hum fuço, sobre outro pão secco, e brando, que elle prende com os pés, como se o quizesse furar, apparece logo fumo, e brazas; á qual elle applica hum pouco de algodão, ou de folhas seccas, em lugar da isca, para dellas tirar todo o lume de que precisa.

(f) *Herrer. d. cap. 1. Victum, et alimentum suum plerumque ex eo sumunt, quod terra sponte, et absque ulla ratione profert. Stadius d. part. 2. cap. 2. Sunt in ea regione fruges quaedam, et arbores etiam frugiferae, quae victum hominibus pariter, et animantibus praebent: et cap. 3. Feras*

per deserta venatur, quas ingeniose admodum jaculis confingere novit . . . Vescitur melle etiam apum silvestrium, quod illis abundat. Noiunt. . . ferarum voces, et clamores, tum avium linguas, et concentus ingeniose imitari, quo facilius illis imponant, et jaculis etiam consequantur. Focum instruente mo-re reliquorum scintillas ex lignis collisis, seu sibi invicem attritis eliciunt. Condaminé *Voyag. de la Rivier. des Amazon.* pag. 159. la Nature semble avoir favorisé la paresse des Indiens, et avoir été au devant de leurs besoins: les lacs et les marais, qui se rencontrent a chaque pas sur les bords de l'Amazonne, et quelquefois bien avant dans les terres, se remplissent de poissons de toutes sortes, dans le tems des crues de la riviere: et lorsque les eaux baissent, ils y demeurent renfermes dans des etangs, ou reservoirs naturels, ou on les peche avec la plus grande facilité.

(g) No Brasil não se conhece a peste tão frequente, como se vê na Europa, sem exceptuar Portugal, de que tantos estragos refere a nossa Historia, e a da Hespanha, e modernamente se tem visto em Cadis, Malaga, e Cartagena: tambem se não conhecem as febres amarellas, tão conhecidas na America Septentrional; as bexigas, e os males, que ainda hoje conservação alli o seu nome, forão levados de presente aos Selvagens daquelle parte do Mundo pelos que se dizião os mais civilizados da Europa. Vej. a Carta escripta do Rio de Janeiro por hum Francez companheiro de Villagnon, em 8 de Maio de 1556, copiada por Lery no fim da sua Obra *Histor. Navicat in Brasil.* onde diz: *Barbari a nostro adventu pestilentis, et contagiosa febre correpti fuere, qua plures octingentis perierunt.* *Histor. Philos.* tom 3. Liv. 6. Chap. 11. pag. 184. et Chap. 22. pag. 253 *Un grand nombre furent la victime d's maladies horreuses, que leurs inhumains vainqueurs leur avoient portés.* Cock na sua *Segunda Viagem ás Ilhas do Mar do Sul* trata com individuação deste objecto, quando diz, que os Indios da Ilha do Otobeite se queixarão do mal, que lhes fizerão alguns dos companheiros da sua primeira viagem áquelle Ilha. Mr. La Harpe *Histor. Gener. des Voyag.* tom. 20. pag. 7. *Le Commerce des O:abitiens avec les habitans de l'Europe, les a deja infectés de la maladie venerienne, . . . et ce sont les Anglais ou les Français qui y ont porté cette mala-*

die . . . . nous fimes des recherches à cette occasion, et lorsque nous entendimes un peu la langue des Insulaires, nous apprimes qu'ils en étoient redevables aux vaisseaux qui avoient mouillé sur le côte oriental de l'île, quinze mois avant notre arrivée. Ils la distinguaient par un mot qui revient à celui de pourriture, et auquel ils donnaient une signification beaucoup plus étendue; ils nous décrivirent, dans les termes les plus pathétiques, les souffrances des premiers infortunés qui en furent les victimes; ils ajoutèrent qu'elle répandit parmi eux une erreur et une consternation universelle; que les malades étoient abandonnés par leurs plus proches parens, qui craignoient que cette calamité ne se communiquât par contagion, et qu'on les laissait périr seuls dans des tourmens qu'ils n'avoient jamais connus auparavant. Alguns Sabios Professores de Medicina tem ja mostrado, que taes molestias erão conhecidas na Europa ainda antes da descoberta da America. (\*) Aos olhos de algum Impostor, que so sabe ralhar, e repetir o que outros disserão, esta Nota parecerá talvez ociosa: mas ella parece justa, e necessaria ao que dezeja saber a verdade; e ao que conhece, que o Homem hem educado não so deve defender a honra da sua Patria; mas tambem a estimacão, que merece o lugar do seu nascimento, pela salubridade dos seus ares.

(b) Em Angola ha muita abundancia de abelhas da mesma especie das da Europa; e dalli vai muita cera para o Brasil: seria muito util, que d'Angola se transportasse tambem para la esta especie de abelhas; por ser a cera d'ellas melhor, e mais clara do que a das abelhas do Brasil: ellas serão de huma producção immensa em hum paiz onde as arvores estão sempre floridas; os fructos, as canas doces, e o assucar se achão alli em qualquer parte.

As abelhas que actualmente ha, são de tres especies, como diz Stad. d. cap. 35. *Tria genera apum illic proveniunt: primum fere cum nostris conferri potest: alterum nigrum est, et muscarum magnitudine: tertium minus est,*

B ii

(\*) Vej. *Dissertation sur l'origine de la Maladie Venerienne par M. Sanches: Paris 1752. Examen historique sur l'Apparition de la Maladie Venerienne en Europe: Lisbonne 1774. Petr. Martyr ab Anglerica. Decad. America. Le Docteur Hunter dans les Transactions Philosophiques; e outros.*

nec culices superat. Hae omnes in arboribus exesis mellificant. Ipse cum Barbaris saepius mel de triplicis hujus generis alvearis exemptum collegi; quod minimum vero earum genus confecerat ut plurimum praestabat: sed nec illae aculeos habent tam acres, acque nostrae. Labat *Voyag. aux Isles d' Ameriq.* tom. 2. chap. 20. *Les abeilles sont de moitié plus petites, que celles d'Europe; elles sont plus noires, et plus rondes; il ne paroît pas qu'elles ayent d'aiguillon, ou si elles en ont, il faut qu'il soit si foible, qu'il n'ait pas la force de percer la peau. . . . Leur miel est toujours liquide, et ne se fige jamais; il est de couleur d'ambre, et de la consistance de l'huile d'olive. Il est extrêmement doux, et agreable.* Lery d. cap. 12. in fin. *Quotiescumque novi illius orbis imago ob oculos observatur, aerisque temperiem, animantium multitudinem, avium varietatem, arborum, et plantarum elegantiam, fructuum denique bonitatem animo recolo, toties Prophetae ista Psalmi 104. exclamatio mihi in mentem venit:*

O quae vis fuit illa, quae potestas!  
 Quae prudentia multiplex, creandis  
 Tot rebus simul, et simul regendis!  
 Nam quaecumque patet globosa tellus,  
 Vis quoque Imperii tui patescit.

Buchanano no Poema da Esfera;

. . . . . Brasiliaque arva,  
 Arva voluptati tenerae, blandisque dicata  
 Deliciis; cornu quae copia larga benigno  
 Et veris genialis honos fovet, aurea durae  
 Mala ferunt silvae, ridet vestita colores  
 Terra novos, odor ambrosius de suavis halat  
 Floribus, et mixtis volucrum strepit aura querelis.

(i) Educam vos ad terram fluentem lacte, et melle. Exod. 36.  
 17.

#### §. IV.

Aquelle precioso torrão produz immenso gado de toda a especie: o vacum he tanto, que a maior parte delle so se mata para se lhe tirar

a pelle (a); os muitos milhares de coiros, que todos os annos vem daquelle continente fazem ver esta verdade (b): a abundancia do leite he em consequencia á proporção. As carnes, que bastão para o consumo do paiz, são nada em comparação das que se desperdição; as aves, as feras, os tigres são os que se aproveitão deste superfluo: e todo, este desperdicio se faz pela carestia do sal. (c)

(a) Pitta *Hist. da Americ.* liv. 1. n.º 60. e seg.

(b) Nos cerrões do Brasil onde se crião muitos gados, e principalmente no Rio-Grande de S. Pedro do Sul, não so ha muitos coiros de gado vacum, que podem ser de muita utilidade sendo curtidos, e os seus restos, ou garras reduzidos a colla ou grude; mas tambem ha outros muitos coiros, que se podem curtir com cabello, como são os das Onças, os das Lontras, ou Cachorros d'agoa, cujos pellos serão tão bons, ou talvez melhores para os chapeos finos, do que o do Castor; da mesma sorte o da Perguiça, cujo pêllo recebe todas as tintas como o algodão, ou qualquer lá, poderá ser de interesse para o Commercio

(c) No Brasil a Natureza produz o sal naturalmente; na Bahia junto a Cabo Frio, e na outra perto do Cabo de S. Roque he tanto, que podem-se carregar muitos navios. Veja-se Vasconcellos liv. 1. *das Notic. antecedentes do Brasil* n.º 42. e n.º 57; mas he prohibido o Commercio livre deste genero naquelle Paiz; por ser hum contrato Regio neste Reino. V. Pitta *d.* pag. 124. n.º 56. liv. 2. sobre as grandes salinas de Cabo Frio.

## §. V.

No continente das Minas, principalmente das Geraes, o sal he tão necessario até para os ali-

mentos, que delle precizão não so os homens, mas tambem os gados, e todos os outros animaes. Desde que se sobe a grande serra, do mar para as Minas, he necessario dar sal principalmente ás bestas, que muitas vezes não querem comer sem elle. Os campos daquellas Minas, ainda que produzem muita herva, não tem com tudo todo o sal necessario para o gosto, e nutrição dos gados: e por isso ou se hão de perder tantos campos, ou se ha de dar sal aos gados, por hum preço muitas vezes mais caro, do que elles valem. (a)

(a) He digno de notar-se, que em alguns outros campos, mais para o interior dos certões, ha terras naturalmente impregnadas de sal, a que chamão *barreiros*, em que se cria muito gado, ao qual a Natureza ensinou, assim como a todos os outros animaes, e ainda ás aves daquelles contornos, a irem comer daquelle barro. A concurrencia de tantos animaes tão differentes, e tão variados nas suas cores, juntos em hum so passo, apresenta o mais bello espectaculo ao olho contemplativo do Filosofo; desafia a cruel paixão do caçador; e a traição das aves, e das feras carniceiras, que muitas vezes so matão para beber o sangue das suas victimas.

## §. VI.

O sal, este genero da primeira necessidade para a conservação das carnes (a) e dos pescados, he naquelles certões de huma carestia summa. O sal com que naquelles certões se salga hum boi custa duas, e tres vezes mais, do que

vale o mesmo boi; da mesma sorte o peixe. No Rio Grande custa hum boi 700 reis, hum cavallo 600 ate 800 reis, hum macho, ou a melhor besta muar não passa de 1600 reis: hum queijo de 9 arrates 160 reis, hum arrate de manteiga 40 reis, etc.

(a) He sabido, que as carnes se conservão muito bem em espirito de vinho; e como no Brasil ha, e pode haver muita abundancia de agoas-ardentes, extrahidas não so das canas do assucar, e do mel, ou melaço, mas tambem do milho, e das frutas, ainda mesmo silvestres, do sapé, e muitos outros vegetaes; serião de grande utilidade para a conservação das carnes, ao menos das mezas de luxo, por serem mais saudaveis, e conservarem talvez melhor o gosto das carnes frescas, do que com o sal: o mel, ou melaço, depois de fervido e de purificado, conserva frescas as frutas, os ovos, e as sementes por muito tempo, sem corrupção, sendo mergulhadas, e bem tapadas, de sorte que lhes não chegue o ar.

## §. VII.

Para o Brasil he prohibido o Commercio do sal; so se concede este privilegio a hum Arrematante, que paga annualmente á Fazenda Real 48:000\$000 reis. O Arrematante deste privilegio tira do Brasil mais de 96:000\$000 reis; 48 para a Fazenda Real, e mais de 48 para elle, e seus Socios, Agentes, Recebedores etc. alem do custo principal do sal, e seus fretes: e quanto mais para o interior dos certões, aonde ha mais gados, e por consequencia onde o sal he mais necessario, he tanto mais caro, quanto mais se



multiplicação os fretes doñ carretos em bestas, e pelo meio de serranias intractaveis. No Serro do Frio, quando o sal he mais barato, hum prato não custa menos de 225 reis. Naquelles certões em fim hum prato de sal he hum dos maiores presentes que se fazem. (a).

(a) Nos certões das Minas Getaes, e principalmente junto ás margens do Rio de S. Francisco ha terras muito impregnadas de sal marinho, das quaes se poderia extrahir muito pelo meio da refinação; assim como tambem das agoas muito salgadas dos Rios denominados o Sangrador, Freixas-grandes, Pirapitanga, na estrada que vai para Mato-Grosso entre os dois Rios Cuiabá, e Paraguay, rios salgados, que talvez tenham as suas origens em algumas minas de sal gemma. Vej. o meu *Discurso sobre as Minas do Brasil* cap. 4. pag. 55. : seria muito util, que alli se estabelecessem Fabricas de refinação do sal em vasos de barro, e não de cobre, nem de outro metal, que possa ser prejudicial á saude.

### §. VIII.

Além dos muitos contos de reis, que se tirão todos os annos do Brasil para se enriquecer hum homem, que remata o contrato do sal; perdem, ou deixão de lucrar os colonos, e todo o Commercio de Portugal os interesses incalculaveis, que aliás poderião tirar da grande abundancia dos pescados, e das carnes salgadas, dos toicinhos, dos queijos, das manteigas, etc.; e o Erario Regio so por 48:000000000 reis, que recebe todos os annos, se priva dos muitos 48 contos, que necessariamente deverião produzir os

direitos destes generos nas Alfandegas, se a carestia do sal os não fizesse impraticaveis.

§. IX.

Sem carnes, nem peixes salgados, a Marinha de Portugal se reduzirá sempre a coiza muito pouca; não haverá carga para muitos Navios, não haverão Marinheiros, nem escola para elles. Os fretes serão sempre muito caros, e de necessidade hão de carregar sobre os assucares, e sobre os outros generos da agricultura das Colonias; e por consequencia nunca poderá esta entrar em concurrencia com a dos Estrangeiros, que navegão por hum preço mais commodo.

§. X.

Os certões, que mais abundão de gados, são os menos habitados: hum só homem he senhor de hum grande terreno, coberto de muitas mil cabeças de gado: e como o luxo cresce á proporção da grandeza da povoação, vem o luxo de taes habitantes, por isso que são poucos, a ser tambem muito pouco, em comparação do muito que elles possuem quasi sem trabalho; a Natureza só he a que chama aquelles gados, para trabalharem em beneficio daquelles colonos creadores (a).

(a) Hum fazendeiro creador de gados em Pernambuco

C

me disse, que em quanto elle podesse vender hum boi nas grandes Villas e Cidades pelo preço que nellas se vende huma gallinha, queria antes crear bois naquelles certões, do que gallinhas; porque estas precizão de milho, e de quem as carregue para as feiras, e praças publicas, e os bois vão por seus pés, e tem pastos por toda a parte.

### §. XI.

Hum Navio carregado das manufacturas da Metropole para o Rio Grande, por exemplo, vestiria, e faria o luxo de todos os creadores daquelles campos: mas este so Navio não poderia trazer de huma vez todo o equivalente da sua carga: não em dinheiro; porque o não ha, nem o pode haver naquelles certões, por isso mesmo que elles se considerão sem Commercio: não em generos; porque são de mais pezo, e de menos valor do que os da Metropole; hum covado de baieta no Rio Grande vale mais do que hum boi, e com tudo peza muitas vezes menos.

### §. XII.

Seria necessarió, que o Navio da Metropole fosse huma vez carregado de manufacturas, e duas e tres vazio, fazendo despezas, e sem lucros, para trazer aquelles generos até preencher o equivalente da sua primeira carga; pois que de outra sorte o Navio da Metropole seria sempre credor, sem nunca poder saldar a sua conta, nem

realizar o seu principal: ou seria necessario cargar os fretes, e despezas de duas, ou tres viagens sobre os effeitos de huma só; o que certamente seria cortar pela raiz as producções da Colonia, e em consequencia o Commercio da Metropole: logo seria necessario navegar para aquella Colonia generos, que pouco mais ou menos se equivalhão em pezo, e valor. Eu não sei que a Metropole tenha algum outro genero, que melhor encha todas estas ideas, de que o sal: so elle será capaz de fazer a carga do Navio da Metropole, e de produzir o retorno do da Colonia.

§. XIII.

Logo pois que seja livre o Commercio do sal para o Brasil, o superfluo daquelles certões não será para os tigres; nem o daquellas Costas para os monstros marinhos (a): o pescador, o creador dos gados, o agricultor, e commerciante darão as mãos entre si; elles virão logo sustentar a Metropole de carne (b), peixe, pão, queijos, manteigas, e de todos os viveres. So por esta porta entrarão para o Erario Regio muitos 48 contos de reis (c): e Portugal hirá descobrir thesouros inexauriveis, mais ricos que o Potosí.

(a) Não posso deixar de referir aqui o descuido dos moradores de Pernambuco, do Rio Grande, e principalmente de Cabo Frio, e dos Proprietarios de terras daquela Commarca; pois que, concorrendo alli todas as circumstancias necessarias para grandes Pescarias, de que podem

tirar grandes utilidades, se não sabem aproveitar de tanto bem: alli o sal se forma em muita abundancia pela simples obra da Natureza, por cuja causa ficarão izentas do contrato Real do sal as ditas Capitánias, como he expresso na condição nona do mesmo contrato, que diz assim: » os moradores das ditas Capitánias de Pernambuco, « Cabo Frio, e Rio Grande, poderão uzar livre de todo o » sal, que produz a Natureza, e se fabrica nas ditas salinas; mas de nenhuma sorte nem elles, nem outra alguma » Pessoa, o poderão navegar para a Bahía, Rio de Janeiro, » ro, e Santos, nem para outras Capitánias, ou Ilhas daquelles distritos. » Todo o peixe que corre em grande abundancia por aquella Costa do Sul, de necessidade passa por aquella Cabo, ou seja indo, ou vindo: as praias, indispensaveis para as séccas, e salgações dos peixes, ( e que tem sido causa de grandes contestações entre os Inglezes, e os Hollandezes nas Costas de Escocia ) são em Cabo Frio muito amplas, e dilaradas, e sem contestação que faça algum Estrangeiro: nas visinhanças daquelle Cabo ha a grande Aldêa de S. Pedro, de Indios ja domesticados, que todos podem servir naquellas pescarias por preços muito modicos; e até mesmo as mulheres, e os rapazes para escalar, salgar, extender, e recolher os peixes nas praias. Se alli se estabelecessem boas fabricas de pescarias, á imitação das do Algarve, Cines, Cezimbra, etc., seriam sem duvida de huma riqueza immensa para os Proprietarios das redes, das salinas, das terras; e de hum grande soccorro ao menos para a sustentação da Marinha de Commercio daquellas Costas, e dos escravos, principalmente das lavoiras.

(b) Da muita abundancia de carnes daquelles certões se podem fazer pastilhas de gelêa, que sendo de facil conducção, e conservação, podem ser de muita utilidade para os doentes dos Hospitales.

(c) Não digo com tudo que o Erario Regio ceda em beneficio das Colonias os 48:000\$000 reis, que annualmente recebe do contrato do sal; so sim que seja livre para o Brasil o Commercio do sal, pelos grandes interesses, que hão de resultar muito em dobro ao mesmo Erario, e aos Povos: e que o tributo dos ditos 48:000\$000 reis se ponha em qualquer outro genero, que não seja

tão prejudicial ao grande Commercio, e interesse de todo o Estado: o que tudo se poderia conseguir mandando-se, que as Camaras daquelle Continente rateassem a dita quantia entre si á proporção do sal, que do contrato gasta cada Cidade, Villa, ou Commarca; e que ficasse livre ás mesmas Camaras, como mais bem instruidas dos seus interesses particulares, o poderem pôr aquelle tributo, ou contribuição correspondente á sua parte, em alguns outros generos, que fossem menos peizados a cada repartição. E quando, por ser evidente o prejuizo, que o contrato ou o monopolio do sal causa aos interesses do Estado, parecesse a S. Alteza Real, que elle se deveria haver ja pot extincto; como em tal caso seria muito justo, que se desse ao actual Contratador huma certa quantia durante o resto do tempo do seu contrato, pelos seus lucros cessantes, a que elle tem direito pela boa fe com que arrematou o dito monopolio; parece-me que aquelles Povos considerando bem nos seus interesses, de muito boa vontade, e prontamente contribuirão com mais 4, ou 5 contos de reis annualmente para o dito Contratador; e que acabado o seu contrato, ficassem para sempre estes 4, ou 5 contos accumulados aos ditos 48.000.000 reis, em utilidade do Erario. Aquelles Povos conhecerião sem duvida, que ainda desta sorte vinhão elles a lucrar por huma parte os muitos contos de reis, que alias tirão delles os Contratadores, ou Arrematantes do dito contrato, ao menos para pagar aos seus Caixas, e Agentes; e por outra parte lhes ficaria aberta a porta para hum commercio immenso de carnes, peixes salgados, manteigas etc.; e os mesmos Proprietarios das marinhas farião hum maior Commercio, pelo maior consumo, que necessariamente se havia de fazer do seu genero; consumo, que por agora ou no estado do dito contrato, se faz impraticavel pela sua mesma carestia.

## CAPITULO II.

*Portugal pelo grande superfluo que tem, e pode ter das suas Colonias, deve necessariamente promover o Commercio da Navegação.*

## §. I.

**A** ABUNDANCIA, e o superfluo, que sobeja do necessario de huma Nação, he que fórma o objecto do seu Commercio. A agricultura, e a industria são a essencia: a sua união he tal, que se huma excede a outra, ambas se vem a destruir por si mesmas. Sem a Industria os frutos da terra não terão valor; e se a agricultura he desprezada, acabão-se as fontes da Industria, e do Commercio; deste mar immenso, que anima e sustenta milhões, e milhões de braços no meio da abundancia, sem a qual tudo cahe na languidez, no ocio, no vicio, e na miseria.

## §. II.

Hum grande Commercio pede huma grande navegação: e como os proveitos da navegação procedem das sommas dos proveitos da agricultura, e das manufacturas; segue-se, que a nave-

gação he hum dobrado augmento de forças reaes, e relativas de hum Corpo Politico. Tudo quanto huma Nação ganha de huma parte, diminue a potencia real, e relativa das suas rivaes; e reciprocamente se augmenta de tudo quanto ellas perdem.

§. III.

A Politica distingue tres objectos differentes na navegação. I. A occupação que ella dá ás gentes do mar, que fazem o trabalho della. II. A construcção dos navios, que he necessario considerar como huma fabrica. III. A utilidade que ella procura ao Commercio pelo transporte das producções, e das manufacturas; transporte, que além da commodidade que elle dá ao Commercio, he ainda lucrativo para o povo que o faz. Estes tres objectos merecem ser mais claramente desenvolvidos.

§. IV.

Hum Paiz bem povoado, cujas Provincias são situadas junto ao mar, que tem Costas de huma grande extensão, sonda os habitantes nascem com huma inclinação decidida para a vida maritima; hum tal Paiz pode occupar na navegação hum muito grande numero de homens, que todos ganhão muito mais neste mister, do que não terião feito trabalhando por dia na la-



voira , rasgando a terra , ou applicando-se a alguma outra profissão commua. E como as gentes do mar vivem quasi sempre a bordo dos seus navios , aonde elles não podem fazer grandes despezas de luxo ; trazem para a sua patria , ou para o scio da sua familia , aquillo que elles poupão dos seus salarios , ou que ganhão em algum pequeno trafico. Todo este dinheiro he ganhado para o Estado , e augmenta a massa das suas riquezas.

#### §. V.

Aquelles que tem visto construir , e equipar navios , sabem quantos obreiros de diferentes misteres são nelles empregados. Carpinteiros , Calafates , Mestres de velame , Cordoeiros , Tecelões , Ferreiros , Marceneiros , Armeiros , Pintores , Torneiros , Vidraceiros , Escultores , e huma infinidade de outros muitos Artistas concorrem a pôr hum só navio em estado de sahir ao mar. Muitas producções de hum Paiz , como o ferro , o linho canhamo (*a*) , e todo o genero proprio para cordas , e amarras , a madeira , o alcatrão , o breu (*b*) , etc. enirão na fabrica de hum navio ; o que tudo augmenta o consumo geral de hum modo muito vantajoso para o Estado : debaixo deste ponto de vista a navegação deve ser olhada como huma immensa manufactura , e como tal merece as mesmas attenções que as primeiras manufacturas do Estado.

(a) Além do linho canhamo, de que ha, e pode haver muita abundancia no Brasil, ha tambem o chamado linho da terra, que alli nasce naturalmente, o qual depois de preparado he muito mais fino, e mais macio do que o da Europa; assim como tambem ha outros muitos generos proprios para cordas, cabos, amarras &c. Vej. o meu *Discurso sobre as Minas do Brasil*, Cap. 4. pag. 65.

(b) Nos certões, principalmente de Pernambuco, do Rio grande do Norte, e do Ceará se acha breu destilado de algumas arvores pelo simples calor do sol, assim como tambem outras muitas gommas, e rezinas, e o cheirozo beijoim, que he tanto melhor, quanto elle se tira das arvores, tal qual o cria a Natureza: nas Igrejas de Pernambuco se faz hum grande uso delle em lugar do incenso: porem erradamente para o limparem das partes estranhas, que se pegão nelle, o fazem feryer, e o reduzem a pães para o venderem, e com esta operação lhe fazem evaporar o oleo essencial do seu cheiro suavissimo, e o deixão reduzido a parte terrea com muito pouco cheiro.

## §. VI.

Mas quando se trata do provimento para a viagem, então se augmenta mais o consumo para completar as provisões de boca, e de todas as necessidades imaginaveis, que os proprietarios dos Navios são obrigados a fazer para huma tal viagem: e quanto mais a navegação he consideravel, tanto mais estas provisões augmentão, e favorecem o giro do Commercio; e resulta daqui ainda huma outra vantagem importante para o Estado, em que todas estas provisões, tendo sido feitas no Porto donde sahe o navio, o Paiz não soffre alguma diminuição no consumo dos seus generos pela ausencia das gentes do mar;

D

o Capitão, os Officiaes, e os Marinheiros, que formão a equipagem, tanto a bordo como em terra, são vestidos, e sustentados das producções, e manufacturas do seu Paiz.

#### §. VII.

Á utilidade, que a navegação traz ao Commercio pelo transporte das mercadorias, não he menos palpavel. Quando hum Estado não tem navegação, ou não tem bastante á proporção das suas producções; os negociantes estão sempre na necessidade de esperar a chegada dos navios Estrangeiros, dos quaes os Nacionaes não são senhores de os fazer ir, e vir quando elles quizerem. As mercadorias, que se querem enviar para fóra, e as que fazem vir do Estrangeiro, ficão muitas vezes longo tempo nos armazés, onde se arruinão, ou recebem perda, e se consomem os interesses; e a occasião, ou o momento proprio para a venda se perde muitas vezes sem remedio.

#### §. VIII.

Mas isto ainda não he tudo. A commodidade de huma propria navegação he tambem huma commodidade lucrativa; porque fazendo sempre as despesas do transporte parte do valor de huma mercadoria, he claro que os consumidores Estrangeiros de todas as mercadorias

exportadas são obrigados a pagar todas as despesas da navegação, que os vassallos da Nação exportante tem ganhado. Da outra parte o valor das mercadorias importadas pelos mesmos diminue na balança geral do Commercio tudo o que tem custado o seu frete, que tem sido ganhado pelos nossos Concidadãos. Em hum Paiz aonde se faz hum grande Commercio, esta dobrada vantagem he immensa.

### §. IX.

Sobre estes principios incontestaveis he fundada a maxima politica, que todo o Estado que está nas circunstancias de ter huma navegação, deve animar os seus vassallos por todos os meios possiveis: porque hum povo que deixa fazer por outros huma navegação, que elle poderia fazer, diminue ontro tanto as suas forças reaes, e relativas em favor das Nações suas rivaes.

### §. X.

Estes interesses respectivos obrigão as Nações civilizadas a entreter com grandes despesas forças navaes, capazes não só de proteger o superfluo da sua Agricultura, e da sua Industria (unicas raizes destas forças) mas tambem de perturbar, ou mesmo de arruinar a Industria dos seus inimigos. E como o Commercio he o que põe

D ii

estas forças em movimento pela abundancia dos marinheiros, que elle tem nutrido, e formado no tempo da paz; he evidente que huma Nação civilizada não pode subsistir sem o Commercio da navegação.

### §. XI.

As riquezas dos Estados consistem ou em fundos de terras, ou em effeitos moveis: os fundos de terras por isso que pedem mais a assistencia e a vista de seus donos, são ordinariamente possuidos pelos habitantes de cada Paiz, e constituem propriamente a riqueza de cada Estado em particular. Os effeitos moveis, como são dinheiro, bilhetes, letras de cambios, acções sobre as companhias, navios, e todas as mercadorias, por isso que são universaes, e girão por toda a parte, pertencem ao mundo inteiro, que a este respeito compõe hum só todo, de que todas as outras sociedades, ou Estados são membros. O povo que relativamente possui mais destes effeitos moveis do universo, he o mais rico; porque entra proporcionalmente com hum maior fundo, ou (expliquemo-nos assim) com hum maior numero de acções na grande companhia do Commercio universal.

### §. XII.

Hum Estado que tem poucos, ou nenhuns destes effeitos moveis, ou não deve commerciar

com os outros Estados, ou ha de viver sem liberdade; pois que sendo, como he, o fim do Commercio augmentar as commodidades dos homens, fazendo das coisas superfluas uteis, e das uteis necessarias; augmentado hum maior numero de necessidades a hum povo, que só vive do fructo das suas terras, nunca ja mais poderá ter hum superfluo tão abundante, que possa saldar, ou igualar o seu luxo com o das outras Nações commerciantes, sem que se vá continuamente empobrecendo por huma economia forçada.

§. XIII.

Mas como aquelle que no Commercio paga menos, vai recebendo menos, (a) virá hum tal Estado por essa progressão a acabar finalmente em huma pobreza summa; e a não serem os seus habitantes mais que huns pobres, e miseraveis trabalhadores das outras Nações.

(a) *Intérêts des Nations de l'Europ.* tom. 1. chap. 4. pag. 56. *C'est encore une maxime dont l'experience depuis long-tems a assuré la verité, qu'un pays, qui envoie toujours de marchandises, ou de denrées a l'étranger, qu'il n'en reçoit, s'appauvrit sans cesse.*

§. XIV.

Logo he necessario, que hum tal Estado ou não tenha Commercio com as outras Nações, e por consequencia, que não passe da sua infan-

cia, que se conserve na sua primeira barbaridade, sem artes, sem luxo, só contente com a simples producção do seu terreno; ou que a maior parte dos seus habitantes sejam escravos, que só vi-vão do absolutamente necessario para sustentar o luxo da pequena parte dos seus senhores. A His-toria das Viagens de todo o mundo nos faz ver constantemente, que os Estados que vivem recon-centrados (a), sem o Commercio da navegação, ou são totalmente barbaros, ou vivem na escravidão.

(a) No estado de liberdade em que ja se acha o Com-mercio do Brasil, e de todas as Colonias de Portugal, não só he de summa utilidade, mas até de absoluta ne-cessidade a introducção, e concessão livre das Feiras, prin-cipalmente no interior das terras, para se facilitar todo o genero de transporte por terra, e por agoa em beneficio da Agricultura, do Commercio, e da Industria daquelles Povos.

## §. XV.

E pelo contrario, Estados que pela sua natureza parecião dever sempre ser pequenos, só o Commercio da Navegação os fez grandes. Por-tugal sendo hum dos Estados mais pequenos da Europa, só pela sua marinha se fez grande; correu de hum Polo a outro Polo, do Oriente ao Occidente, dominou os mares, descobriu hum no-vo mundo; foi em fim o primeiro que da Euro-pa deu leis ao mesmo tempo á Africa, á Azia, e á America.

§. XVI.

A Hollanda he hum exemplo dos nossos dias: Inglaterra da mesma sorte se tem feito formidavel a todas as Nações da Europa, ainda ás maiores do que ella duas vezes mais. Toda esta grandeza he o fructo do Acto da Navegação passado no Parlamento de Inglaterra em 23 de Setembro de 1660, ao qual os Inglezes ainda hoje respeitão como seu Palladio (a): elle he cheio de tanta sabedoria, e de tanta utilidade para animar, e augmentar a Marinha, e o Commercio da navegação, que póde bem servir de regra. para todas as Nações maritimas.

(a) *Essai sur les interets du commerc. maritim.* pag. 174.

« Traduction de l'Acte pour encourager et augmenter la Navigation, passé en Parlement, le 23 Septembre 1660. »

*Le Seigneur ayant voulu par une bonté particulière pour l'Angleterre, que sa richesse, sa sûreté, et ses forces consistassent dans sa Marine, le Roi, les Seigneurs, et les Communes, assemblés en Parlement, ont ordonné que pour l'augmentation de la Marine et de la Navigation, l'on observera dans tout le Royaume le Règlement suivant.*

*A commencer du premier jour de Decembre 1660, il ne sera apporté ni emporté aucunes denrees ni marchandises dans toutes les Colonies appartenantes, ou qui appartiendront à Sa Majesté ou à ses Successeurs, en Asie, Afrique, et Amerique, que dans ses Vaisseaux batis en pays de la Domination d'Angleterre, ou qui appartiendront veritablement et réellement aux Sujets de Sa Majesté, et des uns et des autres le Maitre et les trois quarts des Matelots au moins seront Anglois. (\*) Les contrevenans seront punis par la sai-*

(\*) Depuis on a dispensé de cette clause, pour étendre la Navigation.



sie et confiscation de leurs *Vaisseaux* et marchandises, dont le tiers appartiendra au Roi, l'autre au Gouverneur de la Colonie où se fera la saisie, et l'autre aux Juges et Denonciateurs. Tous les Amiraux et Officiers ayant commission de Sa Majesté, pourront saisir les *Vaisseaux* contrevenans, partout où ils les trouveront, et seront les dits *Vaisseaux* réputés prises faites sur les ennemis, et partagées comme telles. La moitié de leur valeur appartiendra au Roi, et l'autre sera partagée entre le Capitaine et l'Equipage du *Vaisseau* qui les aura arrêtés.

Il est encore ordonné qu'aucune personne, née hors des Etats de Sa Majesté, qui ne sera point naturalisée, ne pourra exercer apres le premier Fevrier 1661, aucun Commerce pour lui ou pour les autres dans les dites Colonies, sous les peines ci-dessus portées. Les Gouverneurs des dites Colonies seront tenus dorenavant de prêter serment publiquement de faire observer les Loix y mentionnées, et ils seront déposés quand il y aura preuve qu'ils ayent négligé en aucune façon de les faire observer.

Il est encore ordonné qu'aucunes marchandises du crû de l'Asie, de l'Afrique ou de l'Amérique, ne pourront être apportées dans aucuns pays et terres de l'obeissance de Sa Majesté, que dans des *Vaisseaux* tels que ceux ci-dessus spécifiés, sous peine de saisie et de confiscation contre les contrevenans.

Il est encore ordonné que les marchandises et denrées d'Europe, ne pourront être apportées en Angleterre, par d'autres *Vaisseaux* que par ceux qui sortiront des Ports des Pays où se fabriquent les marchandises et croissent les denrées, sous les peines ci-dessus exprimées.

Il est encore ordonné que le poisson de toute espèce, et même les huiles et fanons de baleine, qui n'auront pas été pêchés par des *Vaisseaux* Anglois, et seront apportés en Angleterre, payeront la douane étrangere double.

Il est encore défendu à tous *Vaisseaux* qui ne seront pas Anglois et conformes aux regles ci-dessus exprimées, de charger quoi que ce soit dans un Port d'Irlande ou de Angleterre, pour le porter en aucun autre endroit des Etats de Sa Majesté; le Commerce de Port en Port n'étant permis qu'aux seuls *Vaisseaux* Anglois, et ce, sous les mêmes peines de saisie et de confiscation.

Il est encore ordonné que tous *Vaisseaux* qui jouiront de toutes les diminutions, faites ou à faire sur les droits de la Douane, seront les *Vaisseaux* bâtis en Angleterre, ou ceux qui étant de construction étrangère, appartiendront aux Anglois, les uns ou les autres ayant au moins le Maître et les trois quarts de l'Equipage Anglois. S'il se trouve à l'arrivée de quelques *Vaisseaux* que les *Matelots* étrangers y soient en plus grand nombre que le quart de l'Equipage, il sera fait preuve que la maladie ou les ennemis auront été cause de l'alteration, et ce, par serment du Maître et des principaux Officiers du *Vaisseau*.

Il est encore ordonné qu'aucune denrée ni marchandise du crû ou manufactures de Moscovie, non plus que les mâts et autres bois, le sel étranger, la poix, le goudron, la résine, le chanvre, le lin, les raisins, les figues, les prunes, les huiles d'olive, toute sorte de bleds et de grains, le sucre, les cendres à savon, le vin, le vinaigre, les eaux-de-vie, ne pourront après le dix Avril 1661, être apportés en Angleterre que dans des *Vaisseaux* tels que ci dessus. Le même est ordonné pour les raisins de Corinthe, et autres marchandises des Etats du Grand-Seigneur, après le 21 Septembre 1661. Nous exceptons seulement ceux des *Vaisseaux* étrangers, qui sont bâtis dans les lieux et pays où croissent ces denrées, et où se fabriquent ces marchandises, où bien où l'on a coutume de les embarquer; à condition toutefois que le Maître et les trois quarts de l'Equipage seront naturels du Pays d'où viendra le *Vaisseau*, sans quoi il seroit sujet à saisie et confiscation.

Il est encore ordonné que pour prévenir les fausses déclarations qui sont les Anglois, en déclarant que les marchandises qui sont à des Etrangers, leur appartiennent, que tous les vins de France et d'Allemagne qui seront apportés dans les Etats de Sa Majesté après le 30 Octobre 1660, sur d'autres que des *Vaisseaux* Anglois tels que ci-dessus, payeront les droits du Roi, et ceux des Villes et Ports où ces vins seront apportés, comme marchandises appartenantes à des Etrangers: et tous les bois, sel étranger, poix, goudron, résine, chanvre, lin, vins d'Espagne et de Portugal, et autres marchandises mentionnées ci-dessus, qui seront apportées en Angleterre après le 10 Avril 1661, sur d'autres *Vaisseaux* que des *Vaisseaux* Anglois; et les raisins de Co-

E

rinthe et autres marchandises du crû et manufactures des Etats du Grant-Seigneur, apres le 10 Septembre 1661, seront réputés appartenir aux Etrangers, et payeront comme tels.

Et pour prévenir les fraudes dont on pourroit se servir en achetant et déguisant les Vaisseaux étrangers, il est ordonné qu'après le 10 Avril 1661, aucun Vaisseau de construction étrangere ne sera réputé Anglois, et ne jouira des privilèges à eux accordés, jusqu'à ce que les Propriétaires des dits Vaisseaux ayent fait apparôître aux Directeurs de la Douane, de leur demeure ou de la plus prochaine, sous leur serment, que les dits Vaisseaux leur appartiennent de bonne foi; disant la somme qu'ils en auront payée, de qui ils les auront achetés, ainsi que le tems et les lieux où sera fait l'achat, quels sont leurs Bourgeois, s'ils en ont, les quels Bourgeois seront venus de comparôître devant les dits Directeurs, et tous ensemble jureront que les Etrangers n'ont aucune part ni portion, directement ni indirectement; après quoi l'Officier de la Douane leur donnera un certificat, moyennant le quel les dits Vaisseaux seront réputés de construction Angloise. Sera fait un Duplicata, don les dits Directeurs, qui seront en Angleterre, enverront le double à Londres, et ceux qui sont en Irlande à Dublin, pour y en être tenu un bon et fidèle registre. Tous les Officiers qui auront contrevenu aux Reglemens énoncés ci-dessus, après le dix Avril 1661, perdront leurs places et gouvernements, ainsi que ceux qui auront permis aux Vaisseaux étrangers les Commerces qui leur sont prohibés.

Il sera permis cependant aux Vaisseaux Anglois, tels que ci-dessus, d'apporter dans tous les Etats de Sa Majesté, les denrées et marchandises du Levant, quoiqu'ils ne les ayent pas chargées dans le lieu où elles croissent, ou sont travaillées, quand les dits Vaisseaux les auront embarqués dans un autre Port, qui sera dans la Méditerranée, au-delà du Détroit de Gibraltar.

La même chose est permise aussi aux mêmes Vaisseaux, pour les marchandises et denrées des Indes Orientales, qui auront été embarquées dans un Port situé au-delà du Cap de Bonne-Espérance.

Il sera encore permis aux dits Vaisseaux, de charger en Espagne les marchandises des Canaries. et autres Colonies,

d'Espagne ; et en Portugal celles des Açores, et autres Colonies de Portugal.

Le présent Acte ne s'étendra point aux denrées ni marchandises qu'il apparoitra avoir été prises sur les ennemis de l'Angleterre, sans intelligence ni fraude, par les Vaisseaux Anglois, tels que ci-dessus, et Porteurs d'une Commission de Sa Majesté ou de ses Successeurs.

Le dit Acte ne s'étendra pas non plus aux Vaisseaux de construction Ecossoise, dont les trois quarts de l'équipage seront Ecossois, les quels apporteront du poisson de leur pêche en Angleterre, du bled ou du sel d'Ecosse ; les dites marchandises ne payeront pas les droits de Douane, comme appartenantes à des Etrangers. L'huile dite de Moscovie, qui sera apportée d'Ecosse par les Vaisseaux Anglois, tels que ci-dessus, jouira des mêmes avantages.

Il est encore ordonné que tout Vaisseau François, qui, après le 20 Octobre 1660, abordera en quelque lieu que ce soit d'Angleterre et d'Irlande, pour y embarquer ou débarquer des Passagers et marchandises, payera aux Receveurs du Roi cinq schelins du tonneau, et le port du dit Vaisseau sera estimé par l'Officier du Roi : les dits Vaisseaux François ne pourront sortir du Port ou Havre, avant de payer le dit impôt, qui continuera, tant que l'impôt de 50 sols par tonneau sera levé en France sur les Vaisseaux des Sujets du Roi, et même trois mois après qu'il aura été supprimé.

Il est encore ordonné qu'après le premier Avril 1661 les sucres, tabacs et autres marchandises provenant du crû de nos Colonies, n'en pourront être apportés en Europe, que dans les lieux de l'obéissance de Sa Majesté, où l'on sera obligé de débarquer les dites marchandises, sous peine de saisie et confiscation. Les Vaisseaux qui partiront des Ports de Sa Majesté en Europe, pour les Colonies d'Asie, d'Afrique, et d'Amérique, seront tenus de donner caution dans le lieu de leur départ, de mille livres sterling, s'ils ne passent pas cent tonneaux, et de deux mille livres sterling, si le Vaisseau est d'une plus grande charge, qu'ils apporteront leurs retours dans un Port des Etats de Sa Majesté. Les dits Vaisseaux, en partant des Colonies pour l'Europe, seront tenus de passer une Déclaration, contenant la quantité et qualité de leur chargement, par devant le Gouverneur, avec l'obligation de le débarquer en Angleterre, et les Gouver-

neurs, après le premier Janvier 1661, seront obligés d'envoyer des copies de ces Déclarations aux Directeurs de la Douane de Londres. Ne pourront aussi les dits Gouverneurs donner pratique à aucun Vaisseau ; qu'il n'ait fait paroître qu'il est Anglois et conforme aux Réglements, et produit ses Congés expédiés par les Officiers de Sa Majesté.

---

### C A P I T U L O III.

*Portugal não pode ter huma grande Marinha, ou seja de guerra, ou de commercio, sem ter muitas Pescarias.*

#### §. I.

**D**E pouco ou nada serviria ter rios navegaveis, e bons portos, se se estivesse desprovido de marinheiros, e de gentes do mar. O ser marinheiro he hum officio, e hum officio penoso de aprender; he necessário mocidade, força, e robustez. Pódem-se fazer recrutas de homens para soldados, mas não para marinheiros, principalmente naquellas Provincias onde os habitantes nunca virão o mar: porém nas Provincias maritimas que tem Costas de huma vasta extensão, o povo nasce com huma natural inclinação para o mar, e facilmente se acostuma desde a sua infancia com este elemento sempre temivel.

## §. II.

Hum filho começa por seguir a seu Pai a pescar ao longo da Costa: habitua-se facilmente ao balanço, ao enjoio, e ás molestias do mar, aprende quasi brincando a manobra, ensaia-se nas viagens de longa carreira, até que em fim se faz hum habil marinheiro, sem muitos esforços. (a) He pois necessario animar a Pescaria por todos os meios possiveis.

(a) Seria muito util, que nos regulamentos para a gente do mar, se recommendasse, que além do conhecimento necessario para o serviço da Marinha, se não admittisse algum, sem ser examinado da arte de nadar. Agora se acaba de fazer huma experiencia, que se diz ter produzido bom effeito, salvando os naufragantes de hum navio, que dá á Costa: a experiencia consistio em lançar-se huma grande bomba para a terra, no maior alcance possivel, levando consigo preza huma corda, para que depois sendo extendida, se possão pegar a ella os naufragantes, e conduzirem-se para a terra, sem dependencia das embarcações pequenas, que muitas vezes, ou não ha, ou a mesma tormenta não deixa sahir ao mar.

## §. III.

A coragem de atravessar os mares, e de os correr de hum Pólo a outro Pólo não tem sido o negocio de hum dia: os homens só a tem adquirido á força de muitas experiencias, pelas quaes elles se tem familiarisado com este elemento tão inconstante, e tão terrivel. A Pesca-

ria foi sem duvida a que traçou as primeiras regras de arte: este ramo precioso da occupação dos homens conserva ainda os seus direitos sobre a navegação; pois que a Pescaria foi sempre o primeiro berço, em que se creárão os marinheiros.

#### §. IV.

O benefico Author da Natureza povoou o mar de huma infinidade de peixes, cujas especies innumeraveis varião ainda mesmo no gosto em todas as paragens, e sobre quasi todas as Costas. O mar do Norte, o mar do Sul, o Mediterraneo, o Baltico, o Atlantico tem cada hum seus peixes particulares, que differem em qualidade, e sabor ainda sobre cada Costa do mesmo mar: e como os gostos dos consumidores são differentes, são tambem procurados com preferencia estes, ou aquelles peixes; e muitas vezes até para variar de gosto, ou por economia, quando são de hum preço mais barato, ou de huma maior duração, principalmente para as viagens de longo tempo.

#### §. V.

Os Hollandezes pela só pesca do arenque ganhão todos os annos milhões de florins; os Inglezes pela só pesca do bacalhão (a) ganhão milhões de libras esterlinas; elles só pela pescaria tem Marinheiros, tem Marinha, tem Commercio,

tem dinheiro. He pois necessario dar as providencias, e facilitar todos os meios, para pôr os habitantes em estado de tirar todo o partido das visinhanças do mar.

(a) Nas Cóstas do Brasil, e especialmente na de *Parnaaguá*, e do *Rio de Janeiro*, correndo para o Sul se diz haver bacalhão.

## §. VI.

Huma Nação que não tem grandes Pescarias (a), não pôde ter huma grande Marinha, nem mesmo hum grande Commercio (b). A maior parte das Potencias maritimas tem Pescarias nacionaes, ou certos ramos exclusivos de Commercio, que ellas fazem servir de escolas para a Marinha. Taes são a pesca do arenque junto ás Ilhas Orcadas; a que se faz sobre as Costas da Noruega, a do bacalhão da Terra Nova do grande banco, a da baleia na Groelandia, a dos Lobos marinhos no Estreito de Davis, e outras.

(a) A pescaria das Baleias, dos Cassalotes, e de outros semelhantes peixes se poderia fazer util não só para os proprietarios das Fabricas, e armações; mas tambem para o Erario Regio, mandando-se, que taes pescarias fossem livres para todos, pagando o dizimo, ou a vintena do azeite já fabricado, assim como se paga do assucar; e que esta vintena fosse, assim coma a do assucar, rematada em Praça publica a quem mais desse: o mesmo se poderia praticar a respeito do azeite das gorduras, e banhas dos peixes das grandes Fabricas de salgações nas Costas do Brasil, da Africa, e das Ilhas de Cabo Verde, e de cutras.



(b) *Intérêts des Nations de l'Europe*, tom. 1. chap. 7. On trouvera dans cet établissement le principe d'une puissante marine. Car c'est principalement de la negligence, ou de l'abandon de la peche, que provient la disette des matelots, et cette disette contribue infiniment a la cherté du fret, dont on se plaint sans cesse en France, cherté qui affecte toutes les branches de commerce du royaume.

### §. VII.

O transporte dos carvões das Minas de Escocia em Inglaterra tem produzido excellentes marinheiros. O grande, e intrepido Capitão Cook, que tanta honra faz á sua Nação, fazia gloria de confessar, que fez os primeiros estudos a bordo de hum destes navios (a). Em outras partes a cabotage, ou a pequena navegação ao longo das Costas, tem sido hum soccorro immenso para a marinha. Todas estas differentes navegações são muito proprias para formar homens do mar; e as Nações que estão de posse dellas, reconhecem muito bem o preço desta vantagem. Ellas tem feito mais de huma vez a guerra para as conservarem.

(a) *Voyage dans l'Hémisphere Austral 1771. jusque 1775.* Introduct. general. tom. 1. pag. XLIV. écrit par Jacq. Cook.

### §. VIII.

Carthago em quanto conservou a superioridade das suas Pescarias (a), conservou tambem a superioridade do seu Commercio, e disputou mui-

to o imperio do mar á soberba Roma. No Tratado que deo fim á primeira guerra Punica se vê que Carthago foi principalmente attenta a se conservar o imperio do mar, e Roma o da terra. Hanon na negociação com os Romanos declarou, que os Carthaginezes não soffrerião que os Romanos lavassem as mãos nos mares de Sicilia (b), nem se lhes permittio de navegar além de certos cabos, ou promontorios, e se lhes prohibio mesmo o Commercio na Sicilia, na Sardenha, e na Africa; só sim em Carthago (c).

(a) Justin. lib. 43. cap. 5.

(b) Tit. Liv. Supplement. de Freinshem. Decad. 2. liv. 6.

(c) Polyb. liv. 3.

## §. XI.

Marselha logo que se foi adiantando nas Pescarias, se foi tambem adiantando no Commercio, e pertendeo mesmo entrar em concurrencia com Carthago; mas conhecendo que não tinha bastantes forças para resistir, se juntou aos Romanos, que atacando por mar, e por terra com forças muito superiores, conseguirão em fim destruir a sua rival; que com tudo não foi sem perigo de ficar subjugada a mesma Roma: e talvez que se ella não tivesse a marinha da sua alliada, ainda que pequena, soffreria condições mais duras do que a do seu primeiro Tratado.

F

## CAPITULO IV.

*As Pescarias são o meio mais proprio para civilizar os Indios do Brasil, principalmente os que habitão junto ds margens dos grandes rios, ou do mar.*

## §. I.

**O**S Escriitores que do fundo dos seus gabinetes presumem dar Leis ao mundo, sem muitas vezes tratarem de perto os povos de que fallão, nem conhecem os seus costumes, nem as suas paixões; dizem, que he necessario introduzir a ambição nos Indios da America, para os fazer entrar no commercio das gentes. Isto he suppor, que elles não tem ambição: he hum engano. Elles tem virtudes, tem vicios, são cheios de ambição como nós; ou esta se entenda pelo excessivo desejo da gloria, e da honra, ou pelo nimio desejo dos bens. Elles em fim são homens, e isto basta.

## §. II.

Pelo que pertence aos bens: supposto aquelles Indios necessitão de poucas coisas, com tudo essas de que elles necessitão, assim como

facas, machados, contas de vidro, e de outras bagatelas de que já fazem o seu luxo, elles procurão com tanta diligencia como os povos civilizados; por onde se faz evidente, que elles conservão, assim como nós, o germen das paixões, e da ambição. Nada mais falta do que a arte de fazer fermentar aquelle germen, e de dar calor ás suas paixões para as desenvolver do embrião em que ainda se conservão. Isto he o que até agora não tenho visto tratado por algum Escriitor. He mais facil dar regras geraes, do que sabellas applicar ás circumstancias.

§. III.

Para se civilizarem os Indios do Brasil se tem já feito algumas tentativas, mas até agora de balde; talvez pelo pouco conhecimento que se tem daquelles povos. Hum dos meios de que se tem usado foi o de reduzir as suas pobres Aldeias em Villas, e tirar do meio delles os Vereadores, os Almotacés etc. e fazer que elles governem huns aos outros. Isto he querer principiar por onde as Nações civilizadas acabão: a arte de bem governar he a mais sublime de quantas os homens tem inventado.

§. IV.

O Indio selvagem creado sempre no meio  
F ii

de huma liberdade absoluta , sem mais necessida-  
des do que aquellas que elle em poucas horas sa-  
tisfaz com o seu braço , educado sem alguma de-  
pendencia huns dos outros , e que por isso se tra-  
tão todos de igual a igual (a) , não se accomo-  
da tão de repente com as idéas de obedecer ao  
seu semelhante , e este não tem mesmo a cora-  
gem de o mandar. He necessario aprender da  
Natureza , que não faz as suas obras por salto ;  
ella produz maravilhas por hum progresso infi-  
nito.

(a) Lery d. cap. 17. *Ad politiam Barbarorum quod at-  
tinet, vix credibile est, quam pulchrè inter eos sola Natu-  
rae luce duetos conveniat. Nec referri istud potest, nisi sum-  
mo eorum pudore, qui divinis, et humanis sunt instructi le-  
gibus . . . Siquae tamen contentio inter quosdam apud eos  
exoriatur (quod rarissime accidit), spectatores litem compone-  
re minime curant: sed eos pro libidine agere, oculos licet  
sibi nummo sint confossuri, sinunt. At si alter alteri vul-  
nus infixerit, comprehendique possit, vulnus ei eadem in cor-  
poris parte ab vulnerati cognatis infigitur. Imo si forte  
vulnus mors consequitur, ab mortui cognatis de medio tol-  
litur homicida. Denique vitam pro vita, oculum pro oculo,  
dentem pro dente rependunt.*

## §. V.

O outro meio de que se tem usado, ain-  
da parece peor do que o primeiro. Dá-se hum  
chamado Director a huma Povoação de Indios  
dispersos, sem ideas algumas de utilidades rela-  
tivas: a estes povos, aos quaes se deveria dar por  
Mestre da sua educação hum Sabio de huma sã

Filosofia, e de huma meditação profunda, se dá pela maior parte hum homem inhabil, que de nada serve nã sociedade civilizada; e que só se vai aproveitar da substancia daquelles miseraveis, aos quaes trata como verdadeiro Desposta, e os faz trabalhar como bestas de carga.

§. VI.

Outros Directores ainda que mais habeis, não obrão com tudo melhor; principião logo a educallos nas Sciencias, e nas Artes proprias dos povos civilizados; mas como nem os filhos, nem ainda os Pais percebem o fim, e as utilidades para que os querem levar, nem tem ao redor de si objectos, que lhes excitem a curiosidade, e o desejo de saber, augmentão á sua molleza, e inercia mais aquelle grão de fastio, e de aborrecimento, que naturalmente attaca hum principiante, quando não he dirigido por huma mão habil, e prudente.

§. VII.

Aquelles Indios olhando para si, e vendo que vivem, e que existem, sem dependencia daquellas Sciencias, ou se persuadem que he huma loucura, e extravagancia das Nações civilizadas, ou que he mais hum tormento inventado por ellas, para os opprimir, e flagellar: elles são os mesmos, que persuadem a seus filhos que fujão, e que não aprendão.

## §. VIII.

Conheço que algumas vezes do meio daquelles filhos sahem alguns muito habéis, e que aprendem com facilidade aquillo, que se lhes ensina. Mais isto só prova, que elles são capazes de huma boa educação; mas não que o methodo até agora praticado tenha sido o melhor, e o mais proprio: o estado da infancia, em que ainda se achão aquelles povos ha mais de dois seculos, faz ver esta verdade.

## §. IX.

Hum Director lutando sempre com a repugnancia dos filhos, e dos Pais, necessariamente ha de ir pouco a pouco afroxando, e perdendo aquella primeira actividade, que o poz nas esperanças de poder conseguir delles alguma coisa. Só o amor terno de huma Mãe, e a constancia de hum Pai cheios daquelle fogo abrasador, que só a Natureza sabe gerar, he que os pode fazer incansaveis em procurar o bem, e a felicidade de seus filhos: he necessario principiar primeiro pela educação dos Pais.

## §. X.

O homem he sujeito a necessidades, e a

paixões: estas são maiores, ou menores, á proporção das idéas provenientes dos objectos que o cercão, ou das que adquire pela educação. Entre estes affectos, ou paixões, ha sempre alguma, ou algumas que sobresaem, e excedem ás outras com mais força, e actividade: estas são as que fórmão, e constituem o character proprio do sujeito, assim como tambem o particular das Nações.

### §. XI.

A arte de pôr em acção a maquina de cada individuo, consiste em pesquisar qual he a sua paixão mais forte, e dominante. Achada ella, pode-se dizer, que está descoberto o segredo, e a mola real do seu movimento. Aquelle que tiver a vista aguda, e penetrante, e hum tacto fino, e delicado para distinguir as paixões dos homens, os poderá conduzir sem duvida por cima das maiores difficuldades. O homem, e ainda o bruto, levado por força, está sempre em huma continua luta, e resistencia: levado porêm pelo caminho da sua paixão, elle segue voluntariamente, e muitas vezes corre mesmo adiante daquelle que o conduz, sem já mais temer, nem ainda os horrores da morte.

### §. XII.

O Indio selvagem entre a raça dos ho-



mens parece ambíbio, parece feito para as aguas; (a) he naturalmente inclinado á pesca por necessidade, e por gosto. Esta he a sua paixão dominante, e por consequencia a mola real do seu movimento: he por esta parte que se deve fazer trabalhar a sua maquina em beneficio commum delle, e de toda a sociedade.

(a) Lery d. cap. 12. *Notandum est non modo viros, et mulieres, sed etiam puerulos natandi peritissimos esse. Illi praedam natando more barbatulorum canum in mediis petunt aquis: hi simul ac ambulare didicerunt, in flumina marisque litus se conjiciunt, atque anatum more hac illuc oberant . . . Caeteri vero, qui instar piscium placidissime natant . . . eos suam marinorum more flantes videbamus.*

### §. XIII.

O Indio a pezar da sua inclinação pela pesca, encontra com tudo huma certa difficuldade em saciar a sua paixão: o methodo vagaroso, e tardío, com que elle pela falta de industria faz a sua pesca (a), o aparta muitas vezes daquillo mesmo de que elle gosta, apenas contente com o pouco de que se nutre.

(a) Lery d. cap. 11. *Barbari eos (pisces) ubi vident telis petunt, ac non nunquam tam certa manu, ut duos, treve uno jactu figant; transfixos natantes quaesitum eunt Barbari, ut qui mergi nequeant . . . prisco etiam suo more spinas in hamorum modum componunt; lineamque herba quadam, quam illi Tucum vocant, conficiunt, quibus piscantur.*

## §. XIV.

Mas logo que elle vir a facilidade, com que o homem industrioso arma redes, fórma laços, e que de huma vez colhe milhares de peixes; este espectáculo maravilhoso, que de hum só golpe de vista cahe debaixo da sua rude comprehensão, o encherá de alegria e de enthusiasmo: elle irá, mesmo sem ser rogado, lançar-se no meio da colheita, e da abundancia (a).

*Lery cap. 21. Barbari nostri (Brasilienses) non modo mire delectabantur retium nostrorum, quibus piscabamur, conspectu; sed et ipsi nos adjuvabant: atque adeo, si per nos licebat, perite ipsi piscabantur.*

## § XV.

Este arrebatamento de gosto o irá insensivelmente attrahindo, e convidando a viver, e communicar-se com os homens daquella profissão, que para elle se representa extraordinaria. Esta communicação lhe fará ver a differença do homem selvagem, e a do civilizado: pouco a pouco se irá domesticando, e conhecendo, que o homem he capaz de mais, e mais commodidades.

## §. XVI.

Logo que elle vir que aquelle superfluo,

G

que elle até então lançava ás aves, e ás feras, pelo beneficio do sal se conserva, e lhe serve de meio para adquirir as commodidades, de que elle for gostando; a sua paixão irá crescendo, e á proporção obrigando-o a fazer-se mais, e mais habil: elle já não quererá ser hum simples marreiro, quererá logo ser hum Mestre, e Senhor de huma rede.

### §. XVII.

Elle quererá saber quanto toca a cada hum dos companheiros, e por consequencia se verá na necessidade de aprender a Arithmetica (a), para com toda a facilidade saber dividir: quanto elle for adiantando o seu Commercio, tanto ha de ir augmentando a sua communicação, não só com as pessoas presentes, mas tambem com as ausentes. Daqui virá logo a necessidade de saber ler, e escrever; e quando elle já não esteja em idade de aprender, elle fará que seus filhos supprão a sua falta. Da mesma sorte a camiza, o chapeo, a vestia, o calção, o çapato, que elle até então desprezava, como coisas superfluas, e mesmo como hum fardo pezado, e enfadonho para com elle romper os matos, e as brenhas, se lhe irão fazendo uteis, e necessarios; já não será preciso que os Pais persuadão estas utilidades a seus filhos, bastará que os filhos olhem para seus Pais.

(a) Eu tive hum Cosinheiro natural de Galliza, que sabia a Arithmetica, e para dar as suas contas formava os algarismos soffrivelmente: e não sabia ler, nem escrever.

§. XVIII.

Esta concurrencia de necessidades, e de utilidades relativas, os irá gradualmente ensinando a obedecer, e a mandar; então elles encherão as idéas daquelles, que até agora tem inutilmente trabalhado para os civilizar. A experiencia lhes fará ver, que a mesma conservação do individuo, e as commodidades da vida são incompativeis com huma liberdade absoluta, e com huma independencia sem limites. Elles conhecerão que he necessario perder alguma parte da liberdade absoluta, para gozar de outras muitas partes de huma maior liberdade relativa.

§. XIX.

Destes póvos civilizados pela pescaria, sahirão marinheiros habeis para a navegação daquelle Costa, e do Commercio reciproco de humas para outras Colonias. Nas pequenas embarcações daquelle Commercio se formarão marinheiros intrepidos, e atrevidos, capazes de arrostarse com as maiores tormentas: elles formarão em fim huma marinagem escolhida.

§. XX.

Os Indios do Brasil são muito habeis prin-

principalmente para tudo o que he de imitação, ou de manufacturas; e ainda mesmo para tudo o que pede força, e agilidade (a); para a agricultura porêm, ou para o trabalho continuo de rasgar a terra, parecem ter os Indios huma repugnancia invencivel. A Natureza por huma parte subministrando-lhes com mão larga o de que elles necessitam; e pela outra parte a inconstancia dos tempos, e das Estações, o vagar que consigo traz a agricultura desde a sua plantação até a sua colheita, os lança mesmo na indolencia, e na perguiça.

(a) Os Indios são excellentes falquejadores, e serradores de madeiras, e deitam abaixo grandes arvores, e matos com muita presteza, e vigilancia, de sorte que não he facil cahir sobre elles algum madeiro, como muitas vezes acontece sobre os Pretos, que pela maior parte não são tão ligeiros como elles, nem tão vigilantes, e por isso mais arriscados no trabalho de cortar os matos.

### §. XXI.

Elles não tem a paciencia de esperar, querem logo do trabalho do dia colher o fructo á noite, e por isso a Pescaria (a), e a Marinha será para elles huma manufactura immensa (b). Delles além de habeis Marinheiros e Pilotos, sahião muitos artifices para o serviço da marinha; Carpinteiros, Calafates, Ferreiros etc., e desta sorte aquelle Indio selvagem, que até agora nem para si prestava, atravessará os mares, virá hum

dia beijar aquella benéfica Mão, que o tirou da indigencia, que por meio do sal o fez Pescador, Marinheiro, Mestre, Piloto, Artifice, Commerciante; em huma palavra, hum Cidadão e hum membro util á Sociedade (c).

(a) Nas Costas de Pernambuco, e em algumas outras, ainda que ha muito peixe, não se pôde com tudo fazer muito uso das grandes redes de arrear por causa de muitos recifes, e pedras debaixo d'agua: seria muito util que se estabelecessem por aquellás Costas redes permanentes nos lugares, onde houvesse mais commodidade, assim como vi na Costa de Sines, e se pratica em algumas outras de Portugal; e que tivessem viveiros ambulantes, ou embarcações sem estopa, e na sua coberta hum alçapão fechado com sua fechadura para se tirar o peixe, quando se quizer, e serem levadas a reboque para o porto da vendagem, como se pratica na Italia, e em outras partes, para das redes se passar logo para elles o peixe, e se conservar vivo, para se ir tirando dos viveiros á proporção que se for gastando nos mercados publicos.

(b) Alguns Indios do interior daquelles certões, ainda que não são tão grandes nadadores como os moradores da beira-mar, ou das margens dos grandes rios, são com tudo excellentes peões, muito destros na arte de laçar, e de trabalhar aquelles gados: elles são de hum grande socorro para aquelles creadores; ou seja em apanhar, recolher e conduzir os gados para as Cidades, e grandes Povoações, ou seja na manufactura, e preparação das carnes seccas, e salgadas.

(c) Como os Indios ja aldeados e domesticados vivem nas suas Aldeas, ou Villas em huma especie de tutela, debaixo da inspecção dos seus Directores, me parece, que seria util mandar-se, que á respeito dos Orfãos e Menores se praticassem as providencias da Lei do Reino a respeito dos Orfãos, fazendo-os alugar ás pessoas, que precisarem dos seus serviços, ou que os quizerem ter por aprendizas dos seus Officios, ajustando se com seus

Pais na presença dos seus Directores, e dos seus Ranchos, fazendo-se de tudo assento em hum Livro para isso authenticado, para em todo o tempo se saber o destino, que se lhes tiver dado: a respeito porém dos Indios maiores, ja feitos, costumados ao trabalho da Lavoura, não se deverão emancipar de repente, nem tirallos todos de huma vez das suas Villas, ou Aldeas; mas sim até hum certo numero em cada anno, e progressivamente: 1.º para que os moradores, e vizinhos, que os alugavão, debaixo da inspecção dos seus Directores, se ajustem com elles por hum certo, e determinado tempo, em quanto ou não tiverem escravos, ou não derem as suas providencias para não ficarem de repente sem braços para as suas lavouras: 2.º para que os novos emancipados das tuteias se vão pouco a pouco acostumando a trabalhar, e a viver no meio da grande Sociedade da Nação civilizada, misturando-se, e confundindo se com ella insensivelmente, sem lhe servir de peso: huma repentina alluvião de novatos, e de aprendizes, que ainda não sabem fazer hum bom uso dos seus braços, nem dirigir bem as suas acções, ao menos com respeito ao novo estado de civilização, seria hum peso insupportavel para o mesmo Estado: as mudanças repentinas sempre são perigosas, ellas nos corpos moraes produzem os mesmos effeitos que nos corpos fysicos produz huma concussão geral, ou hum choque repentino de todas as suas partes, isto mesmo, guardadas as proporções, se poderá praticar a respeito dos Pretos escravos pelo decurso do tempo: huma geral transformação de condições não he o negocio de hum dia, e talvez nem de hum seculo. Vej. a minha *Analyse sobre a justiça do Commercio do Resgate dos Escravos*. §. 88.

## §. XXII.

Os Pretos, aquelles braços feitos mais para hum trabalho continuo no meio dos ardores do Sol, do que para o frio das aguas, e que até agora servião na marinhagem como perdidos pa-

ra a lavoura, irão augmentar os productos da Agricultura (a). Esta multiplicada massa de produções pedirá logo hum maior numero de navios para o seu transporte.

(a) Seria bom que até se puzesse huma certa contribuição sobre cada escravo pescador, ou marinho, e que se desse algum premio, ou privilegio a cada dono de huma rede, ou de hum navio, cujos marinheiros fossem todos Indios domesticados.

§. XXIII.

A Agricultura, a Pescaria, a Marinha dando as mãos entre si, elevarão a Portugal a huma força, e a huma riqueza immensa. A Pescaria, e a Marinha ainda que nenhum lucro dessem a Portugal, se deverião com tudo promover por todos os modos possiveis, só porque são o meio de aproveitar tantos milhares de braços, que aliás são perdidos.



## CAPITULO V.

*Os Indios do Brasil são muito capazes de servir não só na Marinha de commercio, mas tambem na de guerra.*

## §. I.

**N**O Capitulo antecedente mostrei, que os Indios do Brasil são muito capazes para todo o ministerio, e serviço do mar: porém como Montesquieu, e outros muitos, que seguem o Systema dos Climias, estabelecem como regra geral, que o homem do Paiz quente he fraco, e pusillanime, e que por consequencia o Indio da Zona Torrida he inhabil para a Marinha principalmente de guerra; se me faz indispensavel analysar o fundamento, em que se estriba esta opinião tão geral, e da qual se tem deduzido consequencias não só absurdas, mas tambem injuriosas aos povos dos Paizes quentes, e ainda mesmo ás Nações meridionaes da Europa (a).

(a) Montesq. *Esprit des Loix*, liv. 14. art. 2. et 14.

## §. II.

Diz Montesquieu , que o homem do Paiz quente he froxo , fraco , medroso , até mesmo sem espirito ; (a) porque , diz elle , tem as fibras muito froxas : e para dar huma prova desta sua affirmativa , diz que se meta hum homem em hum lugar quente , e fechado , e se verá que elle cahê em hum muito grande abatimento de coração : (b) eis-aqui toda a força do argumento de Montesquieu , e dos Sectarios do systema dos Climmas ; systema com o qual se pretende dar leis ás Nações , Religião aos homens , e decidir da força , e da coragem de cada hum : (c) parece incrível , que homens sensatos tenham cahido em tanta puerilidade.

(a) Montesq. *Esprit des Loix* liv. 14. art. 2. et 14.

(b) Montesq. até se esqueceo de que as Artes , as Sciencias , e sobre tudo a Geometria , e a Astronomia tiveram o seu principio nos Climmas abrasados do meio dia.

(c) Montesq. d. liv. 14. art. 2. *Mettez un homme dans un lieu chaud , et enfermé , il souffrira par les raisons , que je viens de dire , (l'air chaud relache les extremités des fibres , et les allonge ) une defaillance de coeur tres-grande. Si dans cette circonstance on va lui proposer une action hardie , je crois qu'on l'y trouvera tres peu disposé , sa foiblesse presente mettra un decouragement dans son ame , il craindra tout , parce qu'il sentira qu'il ne peut rien. Les Peuples des Pays chauds sont timides comme les vieillards le sont . . . Dans les pays du Nord une machine saine , et bien constituée , mais lourde , trouve ses plaisirs dans tout ce qui peut remettre les esprits en mouvement , la chasse , les voyages , la guerre , le vin. Vous trouverez dans les climats du*

H

Nord des Peuples qui ont peu de vices, assez de vertus; beaucoup de sincerité, et de franchise. Approchez des pays du Midi, vous croirez vous éloigner de la morale même; des passions plus vives multiplieront les crimes; chacun cherchera à prendre sur les autres tous les avantages qui peuvent favoriser ces mêmes passions... La chaleur du climat peut être si excessive que le corps y sera absolument sans force. Pour lors l'abatement passera à l'esprit même, aucune curiosité, aucune noble entreprise, aucun sentiment genereux, les inclinations y seront toutes passives, la paresse y sera le bonheur; la plupart des chatimens y seront moins difficiles à soutenir que l'action de l'ame, et la servitude moins insupportable que la force d'esprit, qui est necessaire pour se conduire soi-même.

(d) Montesq. d. liv. 24. art. 3. *Le Gouvernement modéré convient mieux à la Religion Chretienne, et le despotique à la Mahometane.* d. art 5. *La Religion Catholique convient mieux à une Monarchie, et la Protestante s'accomode mieux d'une Republique.* d. art. 22. *Loix de Religion locales.* d. art. 23. *Inconvenient du transport d'une Religion d'un pays à un autre.* d. liv. 19. art. 13. *L'empire du climat est le premier de tous les empires.*

### §. III.

O erro de Montesquieu, e dos Sectarios dos Climas, ainda he mais grosseiro, do que o daquellas, que dizião, que a Zona Torrida era inhabitavel. Aquelles antigos Filósofos, depois de suporem, que aquella Zona era verdadeiramente torrida, e abrazada, e que alli não havião ventos, nem chuvas, nem muitos orvalhos na força do calor mais intenso, como ordinariamente acontece debaixo da Zona Temperada; para serem consequentes devião affirmar, que se não podia alli viver por muito tempo, nem habitar-se em

em hum semelhante Paiz: mas depois de saber-se, que a Zona Torrida he com effeito habitada; e que he hum factó constante da Historia Geral das Viagens, que os homens alli chegão a huma idade muito avançada (a), e muitas vezes mais de 90, e de 100 annos: (b); não sei como se possa nem ainda considerar, que aquelles corpos em hum estado violento (como suppõe Montesquieu) durem por tanto tempo, e talvez mais do que aquelles, que se dizem debaixo de hum Clima temperado! Só estas consequencias bastão para fazer ver, que Montesquieu, e os Sectarios do systema dos Climas, nunca estiverão debaixo do Clima da Zona Torrida, e que discorrêrão sobre objectos, de que não tinham idéas muito claras (c).

(a) Eu conheci no Brasil muitos velhos centenarios em muito boa disposição: em Pernambuco vi o Coronel Luiz Nogueira de mais de noventa annos, mandando na frente do seu Regimento na Praça da Villa do Recife: eu tenho em meu poder hum Documento extrahido de huns Autos de Justificação, processados na Villa de S. Salvador dos Campos dos Queirazes no anno de 1780, Escrivão José Bayão da Motta, sobre factos muito notaveis acontecidos naquella Villa no anno de 1748, nos quaes se vê o juramento do Alferes Jeronymo da Silva Tavares no anno de 1780, quando elle contava 91 annos, como declarou no seu juramento: os seus ditos em 23 artigos da dita Justificação são tão especificados, e com tanta clareza, como se elle estivesse no vigor dos seus 32 annos de idade, quando presenciou, e vio todos os factos, e circumstancias de hum tumulto popular, em que elle foi ferido mortalmente; tumulto causado pela violencia, que se fez áquelle Povo, que pedia, que se pozesse na prezença do seu Soberano o seu requerimento, antes

res que contra elle se executasse huma Ordem do mesmo Soberano enganado; e de alguns dos ditos factos se faz menção adiante na Nota (a) §. 10 deste Cap. e no Cap. 6. §. 2. e seguintes.

(b) V. a nota (c) ao §. III. cap. I.

(c) Montesq. ainda que foi a Allemanha, Italia, Hollanda, Inglaterra; com tudo, não passou para lá do Elba, nem para cá dos Pyreneos; e tudo quanto disse a respeito dos Climas copiou do *Metbode de etudier la Histor.* de Bodin, e do *Traité de la Sagésse* de Charron; e tendo citado huma infinidade de Escretores, não citou estes.

#### §. IV.

Montesquieu com tudo não mostra I. que os grãos de calor da atmosfera deste, ou daquelle Paiz quente, e ainda da Zona Torrida seja igual ao dessa estufa, ou lugar quente e fechado, que elle estabeleceo como principio para del-le deduzir os seus argumentos: II. que hum certo grão de calor produza no meio da atmosfera os mesmos effeitos, que produz em hum lugar fechado. Mas suppondo que produziria os mesmos, seria necessario suppor ainda o absurdo, que o Creador do Universo só soube crear fibras proprias para os Climas frios, ou temperados, mas não para o da Zona Torrida. Deixemos porém que Montesquieu, e os Sectarios dos Climas discorrão sobre as hypotheses que quizerem: vamos a examinar a natureza daquelles Indios pelos seus mesmos factos.

§. V.

Se bem se reflectir na Historia dos Indios da Zona Torrida, se verá que elles ( fallo dos barbaros, e selvagens, que ainda conservão todo o seu character ) a pezar da disparidade das armas de fogo, com tudo não cedêrão, nem se deixãrão vencer por serem fracos, e pusillanimes; (a) só sim, ou por falta de industria contra hum novo methodo de fazer a guerra, ou por se ter fomentado a discordia entre elles, protegendo huma Nação contra a outra.

(a) Joan. Stadius *Histor. Brasil. part. I. cap. 19. et 42. Lery Histoir. navigation. in Bras. cap. 13. Ad manus autem ubi ventum est, longe in peius res ruere: tanta enim sagittarum nubes est utrinque emissa, ut muscas volantes multitudine imitarentur. Saucii vero non pauci strenue tela a corpore avellebant, quae rabidorum more canum mordebant, nec tamen propterea praelio abstinebant. Haec enim gens adeo fera est, et truculenta, ut tantisper dum virium vel tantillum restat, continuo dimicent, fugamque nunquam capessant. Quod a natura illis inditum esse reor. Etenim a nobili quodam accipi viro Gallo, qui militiam colit, bellorum civilium nostrorum tempore, in Legionibus Gallicis Americanos milites duos fuisse, qui strenue, et fortiter se gerant; quapropter a Centurionibus plurimi fiebant. João Stadio Alemão esteve no serviço de Portugal pelos annos de 1553, fez a fortaleza da Brikioca na barra de Santos: por entre milhares de frechas, balas de mosquetaria, e de artilharia o levarão cativo os Indios Topin Imbas, ou Tamoyos, entre os quaes esteve nove mezes, e escapou de ser devorado por elles por hum milagre da Providencia: em todo aquelle tempo acompanhou aos Indios seus senhores, e se achou em muitas batalhas, que elles derão por mar, e por terra contra os Portuguezes, e os Indios*

*Tupin Ikinsios* seus alliados; vio a força, e desesperação, com que elles pelejavão, e barbaridade, com que matavão, e devoravão os seus captivos; e a coragem com que estes já prezos, e atados desafiavão, e insultavão os seus vencedores até o ultimo instante da vida. V. d. Stad. cap. 1. 16. et 18. João Lery Francez Protestante, e companheiro de Nicolão Villagagnon esteve no Rio de Janeiro pelos annos de 1557 mais de 11 mezes, tratou muito em particular com os Indios *Tamoyos*, e se achou em huma batalha, que elles derão, em que ficarão vencedores. V. d. Lery in praefat. et cap. 5. et 6. Muito sangue custou aos Portuguezes a batalha do dia 20 de Janeiro de 1567, em que tomarão a Capital do Brasil aos *Tamoyos*: entre os que com gloria immortal monrão com as armas na mão, foi o Capitão de Mar e guerra Gaspar Barbosa; e o Capitão mór, e Governador Estacio de Sa. Vasconcel. *Hist. do Bras.* liv. 3. n.º 101. e seg. pag. 357.

## §. VI.

A conquista da Capitania de S. Vicente no Brasil, foi devida ao famoso Indio Tebiresá (a); a da Bahia ao valente Tabirá (b); a de Pernambuco ao forte Itagibá (que vale o mesmo que braço de ferro), e ao grande Piragibá, que pelas façanhas, que obrou em defeza dos Portuguezes, mereceo ser premiado com habito de Christo, e Tença (c) A do Pará, e Maranhão ao celebre Tomagica (d), e outros, que até servirão aos Portuguezes nas guerras contra os Hollandezes, assim como o invencivel Camarão, que se fez immortal na guerra da restauração de Pernambuco contra os mesmos Hollandezes (e).

(a)

- (a) Vasconcel. d. liv. 2. n.º 81. 131. até 139.  
 (b) Vasconcel. d. liv. 1. n.º 101. 102.  
 (c) Vasconcel. d. liv. 1. n.º 103.  
 (d) Betted. *Annaes Hist. do Estad. do Maranhão* liv. 6. n.º 534.  
 (e) Fr. Rafael de Jesus, *Castriot. Lusitan.* part. 1. liv. 3. n.º 12. 53. 54. 122. 123. 127. *Pitta Americ. Portug.* liv. 5. n.º 94. 95.

§. VII.

Os conquistadores do Mexico, e do Perú seguirão o mesmo strategema; Cortez não seria tão celebrado na Historia, ou teria sido pasto daquellas feras, se não tivesse em seu favor os valerosos Indios Tlascaltecas, inimigos jurados dos Mexicanos (a).

- (a) Herrer. *Hist. general de las Ind. Occid.* Decad. 3. liv. 1. cap. 19. 20. 21. Solis *Hist. de la conquest. del Mexic.* lib. 4. cap. 11. lib. 5. cap. 1. 2. 18.

§. VIII.

O homem he sempre o mesmo em toda e qualquer parte do mundo; he naturalmente ambicioso, amigo da honra, e da gloria: este fermento, de que a Natureza formou a sua massa, he que o faz obrar com força, e actividade: a honra he hum ente imaginario, a que todos aspirão, mas nem todos o vem pela mesma face; aquillo que a hum se representa como honra, a outros se representa como vileza; he hum Idololo



lo em fim, a que cada hum prodigaliza incensos a seu modo. O homem bruto, e selvagem adora a tyrannia, e a crueldade; o homem polido, e sociavel adora a beneficencia, e a humanidade.

### §. IX.

Os Indios do Brasil fazem ostentação da força, e da crueldade: esta he a sua honra, este he o seu Idolo, que elles adorão em summo grão: ainda quando estão proximos a serem mortos, e devorados pelos seus inimigos, os insultão, e desafião com desprezo, significando desta sorte, que ainda que lhes despedacem os corpos, não poderão já mais abater o valor, e a coragem de hum só da sua Nação: elles morrem como Heróes (a).

(a) Stad. d. part. 2. cap. 29. Lery cap. 14. *At vero num putas propterea eum caput demittere, ut solent hic son-tes? minime vero id quidem. Quin contra incredibili audacia res suas gestas, apud eos, a quibus constrictus detinetur, enumerat his verbis: Ego, ego ipse fortissimus, sic vestros olim cognatos vinxi. Tum se laudibus magis, at magis evebens, modo in hanc, modo in illam conversus partem, alium quidem ita compellat: Heus tu, patrem tuum ego voravi. Alium vero: O bone, fratres tuos mactavi, et boucanavi: tot denique viros, faeminas, puerulosque, ex vobis Teoupinambultiis bello a me captos devoravi, ut numerum assequi non possim. Caeterum ne ignorete; populares meos Margatates tot in posterum mactaturos esse, quot e vobis intercipere poterunt: atque ita mortem ulciscuntur meam.*

## §. X:

Os Indios, que derão o nome á celebre Provincia (a) dos Campos Ouetaçazes, huma das mais ferteis e ricas da Capitanía do Rio de Janeiro (b), são tão valentes, que he mais facil matallos, do que vencellos. Elles tem horror a hum só instante de vida debaixo da escravidão : nenhuma Nação Brasiense, nem Europea, pode atégora cantar a gloria de os ter vencido (c). Elles ainda se conservão livres, e independentes.

(a) Esta riquissima Provincia esteve quasi de todo arruinada pelos annos de 1748, por causa de algumas desordens que houverão entre aquelles moradores, sobre a posse, que se pertendeo tomar da Donataria daquella Provincia : e continuando mais e mais as desordens, e perturbação do Povo, veio a esta Corte pelos annos 1750 meu Pai, Sebastião da Cunha Coutinho Rangel, e expondo ao Augustissimo Senhor Rei D. José de saudosa memoria, sempre adorado por aquelles Póvos, o grande desejo que elles tinhão de viverem sujeitos immediatamente a Sua Magestade, e não aos Donatarios, conseguio do mesmo Senhor, pelos annos de 1754, hum perdão geral para todos os que se achavão complicados naquelle negocio ; e que se comprasse, como se comprou, para a Coroa, não só a dita Donataria, mas tambem todas as outras, que ainda havia no Brasil.

(b) Vasconcel. d. liv. 1. *das Notic. antecedent. das cous. do Brasil*, n.º 49. Gabavão mais os Indios a bondade dos arredores de outro rio chamado Paraíba ; cuja corrente desce de mui longe das montanhas de Biratininga ( hoje S. Paulo ) da banda do certão ; como acha o impedimento dos muitos montes, atravessando mais de 50 legoas do certão, vem desembocar ao mar, onde a Natureza lhe concede sabida em altura de 21 gr.  $\frac{1}{4}$ . Faz grande nu-

mero de Ilhas de masapé finissimo, cobertas de arvoredos, que sobe ao Ceo. Poderá daquella barra para dentro fundar-se hum Reino, a ser elle capaz de embarcações maiores.... habitavão (os Indios *Quetacazes*, ou *Goitacazes*) humas campinas chamadas do seu nome, e poderão chamar-se campos *Elysios* na formosura, grandeza, e fertilidade.

Da fertilidade das terras da Capitania dos Campos dos Goitacazes só pôde ter huma idéa clara o que as tem visto, e experimentado: ellas estão situadas ao Norte do Rio de Janeiro mais de 60 legoas, e formão huma planicie muito dilatada na margem direita do Rio Paraiba do Sul, por mais de 400 legoas quadradas parallelas ao mar, até o Rio Macahê, que lhe fica ao Sul: toda esta planicie he cortada de varios rios, e lagoas, cujas agoas correm humas para o rio Paraiba, outras para o rio Macahê, e pelo meio de toda aquella planicie se pode fazer hum canal de comunicação desde os nascentes dos dois rios *Uraray*, e *Mocabu*, que nascendo da grande Serra do mar, vão entrar na famosa Lagoa Fea, que por hum braço se estende para o lago de *Quisamam*, e d'este para as Lagoas de *Carapebus*, até entrar no dito rio Macahê.

Este Rio, ainda que estreito, e de pouco fundo até á sua foz, com tudo sahindo a huma grande enseada entre a terra firme, e as famosas Ilhas de Santa Anna ao Norte de Cabo-Frio, forma hum ancoradouro seguro para muitas Náos de Linha: as ditas Ilhas ainda que são muito cobertas de pedras, e muito altas, com tudo tem muita agoa doce, e boa, e estão muito visinhas da terra firme, donde podem ser providas de todos os viveres, e ellas mesmas abundão de muito peixe excellente em todas as suas Costas: he de absoluta necessidade, que sejam bem fortificadas aquellas Ilhas, não só para defeza daquella Costa, mas tambem para que alli se não acolhão *Contrabandistas*, nem *Corsarios inimigos*.

O dito rio Paraiba, que lhe fica ao Norte, he muito largo, fundo, e caudaloso, e dá huma excellente navegação de mais de 40 legoas desde a Serra do mar até á sua foz, e pelas suas muitas agoas se pode fazer ainda mais navegavel da dita Serra para cima, até quasi ao seu nascente, desde as serras entre o Rio de Janeiro, S. Paulo, e Minas Geraes. Vej. o meu *Discurso sobre as*

*Minas do Brasil*, cap. 4. pag. 57 § „ Da mesma Serra do „ mar „: mas he necessario facilitar-lhe a passagem por entre algumas pedras, ou cachoeiras: este grande, e tão caudaloso rio vai sahir a huma costa brava de areia, muito exposta aos ventos do mar, e principalmente do Sul, que movendo as areias de huma para outra parte forma bancos mudaveis, e incertos, e muitas vezes perigosos, e que apenas dão passagem a alguns hyates: seria preciso fazer-se-lhe huma barra artificial de pedra, talvez como a de Aveiro.

Todas estas despezas, e outras deste genero se podem fazer sem maior despendio da Fazenda Real, concedendo-se, que alguns Associados se ajustassem para abrir, ou facilitar a navegação daquelle, ou de qualquer outro rio, pagando-se á Sociedade hum certo imposto moderado sobre os generos transportados, e por hum certo numero de annos, conforme se ajustassem, ficando depois o imposto para a Fazenda Real.

Se houver descuido em se providenciar a barra do rio Paraíba do Sul, aquellas planicies tão dilataradas, e tão ferteis, tornarão ao seu primitivo estado de afogadas por aquelle grande rio; pois que aquellas mesmas planicies, e a sua fertilidade estão mostrando ao observador intelligente, que forão sedimentos, que deixarão aquellas agoas quando se forão ajuntando, e formando aquelle tão grande, e caudaloso rio, e os seus visinhos, ainda que mais pequenos; e os mesmos encanamentos daquellas grandes lagoas, e dos paúes, brejos, pantanos, que se extendem pelas suas visinhanças descobrirão terras immensas, de huma producção ainda mais prodigiosa, e de facil conducção até o mar pelos seus mesmos canaes.

Pelo que pertence ás cachoeiras do dito Rio Paraíba, ou de qualquer outro, que descendo do interior d'aquellas terras não tem navegação, ou se acha embaraçada a sua passagem por cauza dos bancos de pedras, se poderá tambem conceder hum imposto por certo numero de annos nos generos, que por taes cachoeiras passarem, em favor dos Associados que as fizerem desembaraçar: e como as terras naquelles certões á margem de taes rios sem navegação são quasi como perdidas para o grande Commercio de exportação ( e até mesmo serão as ultimas a se

povoarem em quanto houverem outras de mais facil exa portação dos seus generos ), se poderão dar de Sesmaria aos Associados que facilitarem a navegação de taes rios, na forma em que já a respeito das datras das Sesmarias expuz a Sua Alteza Real em 4 de Novembro de 1801. Veão-se as Peças Justificativas da minha *Dezeza* N. 13 pag. 102 e seguintes: concedendo-se-lhes a escolha do lugar, e do numero de braças de terra junto á margem do mesmo rio, pela parte de cima da cachoeira, não só para mais e mais se interessarem no melhoramento da dita passagem, e navegação, mas tambem para convidar a outros a habitarem aquellas terras, e darem valor a todas ellas; não se concedendo Sesmarias para a parte debaixo das cachoeiras, em quanto estas não estiverem desembarradas.

O projecto de facilitar a navegação dos grandes rios sem despezas do Erario Regio, e só sim á custa dos que recebem a utilidade da navegação ( por hum imposto moderado nos generos transportados por hum certo numero de annos, pago a huma Associação, ou Companhia de Negociantes ricos, debaixo de certas condições e seguranças ) apparece agora proposto a Sua Magestade Catholica para a navegação do rio Guadalquivir (\*): hum semelhante projecto me parece muito digno de se adoptar.

(\*) Veja-se a Gazeta do Lisboa de 28 de Dezembro de 1814 ao artigo de Hespanha.

(c) Lery d. cap. 5. *Planiciem sumus conspicati, amplitudine triginta miliarium: hanc incolunt Ouetacates homines adeo feri, ut neque pacem inter se colant, et cum finitimis omnibus advenisque bellum gerant. Cum vero ab hostibus premuntur, a quibus tamen nunquam jugum accepere, mira pernicitate morti se eripiunt. Denique efferati Ouetacates. . . Inter Occidentalis Indiae populos immanitate, ac saevitia insignes merito censendi esse videntur. Caeterum quod nullam cum Gallis, Hispanis, Lusitanisque commercium habeant, aliisque Transmarinis, carent nostris mercibus. Et cap. 15. Populi ( Ouetacates ) sunt non multum ab eis ( Tomonpinambaultiis ) remoti, quibuscum inimicitias perpetuas gerunt, quos etiam superare nunquam potuerunt. Vasconcel. d. liv. 1. n.º 125. e *Vida do P. Anchieta*, liv. 5. cap. 10. n.º 1. e 2.*

## §. XI.

Eis-aqui os homens, a que os apaixonados pelo decantado systema dos Climas chamão fracos, pussillanimes, e de fibra froxa: he necessario não ter nem ao menos lido a Historia daquelles Indios, para cahir em tantos erros de factos; basta só reflectir-se hum poucò sobre a boa ordem, e perfeição da Natureza, para se ver, que o homem nascido e creado no meio dos ardores do Sol, necessariamente ha de ser tão forte, e tão agil no seu Clima, como he no seu o nascido e creado no meio dos gelos. Mas com tudo se o Clima houvesse de influir alguma cousa, seria mais a favor do homem do Paiz quente, do que do homem do Paiz frio.

## §. XII.

Porque se a coragem he aquelle enthusiasmo, aquelle fogo abrasador, que arrebatá o homem acima de si mesmo, e que constitue o heroismo; por isso que nenhum coração he mais facil de abrasar-se do que o nascido e creado debaixo da Zona Torrida, como diz o mesmo Montesquieu (*a*); necessariamente o homem nascido debaixo da Zona Torrida he de ter ao menos muito mais coragem, do que o homem nascido e creado debaixo dos gelos, dadas as mesmas circumstancias (*b*).

(a) Montesq. liv. 14. art. 3. *La Nature . . . leur a donné ( a ces Peuples des pays chauds ) aussi une imagination si vive , que tout les frappe a l'excès. Cette même délicatesse d'organes , qui leur fait craindre la mort , sert aussi a leur faire redouter mille choses plus que la mort ; c'est la même sensibilité , qui leur fait fuir tous les perils , et les leur fait tous braver.*

(b) O Author da *Histor. Philos.* tom. 5. liv. 11. cap: 31. pag. 316. tratando dos filhos dos Europeos nascidos debaixo da Zona Torrida , aos quaes chamão creolos , he o mesmo que diz : *Leur intrépidité s'est signalée à la guerre par une continuité d'actions brillantes. Il n'y auroit pas de meilleurs soldats , s'ils étoient plus capables de discipline. L'histoire ne leur reproche aucune de ces lâchetés , de ces trahisons , de ces bassesses , qui souillent les annales de tous les peuples. A peine citeroit on un crime honteux , qu'ait commis un créole. Tous les étrangers sans exception , trouvent dans les isles une hospitalité prévenante , et genereuse. Cette vertu se pratique avec une ostentation , qui prouve au moins l'honneur qu'on y attache. Ce penchant naturel à la bienfaisance exclut l'avarice : les créoles sont faciles en affaires. La dissimulation , les ruses , les soupçons n'entrent jamais dans leur ame. Glorieux de leur franchise , l'opinion , qu'ils ont d'eux-memes , et leur extrême vivacité ecarterent de leur commerce ces mysteres , et ces reserves , qui etouffent la bonté du caractere , eteignent l'esprit social , et retrécissent la sensibilité. Une imagination ardente , qui ne peut souffrir aucune contrainte , les rend independans , et inconstans dans leur goûts. Elle les entraîne au plaisir avec une impetuosité toujours nouvelle , à laquelle ils sacrifient et leur fortune , et tout leur être. Une penetration singulière , une prompte facilité a saisir toutes les idées , et a les rendre avec feu ; la force de combiner , jointe au talent d'observer ; un melange heureux de toutes les qualités de l'esprit , et du caractere , qui rendent l'homme capable des plus grandes choses , leur feront tout oser , quand l'oppression les y aura forcés. Os Hollandezes nascidos e creados nos climas frios , e que ha mais de hnm seculo assustavão a Europa , e a hum dos mais poderosos Soberanos daquelle tempo , forão lançados fóra de Pernambuco pelos Habitantes daquelle paiz debaixo da Zona Torrida , sem soccorro de alguma*

Nação dos climas frios, nem ainda dos Portuguezes Europeos; e até se lhes mandarão ordens expressas da Corte para que se sujeitassem aos Hollandezes, com o fundamento de que S. Magestade queria antes perder huma Provincia do que todo o Reino; ao que responderão aquelles valerosos, honrados, e fieis Vassallos » Se o Rei » estivesse bem instruido do nosso zelo, dos seus verdadeiros interesses, e dos nossos successos; em lugar de nos » mandar largar as armas, elle nos animaria a seguir a » nossa empreza. » Vej. *Histor. d. Philosoph.* tom. 4. liv. 9. §. 10. pag. 271. Elles tinhão razão; se Pernambuco ficasse no dominio da Hollanda, o Brasil já não seria hoje de Portugal.

### §. XIII.

Mas deixando de parte as hypotheses, que de nada valem contra a verdade dos factos, he necessario comparar o homem do Paiz frio com o homem do Paiz quente, despidos ambos do artificio da educação, e do luxo, para se ver quanto hum excede ao outro. Compare-se, por exemplo, hum Indio Ouetacá, nascido e creado debaixo da Zona Torrida no Brasil junto ás margens do rio Paraiba do Sul, com hum Indio Eskimó, nascido e creado no meio dos gelos do Norte da America junto das margens do rio de S. Lourenço: ver-se-ha aquelle guerreiro, e invencivel, cheio de força e de coragem; (a) este miseravel, fraco, e pusillanime (b).

(a) *Stad. d. part. 1. cap. 19. et 42. et part. 2. cap. 4. Lery d. cap. 5. Vasconcel. d. das Notic. anteced. do Bras. liv. 1. n.º 125. e Vid. do P. Anchieta. liv. 5. cap. 10. n.º 1. e 2.*



(b) *Histoir. Philos. et politiq. liv. 17. chap. 32. Climat de la baye d'Hudson . . . Tout s'y resent de la sterilité de la nature. Les hommes y sont en petit nombre, et d'une taille, qui n'exced guere quatre pieds. Comme les enfans, ils ont la tête enorme à proportion de leur corps. La petitesse de leurs pieds rend leur marche vacillante, et mal assurée. Des petites mains, une bouche ronde, qui seroient un agrement en Europe, sont presque une difformité chez ce peuple, parce qu'on n'y voit que l'effet d'une foiblesse d'organisation; d'un froid qui reserre, et contraint l'essor de la croissance; les progrès de la vie animale et vegetale . . . Tels sont les Eskimaux. Os Pexeveis, que Cook descreve, e que são habitantes da terra do Fogo, dão ainda exemplo mais evidente desta verdade.*

#### §. XIV.

Compare-se hum Indio Ow-hy-e, nascido e creado debaixo da Zona Torrida, nas Ilhas do mar do Sul, com hum Kamschatchadal, coberto de neve nos fins da Azia: ver-se-ha este medroso, e fugitivo (a); aquelle pelo meio das baionetas, e das balas da Infantaria, e da Artelharia Inglesza, fazendo em postas, e devorando o desgraçado Cook (b). Compare-se hum Preto dos certões do Senegal na Africa, nascido e creado debaixo de hum Ceo abrasador, com hum Laponio dos fins da Europa junto ás margens do mar Glacial: ver-se-ha aquelle cara a cara atacando, e lançando por terra os mais bravos Leões (c); este tremendo de frio, e de medo (d).

(a) *Journal d'une expedition faite dans la mer pacifique du Sud, et du Nord em 1776. 1778. 79. e 80. pag. 475.*

(b) *d. Journal pag. 415. Le combat devint general; l'*

artillerie des vaisseaux, la mousqueterie des Soldats de marine, et de nos gens qui estoient dans la chaloupe, pres de la côte, firent un massacre epouvantable des Naturels; les boulets, et les balles renversoient des lignes entières: mais les sauvages furieux deployerent une intrepidité extraordinaire; et en depit de tous nos efforts, ils emporterent en triomphe le corps de M. Cook.

(c) *Histoir. general. des voyag. Haye 1747. tom. 3. liv. 6. chap. 2. pag. 262. Jannequin . . . fait le recit d'un combat, dont il fut temoin, entre le Kamalingo et un Lion terrible. Ce Prince voulant faire connoitre son courage et son adresse aux François, les fit monter sur quelques arbres, près d'un bois fort fréquenté des betes farouches. Il montoit un excellent Cheval, et ses armes n'etoient que trois javelines, que les Negres appellent zagayer, avec un coutelas, a la Moresque. Il entra dans la foret, où rencontrant bientôt un Lion, il lui fit une blessure a la fesse. Le fier animal accourut vers son ennemi, qui feignit de fuir, pour l'attirer dans le lieu où il avoit placé les François. Alors le Kamalingo, tournant tout-d'un-coup, l'attendit d'un air ferme, et lui lança une seconde javeline, qui lui perça le corps. Il descendit aussitot, et prenant un epieu, il alla au devant du Lion, qui venoit a lui la gueule ouverte, avec un furieux rugissement. Il lui enfonça son epieu dans la gueule même. Ensuite sautant sur lui le sabre a la main, il lui coupa la gorge.*

(e) *V. Dictionnaire geographique-portatif na palavra Laponie. Les Lapons n'ont que quatre pieds et demi au plus . . . Ils sont colères, brutaux, fort paresseux, et très superstitieux. Ils sont lâches, craintifs.*

§. XV.

Lery, e seus companheiros, nascidos e creados na Zona Temperada, não poderão dobrar hum só arco dos Indios Tamoyos da Zona Torrida dos contornos do Rio de Janeiro. Elle he o mesmo que confessa, que lhes era necessario tra-

K

balhar com todas as suas forças, para dobrarem hum arco aos rapazes de dez annos (a). Claudio Jannoquin, Senhor de Rochefort, que atravessou pelos certões da Africa até ao Senegal, confessa que os Pretos daquelle Paiz (onde hum Europeo apenas pôde respirar) excedem totalmente aos Europeos em força, e coragem (b).

(a) Lery d. cap. 13. *Arcus insuper habent, quos Oraptis nominant ex eodem ligni genere, rubro nimirum, et atro fabricatos: ii longitudine, et crassitudine nostros adeo superant, ut eos nec lentare, nec adducere ullus nostrum possit: quin potius imo totis viribus puerorum 10. annorum arcibus curvandis opus esse.*

(b) *Histoir. general. des voyag. pag. 263. Jannoquin confesse que les Negres de ce pays l'emportent tellement sur les Européens pour la force, et le courage, qu'un de ces Barbares renversoit aisement d'une seule main le plus robuste des François; de sorte que s'il estoit question d'en venir aux coups, dans un combat d'homme a homme, il ne doute pas que l'avantage ne demeurat toujours aux Negres.*

## §. XVI.

Passando para os irracionaes: compare-se a força e a coragem de hum Tigre, ou de hum Leão das planicies da Zaará, com a de hum Lobo, ou com a de hum Urso da Siberia; ver-se-ha que estes apenas poderão servir de creados daquelles (a). Passando para os vegetaes: compare-se a força e a rizeza de hum páo Ferro, de hum Ipê, de hum Guramirim, de hum Sucupira das margens do Amazonas, com a de hum Carvalho, de hum Buxo, de hum Castanho, de

hum Pinho das margens do Nieper; verse-ha o quanto estes são brandos a respeito daquelles. A Natureza, que em todas as suas producções debaixo da Zona Torrida se mostrou forte e robusta, tanto a respeito das fibras dos irracionaes, como dos vegetaes, só se havia de mostrar fraca, e degenerada a respeito da fibra do homem, o primeiro objecto da sua criação? Que inconsequencias!

(a) Buffon. tom. 9. *Histoir. Natur. du Tigre* pag. 130. *Le Tigre . . . desole le pays qu'il habite, il ne craint ni l'aspect, ni les armes de l'homme; il egorge, il devasté les troupeaux d'animaux domestiques, met a mort toutes les bêtes sauvages, attaque les petits elephans, les jeunes rhinoceros, et quelquefois même ose braver le Lion.* et d. tom. *Hist. Natur. du Lion* pag. 3. *Dans les pays chauds les animaux terrestres sont plus grands, et plus forts que dans les pays froids, ou tempérés, ils sont aussi plus hardis, plus ferores, toutes leurs qualités naturelles semblent tenir de l'ardeur du climat. Le Lion n'est sous le soleil brulant de l'Afrique, ou des Indes, est le plus fort, le plus fier, le plus terrible de tous: nos loups, nos autres animaux carnassiers, loin d'être ses rivaux, seroient à peine dignes d'être ses pourvoyeurs . . . et ce qui prouve évidemment que l'excès de leur ferocité vient de l'excès de la chaleur, c'est que dans le même pays, ceux qui habitent les hautes montagnes où l'air est plus temperé, sont d'un naturel different de ceux qui demorent dans les plaines, ou la chaleur est extrême. Les Lions du mont Atlas, dont la cime est quelquefois couverte de neige, n'ont ni la hardiesse, ni la force, ni la ferocité des Lions du Biledulgerid ou du Zaara, dont les plaines sont couvertes de sables brulans.*

§. XVII.

Montesquieu, querendo dar mais força á  
K ii

sua opinião de que o homem do Paiz frio tem a fibra mais forte, do que o do Paiz quente, se valeo da Historia dos Póvos dos Paizes frios, que subjugarão muitas vezes os Póvos dos Paizes quentes; mas elle descobriria facilmente a cauza deste effeito, se não se tivesse apaixonado tanto pelo systema dos Climas, e se não tivesse confundido as forças naturaes de cada hum homem em particular, com as de hum Povo junto em sociedade.

### §. XVIII.

Hum Povo, que vive em hum Paiz fertil e abundante, por isso que vive farto, entrega-se mais aos prazeres, ao luxo, e á ociosidade; cada Cidadão vive quasi como separado, e independente hum do outro. Esta separação das partes compõe hum todo desunido e fraco; e pelo contrario huma Nação, que vive em hum Paiz pobre e esteril, he quasi sempre rude, e guerreira, porque a sua pobreza mesma, cujo pezo a importuna sem cessar, a põe em huma absoluta necessidade de procurar por todos os meios a sua subsistencia. Esta necessidade geral ensina a todo hum povo esfaimado a unir-se, e juntar todas as suas forças para consêguir hum mesmo fim, e mutuamente se auxiliarem; até que finalmente por hum projecto já muito dantes premeditado faz huma irrupção, surprende, e conquista

hum povo manso, que no meio da abundancia vive contente, e descuidado; mas logo que este povo acorda do seu lethargo, recobra da mesma sorte os seus direitos usurpados (a).

(a) Disto se está hoje vendo o exemplo nos Portuguezes, e nos Hespanhoes, contra os Francezes seus injustos invasores, habitantes de climas mais frios.

§. XIX.

Os Scythas, ou Tártaros, tres vezes invadirão a Azia; mas tambem forão della tres vezes repellidos (a). Os Póvos do Norte donde tem sahido estes exercitos formidaveis, que tem transtornado tantos Imperios, tinham já muitos habitantes, sem muito terreno para os sustentar, nem muita industria para lhes supprir o necessario; e assim se fazião de necessidade soldados, e conquistadores, porque elles só achavão inimigos sem fronteiras, nem reparos.

(a) Justin. liv. 2.

§. XX.

Se elles tivessem achado huma resistencia, qual a que acharão os Moscovitas no principio deste seculo, elles terião necessariamente voltado as suas vistas para o Commercio. Naquelles antigos tempos nem a Policia, nem o Commercio fazião alguns progressos; a barbaridade rei-

nava igualmente entre os vencedores, e os vencidos.

### §. XXI.

Os Suissos com huma boa Policia para augmentar a população, tem tão pouco terreno, que a sua industria laboriosa não basta ainda para os sustentar; mas a Europa já se não acha nas mesmas circumstancias de conquista (a). A sua visinhança cercada de Fortalezas os tem reduzido a fazerem-se tropas mercenarias, e a fazer a guerra por conta de outro, sem esperanças de poder augmentar o seu terreno, nem fazer novas Colonias; elles se tem visto mesmo na necessidade de commerciar por mãos alheias, e de metter os seus fundos nos bancos de Commercio da Europa.

(a) Quando no anno de 1794, em que este Ensaio sahio a publico pela primeira vez, eu disse, que a Europa não estava já no estado de conquista; tendo sómente em vista o maior bem de Portugal, e das Nações suas Amigas; e Alliadas, e das que com Portugal quizessem ter relações de interesses; não me veio, nem podia vir á imaginação, que houvesse na Europa huma Nação tão ambiciosa, que propondo-se a conquistar as outras, ella mesmo se deixasse conquistar; e que houvesse huma Nação tão louca, que propondo-se a civilizar a Africa, reformar a Europa, corrigir a Azia, e regenerar a America, e dar a todos a liberdade; ella mesmo se mettesse na escravidão, e se prendesse com os seus ferros; e que imaginando levar tudo ao *Optimismo* ella precipitasse tudo no *pessimismo*; e isto no Seculo XVIII. que se dizia das luzes!

§. XXII.

Em huma palavra, não he a fibra mais, ou menos forte, nem os grãos de calor deste, ou daquelle Clima, que decide da força, e da coragem destes, ou daquelles póvos: a educação, os costumes, o Commercio, as Leis, a disciplina, os vicios mesmos, os erros, as opiniões ainda que falsas, e outras muitas circumstancias são as que decidem da sorte dos Imperios. A nova Roma ainda se acha debaixo do Clima da antiga: e com tudo que distancia não ha da força, e da coragem, de huma á da outra? O Clima que produzio os Alexandres, conquistadores da Azia, apenas produz hoje humildes escravos do maior Déspota do mundo.

§. XXIII.

Montesquieu para dar mais huma prova do quanto influe na felicidade do homem o nascer debaixo deste, ou daquelle Clima, para ter huma fibra mais ou menos forte, e por consequencia para ser, conforme o seu systema, livre ou escravo, diz que nos paizes frios reinou sempre a liberdade, por isso que nelles a fibra e mais forte; e que nos paizes quentes reinou sempre a escravidão, porque nelles a fibra he mais froxa. (a). Que as Republicas, e os Governos popala-



res, por isso que são de maior liberdade, são mais proprios para os Paizes frios, e pelo contrario as Monarquias para os Paizes quentes (b).

(a) Montesq. d. liv. 17. art. 2.

(b) d. liv. art. 6.

#### §. XXIV.

Para se ver a falsidade destes argumentos não he necessario sahir fóra da Europa. Todos sabem que ao Norte da Europa, onde os Paizes são mais frios, não ha Republicas; debaixo daquelles gelos todos os Estados são Monarquicos. Alli a escravidão se acha espalhada por toda a parte; a Ungria, a Polonia, a Russia, a Turquia se compõe de muitos destes miseraveis. A Czarina está premiando todos os dias os seus grandes Generaes com muitos centos de escravos; e os mesmos Moscovitas até muitas vezes se vendem (a). E pelo contrario as Republicas da Europa se achão em Paizes mais quentes. Hollanda, Veneza, Genova, Luca etc. respirão hum ar mais quente do que a Russia, a Suecia, a Noruega. Nos Estados meridionaes da Europa apenas se ouve fallar no nome de escravo (b). Da mesma sorte a Religião Protestante, que elle diz ser mais propria para as Republicas, e a Catholica Romana para as Monarquias (c): pelo contrario se vê que a Protestante he a dominante da maior parte das Monarquias do Norte; e a Ca-

tholica Romana de todas as Republicas da Italia. Não he necessario ter a vista muito aguda, para ver as contradicções, e os absurdos em que Montesquieu, e os Sectarios do systema dos Climas estão cahindo a cada passo.

(a) Montesq. d. liv. 15. art. 6. *Les Moscovites se vendent tres-aisement; j'en sçais bien la raison, c'est que leur liberté ne vaut rien.*

(b) Margarita Princeza dos Paizes Baixos em 1252, e Luis X. Rei de França no principio do seculo XIV. foram os primeiros que abolirão a escravidão nos seus Estados. A França, e os Paizes Baixos mudarão por ventura de clima? ou as fibras daquelles habitantes se farão depois mais fortes?

He necessario ainda notar, que a abolição da escravidão, á qual estavam sujeitos os habitantes de França, e de Inglaterra até o principio do Seculo XIV. não foi devida ao maior ou menor grão de força, proveniente do influxo dos seus climas, nem á humanidade dos chamados Philanthropos, nem ás luzes dos que se dizem Philosophos sentimentaes; foi sim devida á Politica dos Reis de Inglaterra e de França daquelle tempo, para abatarem o orgulho dos que erão muito poderosos em escravos, privando-os dos braços, que lhes davão tantas forças, e reduzindo os senhores, e os escravos á igualdade dos seus vassallos. Vej. *Histoire. Philosoph.* tom. et liv. I. Introduction §. Le President de Montesquieu.

(c) Montesq. d. liv. 24. art. 5.

## §. XXV.

Conheço que tenho sido fastidioso em me demorar por tanto tempo contra huma opinião, sobre a qual apenas se reflecte hum pouco, se descobre logo toda a sua fraqueza; mas como as

L

opinões velhas, e populares, principalmente quando são apoiadas por homens de authoridade, ou que tem adquirido reputação, não basta cortallas, mas he necessario destruilas, e arrancal-las (a); espero merecer toda a desculpa, e que se attenda que defendo a causa daquelles Indios invenciveis, que eu vi, tratei, e conheci de perto; e que, talvez pela falsa opinião, que se tem estabelecido como regra geral, de que os Povos dos Paizes quentes são fracos e pusillanimes, se tenham desprezado os meios de aproveitar aquelles braços tão fortes, e tão necessarios para hum Paiz tão dilatado, e que acaba de sahir das mãos da Natureza na sua maior perfeição.

(a) Os Redactores da *Decada Filosofica* analysando este Capitulo, dizem: *J'ai été agréablement surpris par la lecture de cet ouvrage d'un évêque philosophe. La littérature portugaise est peu connue en France, et je doute qu'on y ait connaissance de cette production littéraire, qui dans un cadre assez étroit renferme un grand nombre de nouvelles connaissances, surtout pour les hommes d'Etat et ceux qui s'occupent de la statistique, science dont ma patrie a pour ainsi dire été le berceau, et dont la France a depuis peu reconnu l'importance.*

*Je me plais à vous communiquer le V. chapitre de l'ouvrage de l'évêque de Fernambouc, qui doit intéresser tous les philosophes, et surtout ceux de la nation française. L'auteur y combat le système de Montesquieu sur l'influence des climats, avec une chaleur que semble lui donner la certitude qu'il a de son opinion, appuyée à la vérité de faits constants, qui paraissent avoir échappé à l'esprit observateur de Montesquieu. Je n'oserai pas prononcer entre les deux opinions; mais comme l'objet dont il s'agit est plein d'intérêt, tant sous le rapport de son importance en lui-même, que sous celui de l'ouvrage le plus philosophique peut-être dont*

*à honore la littérature française, je désirerais consulter les savans français sur cette contestation, pour être à même d'ajouter à ma traduction une réfutation de l'opinion de l'évêque de Fernambouc, dans le cas où on trouverait des armes pour la combattre victorieusement. Favoueraï volontiers que mes connaissances sont insuffisantes (\*)*.

(\*) Vej. N. 22. La Decade Philosophiq. Litterair. et Politiqu

O Redactor Inglez no mesmo Capitulo diz: *In another view, also, this work cannot fail to be interesting to the philosopher of every country, as it clearly refutes the celebrated system of the climates, so long implicitly and almost universally received, of the illustrious Montesquieu (\*)*.

(\*) Vej. The Monthly Review for August, 1803. pag. 425. Art. 15. *A political Essay on the Commerce of Portugal and her Colonies, particularly of Brasil in South America.* By J. J. da Cunha d'Azevedo Coutinho, Bishop of Pernambuco, and Fellow of the Royal Academy of Sciences of Lisbon.

---

## C A P I T U L O VI.

*Da-se buma breve noticia do estado actual dos Indios Ouetacazes, nossos mais bravos, e fieis aliados desde a Provincia dos Campos dos Ouetacazes até ds Minas Geraes.*

### §. I.

**O**S Indios Ouetacazes, e quasi todas as Nações Brasilienses, assim como tem vicios, tem virtudes bem dignas de serem imitadas pelas Na-

ções civilizadas: elles são geralmente cheios de caridade huns para com os outros, e ainda para com os Estrangeiros seus amigos; tudo entre elles parece *commum* (a). São summamente agradecidos aos seus bemfeitores, e lhes tribuão huma fidelidade sincera, e verdadeira, até ao ponto de sacrificarem por elles a mesma vida (b). Eu posso affirmar como experimentado pela muita comunicação, que tive com os Indios Ouetacazes, e pela fidelidade, que elles sempre guardarão á minha caza.

(a) Lery d. *Histoir. in Brasil. cap. 17. Naturalem charitatem abunde inter se mutuo exercent: nam et pisces, et fructus, aliaque quotidie alii aliis donant, imo vehementer dolerent, si vicinos iis rebus, quas ipsi habent, indigere cernerent. Atque etiam eadem liberalitate erga advenas utuntur. Cujus rei exemplum unum afferre satis erit. De periculo quodam quod evasimus ego, Gallique alii duo, quod scilicet mors nobis imminabat . . . nos tum à via in mediis silvis per biduum aberravimus, ac famem non medio-rem sumus perpassi; tandem ad vicum quandam, Pano nomine, ad quem jam ante diverteramus, pervenimus. Ibi nos liberalissime ab Barbaris fuimus excepti. Illi enim auditis incommodis, quae perpassi eramus, ac praesertim summum, in quo versati eramus, periculum, ut ab feris devoraremur, maxime vero ut ab Magaiabibus, communibus nostris hostibus, mactaremur, ad quorum fines per imprudentiam pro- xime accesseramus. Conspectisque spinarum incommodis, quorum misere cuis nostra erat laeserata, adeo nostra mala gra- viter tulerunt, ut vere affirmare hoc loco possim blanditias fictas, quibus nostrates miseros consolari solent, longe ab sin- cera gentis illius, quam nos Barbaram appellamus, humani- tate abesse. Illi enim limpida aqua pedes nostros (quod an- tiquorum morem mihi in memoriam revocavit) abluerunt, sin- gulis nostrum seorsim in pensili lectulo sedentibus. Tum pa- tresfamilias, qui jam cibos nobis apparari providerant, recentemque farinam, quae (ut alias dixi) candidi panis medula*

*Iae bonitate non cedit, corradi jusserant, confestim nobis non nihil refocillatis praestantissimos quosque cibos, puta farinam, volatilia, pisces, fructusque exquisitissimos, quibus continuo abundant, nobis apponi jubent. Praeterea nocte adventiente Moussacat hospes noster pueros omnes a nobis, ut placidius quiesceremus, removet. . . . In summa, verbis exprimere non queo, quam humaniter, et blande a Barbaris illis excepti fuerimus, qui nos non minori prosequuti benignitate, ac Melitenses Barbari Paulum caeterosque naufragos: de quibus Lucas in Actis Apostolicis 28. 1. 2.*

(b) Lery, d. cap. Jam si quaeratur an tuta nobis esset apud illos habitatio? respondit eos, prout inimicos tam insano prosequuntur odio, ut captos mactent, vorentque; sic vice versa tanto tamque arcto amicos (in quo eramus numero) amore complecti, ut potius quidvis subeant ad eos tendendos, quam ut ullo eos affici incommodo pariantur. Itaque eorum expertus fidem illis jam tum maxime fidebam, ac nunc facilius fiderem, quam plerisque . . . infidissimis, atque a pravorum fide degeneribus.

## §. II.

Esta Nação em outro tempo inimiga irreconciliavel dos Portuguezes, e de todas as Nações Europeas, e Brasilienses (a); hoje ainda que conserva a sua independencia, vive com tudo em boa harmonia com os Povos da Provincia chamada dos Campos dos Ouetaçazes, e das Minas Geraes, com as quaes confina. A beneficencia, e a boa fé, com que meus Avós os tratarão sempre, produzirão o milagre desta reconciliação, que se não tinha já mais podido conseguir pela força das armas. Eu ainda conservo as cartas, e os tratados desta alliança feita quasi debaixo dos meus olhos.

(a) Lery d. cap. 5. *Ouetacates homines adeo feri, ut neque pacem inter se colant, et cum finitimis omnibus adventisque bellum gerant. Cum vero ab hostibus premuntur (a quibus tamen nunquam jugum accepere) mira pernicitate morti se eripiunt. . . . nullum cum Gallis, Hispanis, Lusitanisque commercium habent, aliisque transmarinis.* Veja-se Vasconcel. *Vida do Padre Anchieta*, no liv. 5. cap. 10. p.<sup>o</sup> 1., e 2.

### §. III.

O Capitão Mór, e Governador daquella Provincia dos Ouetacazes Domingos Alvares Pesanha (meu Avô Materno) conseguiu finalmente domar esta Nação invencível, á força de lhe fazer continuos beneficios, e liberalidades, tratando com ella huma boa fé a mais escrupulosa.

### §. IV.

Logo que conseguiu a amizade daquelles Indios; para os ter mais seguros, e os fazer mais trataveis com os Portuguezes, lhes deo hum estabelecimento no seu engenho, e fazenda de Santa Cruz sita na margem Austral do rio da Paraiiba do Sul, legoa e meia acima da Villa de S. Salvador dos Campos dos Ouetacazes, e lhes mandou fazer huma grande caza ao gosto delles, em que podessem ter commodamente as suas redes, ou macas, que lhes servem de camas, juto á margem do rio para se lavarem, como costumão, todos os dias, elles de madrugada, e ellas ao meio dia.

§. V.

Esta caza, que lhes serve como de estalagem, está sempre cheia dos que descem dos certões a commerciar com os Povos daquella Provincia. O seu Commercio consiste na permutação, que fazem da cera, e mel, de que abundão muito aquelles matos, assim como tambem de passaros, de quadrupedes silvestres de differentes especies; certos barros, ou argillas de que se fazem panellas (a), e outros vasos fortissimos, que resistem muito ao fogo (b); e quando não tem bastantes generos para permutarem por machados, foices, facas, anzoes, sal, etc. se alugão para cortarem madeiras, em que são destrissimos. Cada hum delles porêm só trabalha pelo necessario; por exemplo, só trabalha por dois, ou tres dias quanto basta para ganhar o equivalente, ou o preço de hum machado, ou daquelle instrumento cortante, de que elle precisa para o seu uso: o ferro, este metal que para o homem he da primeira necessidade, para o Indio he o mais precioso: elle não precisa de vestidos.

(a) As panellas feitas destes barros, e pelos mesmos Indios chamadas vulgarmente *Panellas do Gentio*, ou de *Caboculo*, além de serem muito fortes, são preferiveis ás de ferro, de cobre, ou de qualquer outro metal, pelo perigo a que estas estão sujeitas de serem atacadas pelos acidos, e causarem colicas muitas vezes mortiferas, principalmente quando não são bem lavadas, e bem limpas; o que he muito trivial nas pessoas do serviço das costas.



(b) Os Indios para conhecerem se a argilla he fina, sem mistura da areia, ou de qualquer outro corpo estranho, não se contentão com esfregalla entre os dedos; mas sim experimentão entre os dentes se ella he macia, e branda como cera.

### §. VI.

Aquelles Indios, posto que já contratão de boa fé com aquelles Póvos, com tudo ainda conservão huma certa desconfiança, de sorte que os contratos, principalmente em que elles se alugão, não os fazem sem conselho do seu bemfeitor, ou de seus filhos, que delle herdarão para com elles a mesma beneficencia; e logo que lhes dizem que seguramente podem fazer o seu contrato, não hesitão hum só instante, e se entregão francamente nas mãos do seu contratante. Elles tem levado este sinal da sua gratidão, e de confiança para com os seus bemfeitorés a hum tal gráo, que podem bem servir de exemplo aos que se prezão de sustentar a honra de agradecidos (a).

(a) Lery d. cap. 17.

### §. VII.

Os Indios Ouetacazes depois de terem conquistado a Nação dos Coropoques, ou Coropós, os adoptarão para a sua Nação; de sorte que hoje compõe huma só, debaixo do nome vul-

gar de Coroados, pelo modo com que cortão o cabello ao redor, e no alto da cabeça. E supposto hajão outros muitos Indios, que tambem cortão o cabello ao redor da cabeça, como circirio de Frade; com tudo os Indios Ouetacazes são hoje chamados por antonomasia *os Indios coroados*. Elles occupão o vasto certão de mais de cem legoas, se comprehendem desde os confins dos Campos dos Ouetacazes, seguindo a margem Septentrional do dito rio Paraiba até á margem Austral do rio Xipoto da Commarca de Villarica.

#### §. VIII.

Nestas visinhanças querendo os moradores das Minas Geraes entrar a minerar, e estabelecer fazendas, forão atacados, vencidos, e destruidos pelos ditos Indios, aos quaes nunca foi possivel domar nem afugentar, a pezar dos muitos esforços, que se fizerão, com perda sempre das vidas de muitos daquelles moradores, dinheiro delles, e da fazenda Real. Estes porém já cansados com aquella guerra cruel, e sem fim, pedirão a paz áquelles Indios no anno de 1757; estes com tudo, ainda que ja amigos dos moradores dos Campos dos Ouetacazes, não a quizerão conceder, sem que primeiro ficasse por abonador do contrato o Padre Angelo Pesanha (meu Tio Materno) então bemfeitor delles por morte

M

do seu Pai, o dito Capitão Mór, e Governador Pesanha.

§. IX.

Os moradores das Minas, contentes com aquella condição, rogarão por carta ao dito Padre Angelo, e principalmente o Provedor da Fazenda Real de Villa Rica, que então era Silve-rio Teixeira (depois Religioso, e Prior da Cartuxa em Laveiras) para que quizesse ir pôr fim á guerra barbara e sanguinolenta daquelles Indios (que a fazem sempre comò costumão, por surpresas inevitaveis, destruindo e queimando tudo o que cahe debaixo das suas armas, não perdoando as vidas, nem ainda as mais innocentes): cedeo o dito Padre áquellas rogativas, e partio acompanhado dos mesmos Indios, que o conduzirão com toda a fidelidade por aquelles certões (nunça dantes pizados por algum Portuguez) até ás Minas Geraes, onde finalmente se fez a paz no anno de 1758, que ainda hoje se conserva sem alteração.

§. X.

Depois no anno de 1767, sendo Governador das Minas Geraes Luiz Diogo Lobo da Silva, apparecerão os Indios Cuietés, vulgarmente chamados Botocudos, ou Gamellas (pela extravagancia com que furão o beijo inferior, e as ore-

lhas, em cujos buracos metem grandes rolhas de páo ) os quaes fazião crueis estragos nos moradores do Arraial de Antonio Dias abaixo, sito na margem Septentrional do rio Percicaba.

§. XI.

Aquelles moradores, vendo-se atacados por estes novos inimigos, recorrerão ao dito Governador, e não obstante ter-lhes elle dado todos os soccorros, não foi possível o afugentallos: mas logo que os valerosos Indios Ouetacazes forão chamados pelo seu bemfeitor o dito Padre Angelo em defeza daquelles moradores, já então seus amigos, e alliados, correrão a atacar os Indios Botocudos, ou Gamellas com tanta furia, e com golpes tão pezados, que os fizerão reconcentrar, e fugir até os certões do Amazonas, donde nunca mais tornarão a inquietar aquelles Povos.

§. XII.

Os mesmos Indios Botocudos, ou Gamellas, forão os pregoeiros da fama, e do nome do bemfeitor dos seus vencedores; ella voou de boca em boca até as margens do Mearí nos contornos do Maranhão, onde se conserva esta tradição constante; ella servirá de eterno padrão, que a fidelidade, e a gratidão dos Indios Ouetacazes fez consagrar á memoria do seu bemfeitor, em par-

te tão distante, e no meio dos seus inimigos. Eu tenho em meu poder hum testemunho autentico da confissão (a), que fizeram nas margens do Mearí os inimigos dos Indios Ouetacazes, e ainda mesmo nesta Corte, onde os fizeram conhecer debaixo do nome dos Indios do Padre Angelo (b). Esta Nação guerreira serve hoje de huma barreira impenetravel ás Provincias dos Campos dos Ouetacazes, com quem confina por huma parte, e pela outra com a das Minas Geraes. Aquelles moradores, sem temor das outras Nações Brasi-lienses nosssas inimigas, dormem descansados á sombra da vigilancia dos invenciveis Ouetacazes nossos bons amigos, e fieis alliados.

(a) Este Documento foi passado pelo Juiz de Fóra então do Maranhão, e hoje Procurador da Fazenda Real o Desembargador da Caza da Supplicação Antonio Pereira dos Santos, natural da Cidade de Marianna, onde, quando andava na Escola, vio, e conheceo o Padre Angelo Pesanha, e os Indios, que este e seus Pais tinham domesticados, chamados do Padre Angelo; assimcomo tambem vio na sua Patria os Indios chamados Borocudos, ou Gamellas, aos quaes depois de terem infestado, e destruido as fazendas, e ricas lavras de ouro dos Moradores das visinhanças da Cidade de Marianna sua Patria, e de Villa Rica, tornou a ver nos certões do Maranhão, onde ja domesticados, dizião, que tinham sido lançados fóra das suas terras pelos Indios do Padre Angelo.

(b) O Excellentissimo José Telles da Silva, Conselheiro do Ultramar, quando veio de governar a Capitania do Maranhão trouxe alguns Indios, que nesta Corte attestavão publicamente estes factos.

CAPITULO VII.

*Portugal pode ser huma grande Marinha de guerra sem muitas despezas, nem muito risco, e sem causar desconfiança ds outras Nações.*

§. I.

**H**E da politica das Nações da Europa, principalmente das mais poderosas em Marinha, vigiar que alguma outra se não faça maior; e até mesmo se arrogão o direito de impedir, que se faça grande. Isto he na verdade hum embaraço muito prejudicial á Marinha de huma Nação menos poderosa, e que a põe muitas vezes na quasi dependencia da sua rival.

§. II.

Huma Nação com credito, tem dinheïro, tem soldados, e em pouco tempo faz marchar hum exercito de muitos mil homens. Não he assim a respeito da Marinha; ella não se faz em hum dia, não se vende, nem se empresta. Portugal porém pode pôr huma Marinha formidavel, sem com tudo desafiar contra si a desconfiança das outras Nações.

## §. III.

A dilatada Costa do Brasil ão mesmo tempo que he defendida por muitas, e escarpadas rochas (a), e perigozos baixos, he com tudo accessivel por alguns portos excellentes de muito fundo, e de largas bahias, nas quaes podem estar grandes armadas com toda a segurança, abrigadas dos ventos, e das tempestades (b). Nestes bellos portos fazem os negociantes alguns navios de alto bordo, e grande quilha, sem mais outra cauza do que os seus maiores interesses.

(a) Vasconcel. liv. 1. *das Notic. do Brasil* n.º 68. *Pitta Histor. da Amer. Portug.* liv. n.º 10.

(b) *Herrera Descript. N. Orb.* art. 12. *Descript. Ind. occident.* cap. 25. *de Provinc. et Region. Brasil. Juxta oram hanc portus octo, aut novem nobiliores occurrunt.* Lery d. cap. 6. Vasconcel. liv. 1. *das Notic. do Bras.* n. 49. e seg. *Pitta Histor. da America* liv. 2. n.º 3. e 89. E além dos Portos maiores ha outros muitos, que ainda que de pouco fundo, são com tudo excellentes para a navegação, e Commercio de humas Provincias para as outras. *Pitta d.* liv. 1. n.º 14 e seguintes. Vasconcel. d. liv. 1. n.º 38. e seguintes.

## §. IV.

Hum Negociante em hum navio de mil caixas, por exemplo, lucra mais, do que em dois de quinhentas cada hum. A mareação das vellas de seis mastros pede huma tripulação quasi do-

brada da de tres; dobrados Capitães, dobrados Pilotos, etc. Hum navio grande soffre mais os temporaes, do que hum pequeno; que as mais das vezes, ou soçobra-se com as ondas, ou se vê obrigado a dar a popa ao vento, e fazer huma viagem mais dilatada (a).

(a) O Alcatrão misturado com Arsenico (por isso que este nunca perde a sua qualidade maligna) he excellente para alcatroar a parte do navio, que fica debaixo d'agua: esta mistura mata o guzano, e todo o bixo roedor das madeiras; conserva o navio limpo dos mariscos, e dos insectos; fórma huma especie de verniz, que contribue muito para a maior velocidade do navio; e poupa o grande gasto, e pezo do cobre. Seria muito util, que a este respeito se fizessem repetidas experiencias, não só em pequeno, mas tambem em grande, pelo bem que resultaria á Marinha de guerra, e de commercio de Portugal, principalmente em quanto não heuver abundancia de cobre das Minas do Brasil.

### §. V.

E supposto alguns Escriitores são de opinião, que os navios pequenos são melhores, porque mais facilmente achão fretes, e não estão muito tempo nos portos á espera de carga; com tudo, isto só tem lugar a respeito das viagens breves, e daquellas cargas, que são de pouco pezo, e de muito valor respectivo; mas não a respeito das viagens longas, e de cargas de muito pezo, e de pouco valor respectivo, como são ordinariamente as do Brasil.



## §. VI.

Huma arroba de assucar, por exemplo, peza mais, e vale menos do que dois ou tres covados de panno fino, ou de seda. Hum navio pequeno, carregado de pannos finos ou de sedas, importa em muito mais do que outro de dobrada quilha, carregado de assucar, de madeira, ou de qualquer outro genero do Brasil; e como em qualquer porto, ou Praça he mais facil achar 500 $\phi$  cruzados, do que 1000 $\phi$ , he tambem mais facil no Brasil achar carga bastante para hum navio grande, por isso mesmo que ella he de menos valor, do que na Europa para hum navio pequeno, por isso que a sua carga he de hum dobrado valor.

## §. VII.

O negociante conhece, que não basta fazer muitos, e grandes navios, mas sim que he preciso fazellos bem feitos, fortes, e proporcionados ao fundo dos portos para onde se navega, e com attenção á qualidade, e á abundancia da carga, e que sejam os melhores veleiros quanto for possível; pois que em huma viagem, quanto menos dias se gastão, tanto mais se diminue o risco do navio e da carga, e se poupão as despesas ao menos do sustento da tripulação; o que

tudo he mais hum lucro para o proprietario do navio ; e mais hum ganho para o Estado.

§. VIII.

Mas he necessario, que nos portos principaes do Brasil, onde as madeiras se achão por menos preço em qualidade, e bondade, não só se estabeleção bons Arcenaes, separados dos da Marinha de guerra, para que os negociantes possam livremente fazer construir os seus navios, e lançallos ao mar, quando bem lhes parecer; mas tambem que se dem todas as providencias para que nesses Arcenaes hajão habeis constructores de navios, muitos e bons carpinteiros, calafates, etc. Nos Arcenaes Reaes desta Corte muitas vezes sobejão os obreiros; no Brasil sempre faltão (a).

(a) A multiplicidade dos obreiros; e a abundancia dos matetiaes no Brasil fará construir os navios por hum preço mais commodo; os freres serão mais baratos, os generos das Colonias se darão na Metropole a melhor mercado, e com preferencia aos dos Estrangeiros, que conosco quizerem concorrer.

§. IX.

A arte de construir os navios he mais difficil, do que vulgarmente se pensa, e os principios nem sempre são os mesmos em todas as Nações commerciantes: o talhe, a fórma, e o

N

feitio dos navios Inglezes, Francezes, Hollandezes, etc. differem muito entre si, e todos tem suas razões particulares para preferirem o modelo, que cada hum adoptou. Os navios compridos, e de menos bojo, cuja popa he aguda, ou mais delgada, são os melhores veleiros, dão melhor por davante, e obedecem mais facilmente á manobra; os que são largos, e redondos para a popa, levão mais carga, são mais firmes de bordo, mas andão menos.

### §. X.

Mas tudo bem considerado, o constructor Inglez parece digpo de preferencia, e de ser por nós imitado. Esta Nação excede na maior parte das cousas, que tem relação á navegação. Ella tem alguns seculos de experiencia mais continuada, do que as outras; e o continuo exercicio faz os obreiros habeis. O navio Inglez além da fórma elegante que até satisfaz a vista, corta as ondas com huma rapidez extraordinaria; e como os Inglezes são pela maior parte os melhores marinheiros do mundo, não he de admirar que elles fação em menos tempo a mesma viagem, que as outras Nações fazem em mais. Estes avanços de cada navio, ainda que de poucos dias, em huma grande Marinha dão huma vantagem immensa sobre o Commercio das outras Nações.

§. XI.

Se pois aos donos dos navios de mais de huma certa grandeza , feitos das melhores madeiras , e da melhor construcção , que tiverem portinholas , e canhoelras , e o necessario para a artilharia , se derem alguns premios , ou privilegios , como por exemplo , de carregarem os seus navios primeiro do que os outros mais pequenos ; (a) terá Portugal em tempo de guerra ao menos quantas fragatas quizer , ou compradas , ou fretadas , sem lhes correr o risco , nem causar ciume ás outras Nações.

(a) Supposto seja muito bastante o só interesse do Negociante dos generos do Brasil para o convidar a fazer construir hum navio de alto bordo , forte , bem , e veleiro , não he com tudo bastante para o fazer construir com portinholas , canhoelras , e todas as mais obras de hum navio de guerra , e por isso me parece necessario para este objecto convidallo com algum premio , izenção , ou privilegio.

§. XII.

E se aos donos de taes navios se der a artilharia necessaria , sem mais outra obrigação , do que a de darem conta dellá todas as vezes que se lhes pedir , será respeitada em todo o Oceano a Bandeira Portugueza , e poderão servir até de guarda-costa aos navios mais pequenos (a); o Nego-

N ii

cio será florente , a Marinha se fará formidavel.

(a) Isto que eu tinha escrito antes do anno de 1794 , se praticou depois com muita utilidade do Commercio Portuguez , na guerra que a França moveo contra Portugal pelos annos de 1799: o que tambem fiz praticar com feliz successo em favor do Commercio de Pernambuco , quando alli estive encarregado do Governo interino daquelle Praça , e com os Negociantes d'ella concorri para a compra de huma Fragatinha Franceza , tomada pelos Inglezes , que foi de muita utilidade para afugentar daquelle Costa os Corsarios Francezes , que muitas vezes apprehendião os navios Portuguezes , até mesmo ao entrar da barra , e á vista daquelle Praça.

## CAPITULO VIII.

*Para se fazerem os navios de guerra , e de commercio de Portugal , por hum preço mais commodo , e mais barato , he necessario que o Commercio das madeiras de construcção no Brasil seja livre a todos os Nacionaes , e prohibida a exportação dellas para os Estrangeiros , ou sejam em bruto , ou fabricadas.*

### §. I.

**H**UM dos maiores ramos de Commercio das Nações do Norte he o Commercio livre das suas madeiras ; e muitos Pais deixão a seus filhos ri-

cas heranças, que só consistem em armazens de madeiras (a). Nenhuma Nação com tudo tem tantas madeiras tão preciosas como nós, principalmente de construcção. Além do Tapinhoam, e da Perobá bem conhecidas pelos constructores de náos, ha o Pinho do Brasil, a Ceregeira, o Cedro, a Canella preta, a Gurarema, o Jequitibá, etc. humas melhores para debaixo da agua, outras para os altos; e para mastros o Oleo vermelho, o mesmo Pinho do Brasil, e outros.

(a) Bielfeld *Institutions Politiq.* tom. 2. chap. 1. §. 46.  
*Du parti qu'on peut tirer de toutes sortes de bois.*

## §. II.

Aquellas madeiras serradas, e bem guardadas, conservão-se muitos annos sem corrupção (a), principalmente nos Paizes frios; secão-se, e fazem-se melhores para as obras: deixadas porém nos dilatados matos daquelle continente, a sua grande antiguidade, a sua mesma vegetação muito forte, lhes abbrevia a vida, e concorre mesmo para a sua total destruição: ellas não são eternas.

(a) As madeiras, depois de cortadas, postas debaixo d'agoa corrente, ou em grandes tanques d'agoa salgada, conservão-se por muitos annos, sem corrupção.

## §. III.

Além destas causas ha ainda outra maior,

e mais prejudicial. As arvores daquelle continente, ainda que grandes, com tudo profundão pouco as suas raizes; ellas se extendem todas pela superficie da terra (a). Aquellas arvores sobem a huma altura extraordinaria de mais de cento e cincoenta palmos, com huma grossura proporcionada; qualquer tormenta, ou hum vento mais forte; impellido sobre as suas grandes ramadas, as lança por terra; e o peor he que com a sua queda precipitada arrastão, e levão debaixo de si madeiras novas, e muitas vezes mais preciosas, do que ellas (b).

(a) Labat *Voyage aux Isles de l'Ameriq.* tom 2. chap. 12. pag. 231. *La plupart des arbres de l'Amerique ont peu de racines en terre, et ils ne sont soutenus que par de grandes cuisses, dont les extremités semblent plutot ramper sur la terre, que d'y pénétrer suffisamment pour y prendre de la nourriture; en effet, elles n'y entrent pas de la profondeur d'un pied.*

(b) Hum dos maiores perigos da minha vida foi atravessando eu pelo ceção de Bacachá do Rio de Janeiro para os Campos dos Ouetacazes na occasião de huma grande tormenta: muitas vezes me vi quasi sepultado debaixo dos grandes madeiros, que cahindo atravessavão o estreito caminho por onde eu passava: os mesmos ramos das arvores, quebrando-se com o choque huns dos outros, são muitas vezes mais perigosos, por isso que se precipitão mais depressa, e sem maior estrondo: he hum perigo a que estão sujeitos os que passão por semelhantes matos em taes occasiões; assim como os que cortão aquellas madeiras sem todas as cautelas.

## §. IV.

Condamine (a) na sua viagem pelo rio das Amazonas, fallando do tronco de huma arvore, lançado nas margens daquelle rio pela corrente das aguas, sobre o qual fez as suas observações Astronomicas, diz que, não obstante estar já carcomido, e em muita parte destruido, tinha cento e vinte e seis palmos de comprimento, e trinta e seis de circunferencia. O mesmo Condamine (b), fazendo menção das canoas dos Missionarios Carmelitas das Missões Portuguezas do rio das Amazonas, em huma das quaes elle desceo até ao Pará, diz que são feitas de hum só páo, e tão grandes, que muitas tinham noventa palmos de comprimento, dez e meio de largo, e cinco de alto, e algumas maiores, que erão puxadas por quarenta remeiros.

(a) Condamine *Voyage de la Riviere des Amazon.* pag. 144.

(b) Condamine *id.* pag. 91.

## §. V.

Pitta na sua Historia da America Portugueza, (a) faz menção de canoas de hum só páo tão grandes, que tinham dezeseis, e vinte palmos de diametro, com vinte, e vinte e quatro remeiros por banda, que carregavão cincoenta, e ses-



senta caixas de assucar, de quarenta arrobas cada huma. Hum companheiro de Villagagnon, escrevendo do Rio de Janeiro a hum seu amigo nas visinhanças de Pariz, diz que vira naquelle continente arvores do páo Brasil tão grandes, que tinham cento e cincoenta palmos de alto, e nove de diametro. (b).

(a) Pitta *Histor. da Americ.* liv. 1. n.º 58. e 59.

(b) Herrer. *Nov. Orb. descript.* part. 13. *Exemplar duar. Epistolar. de navigat. Nicolai Villagagnon.*

## §. VI.

As raizes daquellas arvores cercão todo o seu tronco até a altura de seis, ou oito palmos acima da superficie da terra, donde descem diminuindo até a sua extremidade; de sorte que formão as raizes, e o tronco entre si quasi tantos angulos rectos, quantas são as raizes, que o cercão. Não ha madeiras de curvas mais fortes, principalmente quando são de Sucupira, Ipé, ou páo de Arco, Peroba, Sapocaia, etc. Estas raizes põem tão preciosas são juntamente quebradas, e arrancadas com os seus mesmos troncos.

## §. VII.

As madeiras cortadas por conta da Fazenda Real, como alli ordinariamente se pratica, ou mesmo por conta de determinadas pessoas, ain-

da que ellas nada custem em bruto , ou no lugar dos seus nascimentos; com tudo os transportes por si só sempre hão de chegar mais caros á feira, ou á Ribeira das náos, do que sendo compradas na mesma feira, ou Ribeira aos lavradores dellas.

### §. VIII.

Porque ao official, e ao trabalhador, que só corta, e conduz as madeiras por conta, ou de pessoas certas, ou da Fazenda Real, não importa que ellas fação maior, ou menor despeza nos transportes, nem que ellas sejam as melhores; antes procura muitas vezes pôr-lhes todas as difficuldades, e demoras, para vencer dias, e jornaes, e pela maior parte estraga sem piedade muitas madeiras preciosas só para aproveitar hum, ou dois páos, que mais lhe ficão a geito. Na Ribeira das náos desta Corte, se estão vendo todos os dias estes desperdícios, e desordens, a pezar do maior zelo, e vigilancia.

### §. IX.

O mesmo Proprietario, ou senhor das terras, em que se achão taes madeiras, logo que elle não tem nellas algum interesse, he o primeiro que, ainda a pezar das maiores prohibições, e das mais graves penas, ou as deixa arruinar, ou

○

trabalha mesmo por destruiilas, sómente para se livrar daquelle onus, daquelle especie de tributo, com que se achão pensionadas as suas terras, e dos vexames, que debaixo do nome do Soberano, lhe fazem todos aquelles que vão cortar tues madeiras nos seus matos.

### §. X.

Não he assim quando o lavrador, ou proprietario das terras trabalha por sua conta. Elle faz tudô com economia, para não arruinar, nem destruir os seus matos; aproveita em tempo todas as madeiras, que aliàs se perderião; faz todos os esforços para que ellas sejam as melhores, para preferir aos outros concurrentes; todos os dias inventa novos meios de poupar despezas, e de facilitar a conducção, e os transportes, para conseguir hum maior lucro.

### §. XI.

A utilidade de hum lavrador chamará a do outro, e os hirá multiplicando; esta multiplicidade de vendedores produzirá infalivelmente hum melhor mercado; e o comprador terá mais onde escolher em preço, e bondade.

§. XII.

O interesse foi sempre o mestre da industria; elle descobrirá novos caminhos, fara navegaveis os pequenos rios, fará serrar as madeiras nos lugares, em que forem cortadas, para mais facilmente serem conduzidas, ou em grossos pranchões, ou em taboas já proporcionadas á vitola; para as tirar, ou em zorras (a) pelas terras alagadiças, ou em carretões pelas terras seccas, e enchutas; ou em bestas, ou á mão cada huma por si, até as pôr á borda dos grandes rios, ou ainda dos pequenos ribeiros, ou dos corregos seccos, (b) e esperar o tempo das aguas, e das grandes enchentes dos rios para as fazer descer, ou soltas, ou prezas em balças, ou em jangadas, conforme a grandeza dos ribeiros. Os longes, e os pertos são respectivos, aquillo que para o Tejo he longe, para o Doiro he perto.

(a) Zorra chamão os serradores no Brasil a huma pequena máquina muito simples, feita de duas peças de Sucupira, ou de outra madeira forte, huma curva em forma parabolica de 4 ou 5 palmos de vertice, e outra recta, que lhe serve de base, de 3 ou 4 palmos de comprimento, sobre a qual se ata o grande madeiro, ou os grandes pranchões; e parte do vertice da parabolica he voltada para cima, formando outra curva como proa de embarcação, para escorregar mais facilmente por cima das terras alagadiças, ou dos atoleiros, por onde não podem passar os carros, ou carretões; e no meio da proa tem hum buraco, no qual se prende a corda, que arrasta o madeiro.

(b) Corregos seccos se dizem no Brasil os declives das terras, ou caminhos por onde correm as aguas tão somente nas grandes enxurradas, como por exemplo a rua

de S. Bento desta Cidade., que de verão está enchuta, e de inverno correm por ella as aguas com tanta força, que muitas vezes tem levado comsigo homens, bestas, e seges.

### §. XIII.

Os grandes mastros que se tirão de Riga na Livonia, vem das matas da Provincia da Ukrania, e ainda muito mais adiante, de sorte que he necessario esperar o inverno, para os tirar, arrastando sobre a neve, ou sobre o gelo até ás margens do rio de Una donde descem para chegar a Riga até o mez de Junho. Todo este mecanismo só pode ser bem executado por aquelles, que tem interesse no melhor transporte das madeiras; e por isso he necessario deixar-lhes a liberdade de fazerem por sua conta o lucro, e a despeza (a).

(a) Bielsfeld. *Instit. Politiq.* tom. 2. chap. 5. §. 21.

### §. XIV.

Os cortes de madeiras de construcção no Brasil, ainda que repetidos, sendo como devem ser feitos com muita economia, tão sómente para a Marinha de guerra, e do commercio de Portugal, não podem com tudo fazer huma falta sensivel ao Estado; porque I.º hum navio de madeira do Brasil dura muitos annos, e a Marinha não se faz toda em hum dia, mas sim pro-

gressivamente, que he o que basta para que entre tanto a falta das arvores, que se cortão, se vá supprindo pelas outras mais novas, que já desafogadas das velhas se aperfeiçãoã mais depressa: II.º por serem aquelles matos muito dilatados, e de huma extenção immensa (a).

(a) Vej. a Conta, que dei a Sua Alteza Real em 4 de Novembro de 1801 a respeito do concessão das Sesmarias, e dos côrtes das madeiras Reaes, inserta na minha *Dejeza* pag. 102. Documento n.º 13.

§. XV.

A America Portugueza, desde o rio de Vicente Pinson, situado quarenta legoas ao cabo do Norte do rio das Amazonas, (a) até adiante do Rio Grande de S. Pedro para o Sul, tem de Costa mais de quinhentas legoas de dezoito ao grão. Da mesma sorte para o certão correndo para Oeste, tem mais de quinhentas legoas de dezoito ao grão, dese o Cabo de S. Roque até ás ultimas Missões Portuguezas dos Carmelitas, situadas na margem Austral do grande Amazonas: e para a margem Septentrional do mesmo rio tem todo o vastissimo certão de Macapá, e de Rio Negro (b) coberto de madeiras preciosissimas até as margens dos rios Napo, e Aguaricu.

(a) Veja-se o Alvará de doação passado por Philippe IV. de Castella a Bento Maciel em 14 de Junho de 1637. transcripto por Berredo *Annaes Histor. do Estado do Maranhão* §. 573. *Condamine d. Voyage* pag. 198.

(b) Os Portuguezes em 1744 forão em canoas pelo Rio Negro, até o Rio Orenoco hum dos maiores da America Meridional, que nasce das serranias da Provincia de Popayan no novo Reino de Granada, entre a Audiencia de Panama, e de Quito; e virarão em fim todas as duvidas sobre a communicação do Rio Orenoco com o Amazonas pelo Rio Negro. Condamine *Voyage de la Riviere des Amazon.* pag. 116. Berredo *Annaes Histor. do Estado do Maranh.* liv. 10. n.º 728.

### §. XVI.

Mas como a America Portugueza forma quasi hum triangulo, cuja base fica como parallela á linha Equinocial; por hum calculo muito arrastado conterà a America Portugueza mais de cem mil legoas quadradas de 18 ao gráo (a). Destas tire-se ametade, que se deve suppor como terra coberta de cultura, campos, lagos, rios, &c. ainda fica outra metade, ou huma área de mais de cincoenta mil legoas quadradas, cobertas de matos virgens, e incultos, que formão muita parte daquelle vasto continente.

(a) Nenhum Imperio da Europa contém hum terreno tão dilatado, nem ainda a Russia, que excedendo a todos na Europa não chega bem a 592600 legoas quadradas. Busching *Introduction à la Geograph.* §. 17. Alguns Auctores tem dito, que só o Brasil contém tanto terreno como toda a Europa juntamente. Bielfeld *Instit. Politiq.* part. 3. chap. 1. du Portug. §. 21.

### §. XVII.

Mas ainda no caso de se seguir com effeito

alguma falta de madeiras de construcção para o futuro; seria necessario examinar, se ellas deixadas nos matos, expostas a apodrecer, a cahir, e a destruir as outras mais novas, e mais preciosas, darão hum maior lucro ao Estado, do que reduzidas successivamente em navios para augmento do Commercio maritimo da Nação.

§. XVIII.

Nenhuma das Nações do Norte tem tantas madeiras, tão boas, e de tanta duração, como tem Portugal no Brasil; e com tudo nenhuma dellas deixou de as cortar, principalmente para a sua Marinha de commercio, sómente pelo temor de que se lhes acabem. Ellas sabem que são desnecessarias, e até mesmo pezadas aos Estados as náos de guerra, quando não ha Marinha de commercio a que ellas defendão. As Marinhas de guerra, e do commercio de hum Estado são tão ligadas entre si, que a extincção de huma traz consigo a destruição da outra: e por isso he necessario ter sempre ambas á vista, e prestar-lhes os mesmos soccorros; não só pelos interesses, que a Marinha de commercio traz ao Estado, mas tambem porque muitas vezes poderão os seus grandes navios servir de náos, ou de fragatas de guerra para defeza da Nação (a).

(a) V. acima o cap. 7.



## CAPITULO IX.

*Para se adiantar o Commercio das madeiras do Brasil, he necessario que se extingão os direitos, que dellas se pagão de entrada neste Reino.*

## §. I.

**N**O Brasil além das presiocissimas madeiras de construcção, ha excellentes madeiras para os edificios, ainda mesmo para aquelles, que estão descobertos, e expostos ás chuvas: aquellas madeiras resistem muito ao tempo; soffrem hum maior gráo de calor, e muitas dellas se desfazem em braza sem levantar chamas facilmente, nem formar de repente hum grande incendio.

## §. II.

Ha tambem madeiras de cores lindissimas para todo o genero de utencilios, que tomão hum burnido admiravel, e hum polido, ao qual não igualão as melhores madeiras estrangeiras (a). Mas o alto preço dos fretes, e os muitos direitos que neste Reino se pagão da entrada das madeiras, que vem do Brasil, fazem que na maior parte aquel-

las madeiras, ou se desperdicem no Brasil, ou talvez se tirem por contrabando, ou apodreção nos matos, e se destruão no lugar dos seus nascimentos.

(a) Labat d. tom. 5. chap. 19. ensina huma receita para conservar as cores das madeiras.

### §. III.

Pelo que pertence ao alto preço dos fretes, elle irá abaixando á proporção do maior augmento da Marinha commerciante, que necessariamente ha de crescer pela maior abundancia dos generos, e ainda mais, logo que for livre aos lavradores a venda das madeiras de construcção, como já acima ponderei: mas em quanto se não extinguirem os direitos de entrada daquellas madeiras neste Reino, o Commercio dellas ou será nenhum, ou será sempre ruinoso para Portugal, pela maior concurrencia das madeiras estrangeiras.

### §. IV.

A carestia das madeiras do Brasil neste Reino facilita huma entrada maior das madeiras estrangeiras, e por consequencia dá dois golpes nas rendas do Estado; hum pela ruina do genero da Nação, outro pelo dinheiro, que nos leva o Estrangeiro a troco do seu genero. As madei-

P

ras dos Estrangeiros, além de serem pela maior parte muito rezinosas, e combustiveis, e por isso muito prejudiciaes nos incendios das grandes Cidades, são de muito pouca duração, e muito inferiores ás do Brasil; e por isso he necessario extinguir os direitos das entradas das madeiras do Brasil neste Reino, para fazer entrar huma abundancia maior de madeiras melhores, e menos perigosas para os incendios (a).

(a) Bielfeld *Instit. Politiq.* tom. 2. chap. 4. §. 17. *Le grand objet du Souverain, et de ses Financiers, c'est d'encourager par des recompenses, des facilités, des gratifications &c. la culture de ces productions naturelles du terrain; sur tout si elles sont uniques . . . si au contraire, elles ne sont pas uniques . . . il faut les affranchir de tout droit de sortie, pour obtenir un avantage dans la concurrence du debit.*

## §. V.

A extinção dos direitos das madeiras do Brasil neste Reino, não se pode dizer que he huma perda para o Erario Regio; he hum erro muito grosseiro, e mesmo destruidor do bem do Estado, querer augmentar os rendimentos do Soberano, sem augmentar a opulencia geral do Estado (a). A economia de hum Reino he muito diferente da de hum particular; a razão he clara. I.º O dinheiro, que sahe da bolça de hum particular, sahe para sempre; o que sahe dos Co-fres do Estado, entra todo no Estado; e he muito raro que este dinheiro passe por alguma mão,

sem que deixe algum proveito. II.º Os meios, de que se yale hum particular, são sempre limitados; os de hum Estado bem governado não tem limites. III.º A maior parte das despesas de hum particular tendem a se procurar mais commodidades, e mais prazeres. Todas as despesas publicas pelo contrario tendem ou á conservação immediata do Estado, ou a augmentar a sua prosperidade, as suas forças, e a sua opulencia. He necessario em fim semear para colher (b).

(a) Bielfeld d. tom. 2. chap. 1. des Financ. §. 9. *Le point essentiel est. . . sur tout de proscrire à jamais ces destructeurs des pays qui ne s'attachent qu'à augmenter les revenus du Souverain sans augmenter l'opulence generale de l'Etat. Cette manie, qui passe souvent pour un savoir-faire meriteire, est également ridicule, et funeste. Si l'on ne commence par donner tous ses soins à faire pancher la balance du commerce general, la balance des Importations et des Exportations à l'avantage de sa Nation, et qu'on s'acharne continuellement à tirer de nouveaux subsides du Peuple, il est clair qu'on énerve la masse totale des richesses repandues dans l'Etat, qu'on affoiblit le fonds destiné pour les Fabriques, les Manufactures, le Commerce, la Navigation, et l'Industrie, qu'on prive tous les jours le Peuple des moyens de payer ces subsides, et qu'on est précisément dans le cas de cet insensé, qui tua sa poule pour avoir tous les oeufs à la fois.*

(b) Luis XIV. não seria grande, se não tivesse a seu lado o sabio Colbert, que no mesmo tempo, em que a França já quasi sem forças parecia succumbir com o peso das suas mesmas victorias, a salvou pelo meio dos infinitos canaes, que elle abriu á industria da sua Nação, o ser grande homem de Estado não consiste em descobrir meios de impor mais, e mais tributos, consiste sim em descobrir meios de fazer rebentar de novo perennes fontes de riqueza, que fertilizem o Estado por toda a parte.

## §. VI.

Além destas madeiras ha outras muitas, que ainda que não são tão preciosas pela sua qualidade, serião com tudo de muita utilidade para este Reino, attenta a grande falta que ha de lenha, e o grande consumo que se faz de carvão com préjuizo gravissimo das Provincias, principalmente do Além-Téjo. No Brasil ha madeira infinita, que sobeja, e que se deita abaixo só para se descortinarem as terras para a lavoira. Seria muito util que se aproveitasse aquelle superfluo, e que se remediasse esta falta.

## §. VII.

As náos de Sua Magestade, que vão e vem do Brasil, ordinariamente vem quasi vazias, e só trazem por lastro alguma pedra, ou alguma velha artilharã. No Brasil ha muita falta de pedra calcaria, principalmente nas Capitahias da Béira-Mar; quasi toda a cal, que alli se fabrica, he de ostras e mariscos, e essa muito inferior. Seria muito util que aquellas náos levassem todo o seu lastro, e ainda mais, de pedra calcaria, de que tanto abunda muita parte deste Reino, para lá se calcinar, e fazer a cal, ao menos para as obras Reaes daquellas Praças; e que trouxessem em troca do lastro aquella madeira (que

aliàs he perdida ( ou em grandes toros , ou em achas , ou ainda em carvão , ao menos para as officinas Reaes da Fundição , e outras. (a).

(a) No Brasil , e principalmente no Rio de Janeiro , ha muito barro finissimo para as fabricas da Porcelana , que vindo em cru , pode tambem servir como de pedra para maior peso dos lastros , ou seja das mesmas náos , ou ainda dos navios do Commercio : esta materia , preciosissima no seu genero , sendo bem fabricada neste Reino , será mais huma riqueza para Portugal , até agora desprezada. Veja-se Labat d. t. 5. chap. 18. et. tom. 3. pag. 497. Bluteau na palavra *Porcelana*. Macquer *Dictionair. de Chymie* na palavra *Porcelaine*. Savary *Dictionair. de Commenc.* trata largamente sobre os modos de preparar , fabricar , e pintar a Porcelana.

João Manço , muito conhecido no Rio de Janeiro pelas suas letras e estudos de Chymica , fez alli a Porcelana , o Verniz , e o Charão tão perfeito como o melhor da India : o Excellentissimo Luis de Vasconcellos me fez ver nesta Cidade huma banca de Charão , que se dizia feita pelo dito Manço , na qual vinha retratada em ouro de diversas cores a Cidade do Rio de Janeiro , o mar e algumas Ilhas daquella barra para dentro ; obra que fez admirar aos melhores conhecedores da Arte : o principal ingrediente da composição do Verniz , he a gomma da arvore de *Fatobá* dissolvida em agua ardente muito forte : da mesma maneira se extrahê da arvore chamada *Tatajuba* , huma tinta amarella muito fixa , a qual sendo misturada com o anil se converte em verde , que não desbota , ou seja em algodão , ou seja em lã.

## §. VIII.

Se a Fazenda Real estabelecer algum interesse , ou seja como paga , ou como Premio , (z) ainda que pequeno , acima da despeza , que necessariamente devem fazer aquellas lenhas na

conducção desde o lugar, onde forem cortadas, até ás náos; por isso que taes lenhas, ou madeiras vem livres de fretes e direitos, parece-me que a Fazenda Real, quando não ganhe naquella troca de lastro, não perderá naquellas lenhas, ao menos comparadas não só com a despeza, que faz a Fazenda Real de lenha, e carvão para as suas officinas neste Reino; mas tambem com a melhor qualidade daquellas lenhas, e carvão; além da ruina das Provincias, que se evitaria pela introdução deste novo ramo de Commercio.

(a) *Elemens du commerce* chap. 6. des Colonies tom. 2. pag. 37. *L'expedient le plus habile pour etablir cet equilibre, est d'accorder à l'importation de ces denrées des colonies, une gratification, qui mette les negocians en état de les vendre à plus bas prix que celles de l'étranger.*

### §. IX.

O lavrador, que aliás se vê na necessidade de queimar aquella madeira, para desembaraçar a terra daquelles grandes matos, e a reduzir a cultura, a venderá por pouco mais de nada, e ainda mesmo a dará, com tanto que se lhe desembarace o terreno para a cultura. O pobre, que não tem em que se ocupe, ou que só vive de alugar o seu braço, irá conduzilla a bordo das náos; este trafego ainda que pequeno irá de dia em dia fazendo-se lucratiyo, pelas grandes utilidades, e interesses, que elle necessariamente ha de produzir.

§. X.

O Commercio da Nação lançará logo mão d'elle, e o levará á sua maior perfeição; (a) este Reino abundará de melhores lenhas, e melhor carvão; as Provincias do Reino não se verão tão arruinadas por causa das continuas queimadas, e carvoarias; e o Erario Regio virá a receber muitas utilidades daquellas madeiras, e lenhas, que nada valião, e que de necessidade se deverião reduzir a cinza, e a nada.

(a) *Elemens du commerce* d. chap. 6. pag. 38. *Les Nations intelligentes dans le commerce s'en tiennent donc aux gratifications jusqu' á ce que la culture puisse s'en passer.*





---

**P A R T E II.**

**SOBRE OS INTERESSES QUE PORTUGAL PODE TIRAR DAS  
SUAS COLONIAS NAS TRES PARTES DO MUNDO.**

---

**C A P I T U L O I.**

*Portugal pela situação dos seus Estabelecimentos nas  
tres partes do mundo pode fazer relativa-  
mente o Commercio o mais activo, e  
o mais vantajoso de todas as Na-  
ções da Europa.*

**§. I.**

**P**ORTUGAL tem duas sortes de Estabelecimentos nas duas Indias, e na Costa de Africa. Os das Indias Orientaes, e da Costa de Africa, só tem por objecto o Commercio; e os da America tem por objecto a cultura, e o Commercio juntamente; e por isso de todos os Estabelecimentos de Portugal, o Brasil he não sómente o mais rico, mas tambem he aquelle, que merece mais cuidado, e mais attenção (a).

(a) *Intérêts de Nations de l'Europ. tom. 1. chap. 4 pag. 87. Les progres des Colonies du Bresil dependent beaucoup du choix, que fait le Ministère des officiers, à qu'il en confie l'administration. Il n'ignore pas que la conduite de ces Colonies exige beaucoup de capacité, de genie, de justice, de moderation, et de courage; qu'il faut animer la culture, le Commerce, encourager les habitans, les proteger, les porter à la culture la plus avantageuse à la metropole, s'assurer des naturels du pays, et ne laisser aucune porte ouverte au Commerce d'interlope. La population, et la culture doivent etre le principal objet de l'administration des Colonies. La douceur du gouvernement contribue beaucoup à etendre l'une, et l'autre. Les avances d'esclaves, les distinctions, et d'autres encouragemens, les animent. C'est surtout à la culture des sucres, de l'indigo, du caffè, du coton, et du tabac, qu'on doit porter toute l'industrie des habitans. Les progrès de cette culture, qui enrichissent les Colonies, etendent la population, non seulement des Colonies; mais aussi celle de la métropole, augmentent sa marine, et son industrie, en y fournissant un fond immense de reexportation. Le Commerce donne par la concurrence des negocians, une activité respective à la Colonie et à la metropole, qui ne cesse d'y multiplier les habitans, et les richesses. Le Gouvernement augmenteroit encore les progres de la culture des Colonies, en assurant en Europe la consommation de leurs productions; et la consommation s'etendrait infiniment, si on soutenoit les prix des denrées des nations en concurrence. Il a des moyens infailibles pour y reussir: il doit accorder des exemptions, ou des diminutions des droits à l'importation, et à la reexportation, et diminuer le plus qu'il est possible le prix du fret.*

## §. II.

Os Estabelecimentos de Portugal na America estão situados na melhor parte della; os das outras Nações, principalmente a respeito da Agricultura e do Commercio, não tem comparação

Q

tom os de Portugal. Todas as Nações, que tem Colonias na America, ou as tem chegadas para os Polos, ou para a Equinocial da parte do Norte.

### §. III.

As terras chegadas para os Polos, por causa dos muitos frios e das neves (a), dão huma só producção em cada anno: as grandes lagôas, e os grandes rios, que lhes dão portos, estão em muita parte do anno gelados, e sem navegação; taes são os principaes rios da America Ingleza. As outras terras mais chegadas á Equinocial da parte do Norte, ainda que são de huma melhor producção, com tudo estão sujeitas a tempestades horrorosas, e a furacões de vento tão fortes, que arrancão arvores inteiras, arrazão as searas, e lanção por terra até os edificios; tal he a situação das Antilhas (b).

(a) Herrer. *Descript. Ind. Occid.* part. 13. Sect. 2. de *Virgin.* cap. 1. *Virginia maxima et amplissima est inter regiones Americae . . . Hyems acris, et vehemens est sicut in Anglia, et Gallia: aestas fere talis est qualis in Hispania. . . Montes . . . in hyeme multa nive sunt cooperti.*

(b) *Histoir. des evenemens militair. et poltiq. de la derniere guerr. dans les quatr. part. du mond.* tom. 1. *discours preliminar.* Labat *Voyag. aux Isles de l' Ameriq.* tom. 2. chap. 12. *Histoir. d.* tom. 2. pag. 416. et 474.

### §. IV.

As terras da Contracosta, que bordão as

margens do mar do Sul, desde o Estreito de Magalhães até os fins do norte da California, ainda são peiores para a Agricultura. O Reino do Perú tão celebrado pela riqueza das suas minas, figura muito pouco na fertilidade dos seus campos. Aquelle terreno está como dividido em tres partes: a primeira forma a planicie, ou o baixo Perú por toda a Costa junto ao mar: a segunda, ou media, compõe-se de altos montes, e profundos valles: a terceira, ou a altissima, he huma montanha continuada, e sem valles, denominada a Cordilheira ou a grande Serra dos Andes, a mais alta do mundo.

§. V.

O baixo Perú, e a Serra dos Andes, são quasi estereis; o baixo Perú, porque nelle não ha chuvas, nem orvalhos, nem trovoadas, e os terremotos allí são quasi continuos; e a Serra dos Andes porque está sempre coberta de perpetuos gelos, sem arvore alguma (a). A parte media; ainda que produz alguns pastos para as criações dos gados, não he com tudo igualmente fertil para a Agricultura.

(a) *Herrer. d. Descriptio Peruviae* part. 12. fol. 68. vers. fol. 90. et 93.

## §. VI.

Suppondo porém que hajaõ alguns terrenos ferteis por aquella Costa, com tudo a sua agricultura he quasi como perdida para o Commercio das Nações da Europa. Hum mar immenso, huma dilatada e perigosa navegação, ou seja pelo Estreito de Magalhães, ou pelo Cabo de Horn, serão sempre barreiras invenciveis (a), e que apartaráõ para sempre aquelles Colonos de entrar em concorrência com a nossa Agricultura, e com a extracção das nossas producções. Isto mesmo fará que a pesca das Baléas, que tem feito armar duas das primeiras Nações da Europa, não poderá já mais concorrer com a nossa, dada a mesma industria, e actividade.

(a) Fallo conforme o estado presente das couzas; porque se algum dia se fizer huma communicação do mar do Norte para o Mar do Sul, rompendo-se a travez do Isthmo de Panamá; e quando se tiver adiantado a civilização das Nações das Ilhas do Mar do Sul, e ellas souberem a arte de construir navios; farão hum grande commercio com os habitantes da Costa Occidental da America, desde o Cabo de Horn até á California.

## §. VII.

Nenhuma Nação tem hum terreno tão creador como a America Portugueza: ella se comprehende nos dois melhores Climas das Zonas,

Torrada e Temperada; o que falta em hum, sobeja no outro, e ambos entre si produzem mais do que todos os outros da Europa juntamente (a). O Rio Grande principalmente produz todos os fructos da Europa, muito melhores, e em muito maior abundancia; só elle he capaz de dar trigos a todo Portugal, e a muita parte da Europa; da mesma sorte o linho canhamo para a sua Marinha, e outros generos da primeira necessidade.

(a) *Intérêts des Nations* d. tom. 1. chap. 4. *Il n'est pas nécessaire d'entrer dans un plus grand détail sur les ressources des Colonies du Brésil, pour voir que le Portugal pourroit en tirer des richesses immenses; qu'il pourroit y étendre presque sans bornes la culture des denrées les plus nécessaires à l'Europe, y multiplier infiniment les consommations, et y faire un Commerce d'oeconomie plus riche qu'aucune des branches du Commerce, que l'Europe foit avec l'Amérique. Le Brésil suffiroit seul pour assurer la prospérité d'une nation, dont le gouvernement protege le Commerce.*

### §. VIII.

O Brasil situado na parte mais Oriental da America, quasi no meio do mundo, está como olhando para a Africa, com hum pé em terra, outro no mar, com os braços estendidos, hum para a Europa, outro para a Asia; tem os seus portos sempre abertos em todos os tempos do anno, sem gelos, (a) sem furacões de vento, dando huma navegação mais commoda, e mais breve: em huma palavra, a riqueza, e a abundancia, que a Providencia espalhou por todas as par-

tes , alli estão todas juntas: como em hum centro.

(a) Lery d. *Histor. navig. in Brasil*. cap. 12. *Nusquam in ea gelu, nix, nec grandio conspicitur, ac proinde suis nunquam spoliantur arbores frondibus, utpote quae frigore non infestentur, per totum annum eo vigent modo, quo mense Maio solent apud nos sylvae.*

Hecce d. part. 13. cap. 1. *Omnia autem in ea tam pulchra, et tam eximia sunt, ut non injuria quispiam dixerit, Deum hominibus in hac regione velut artificiosam quandam totius mundi epitomen ob oculos ponere voluisse.*

### §. IX.

A Hollanda, sem terra, submergida nas aguas, lutando contra os elementos, só o seu Commercio a tem feito grande (a); no Brasil porém o Ceo, a terra, todos os elementos concorrem á competencia para a sua fertilidade e riqueza (b). Nada alli falta, tudo só espera pela mão do homem.

(a) O Principal Commercio da Hollanda he a canella, a pimenta, e o cravo da India: a canella ha muita nos matos do Brasil; e para haver maior abundancia della, e de melhor qualidade, bastaria cultivalla. A primeira já se cultiva no Rio de Janeiro, e na Bahia. Tambem vi no Rio de Janeiro, e principalmente nas Pedras da borda d'agoa da Ilha do Senhor Bom Jesus, em grande abundancia o Murex, ou o marisco da purpura dos Antigos, do qual fazião uso alguns curiosos, que com a tinta extrahida d'elle bordavão lenços finos brancos; e tambem as Lavadeiras se servem da tinta do Murex para marcarem as suas roupas; cuja tinta, sendo no principio amarella, se faz immediatamente purpura, e tanto mais bella, quanto he lavada em agoa salgada. O Cravo ha muito no Brasil, ainda que de diversa especie, mas que no cheiro, e no gosto he o mesmo que o da India; alem

do Pão cravo do Maranhão e do Pará, bem conhecido, ha no Rio de Janeiro, principalmente nos matos do Morgado dos Azeredos, outra especie, que he o fructo de huma grande arvore, do feitio e tamanho de conta de roزاری, de cuja casca se faz uso como do da India. O Girofle, ou o chamado cravo da India, se me disse haver nos certões de Pernambuco, nascido naturalmente, e sem cultura, e não he de admirar, que alli haja, e possa haver muito girofle, canella, pimenta, gengibre, sandalo, açafraão, sassafras, cardamomo, noz muscada, e todas as especiarias, arvores, e plantas, que se achão nas Ilhas Molucas; visto que ellas se achão situadas quasi na mesma latitude Austral, em que se acha a Peninsula de Pernambuco: da mesma sorte todas as produções da Arabia, da Persia, da India, e da China, e da Europa desde 36 grãos de latitude ao Norte, ou ha, ou se podem aclimatar no Brasil, em toda a sua grande extensão, desde a Equinocial até 36 grãos de latitude ao Sul, visto que a experiencia tem já feito ver, que em iguaes latitudes para o Sul, ou para o Norte, as produções da Natureza são, ou podem ser as mesmas.

(b) Lery d. cap. 12. *Veruntamen quod sphaerae non ignarum facile est intelligere, cum dies sub tropicis nusquam tam longi, neque rursum tam breves, atque nostro climate exoriantur; multo sunt aequabiliores, multoque clementiore caelo utuntur Incolae.*

## §. X.

Esta falta porém pôde ser supprida em muita parte por aquelles braços, que, ou pela barbaridade da Africa, ou pelos seus crimes deverião perecer nas pontas das Zagaias (a); e por isso a conservação dos Estabelecimentos de Portugal naquella Costa he absolutamente necessaria para o Brasil: e supposto Portugal tenha alli perdido alguns, com tudo ainda possui muitos,



e talvez os melhores para o Commercio do resgate dos escravos (b). Seria facil de fazer florecentes aquelles Estabelecimentos por hum Commercio bem dirigido, e por Guardas-Costas bem armadas, que fizessem respeitar a Bandeira Portugueza, e livrar as possessões de Portugal dos insultos; que todos os dias alli lhes fazem os Negociantes estrangeiros (c).

(a) *Histoir. gener. des voyag.* part. 3. liv. 6. chap. 9. §. 2. pag. 380. Les (Negres) Biafaras vendent une partie de leurs prisonniers aux Blancs, et sacrifient le reste à leur Divinité, qui se nomme China. Le Courier de Londres du Vendredi 19. Avril 1793, Grande Bretagne. Seance du Mercredi 17 Avril. M. Richard Miles, qui a commandé pendant 20 ans dans les comptoirs de la Compagnie d'Afrique, fut introduit à la barre comme témoin. Il dit que le resultat de ses longues observations sur l'état des negres à la Cote d'or, le portoit à croire que l'esclavage étoit établi dans ce pays de tems immemorial, qu'il y étoit en quelque sorte naturalisé, et que les guerres ne l'avoient ni augmenté, ni diminué. Il distingue l'esclavage en deux especes; celui de naissance, et celui qui étoit une punition de differents crimes; comme l'adultere, le vol, la sorcellerie. Il ajouta que les terres en Afrique ne pouvoient être cultivées, que par des esclaves. Questionné par le Duc de Clarence sur l'état des esclaves, qui venoient de l'intérieur des terres; il répondit qu'ils étoient tous très maigres, et que s'ils n'étoient pas vendus, ils seroient massacrés (\*); qu'au contraire ils étoient bien soignés, bien nourris dans leur passage, et que sous la domination Angloise ils vivoient à l'abri des Loix protectrices, inconnues dans leur pays. Le nombre de ceux qui perit dans la traversée n'est pas considerable, et le soin qu'on prend de conserver leur existence est garanti par l'intéret des capitaines negriers.

(\*) Veja-se a minha *Analyse sobre a justiça do Commercio do Resgate dos Escravos.* §. 53. pag. 43.

(b) *Histoir. gener. des Voyag. part. 3. liv. 6. chap. 9. pag. 371. Les François avoient reconnu les avantages du Commerce de Bissão avant que de s'y etre fait un etablissement . . . Il ( Sieur Cartaing ) envoya proposer aussitot cette objection au General ( Brue ), qui lui fit dire de former son etablissement dans l'Isle même de Bissão , et d'y prendre possession du Fort des Portugais . . . Brue plus rempli que jamais de la necessité de cet etablissement , resolut de se rendre lui même à Bissão ; mais si bien accompagné , qu'il n'eut rien à redouter des Portugais , et des Negres.*

(c) A paixão, que os Negros da Costa d'África tem pelo tabaco do Brasil, sempre deu aos Portuguezes huma grande superioridade no Commercio daquella Costa: as outras Nações, que alli fazião o Commercio, erão obrigadas a fazellq do refugio dos Portuguezes; hoje porém, que já alli se fazem plantações, he necessario não deixar perder as Portuguezas, e livrallas de todos os embarços do monopolio, do qual logo que o tabaco seja livre, será de huma utilidade summa, não só para os Agricultores e Comerciantes d'este genero, mas tambem para a Fazenda Real: fazendo-se o calculo do numero das arrobas de tabaco, que todos os annos sahem das Alfandegas do Brasil, dividido pela somma total, que o monopolio d'este genero produz actualmente á Fazenda Real, o quociente dará o imposto, que cada arroba ou rolo de tabaco deverá pagar na sahida das Alfandegas do Brasil, e na entrada d'estas; imposto que sempre irá crescendo na rasão das entradas e sahidias, como todos os generos alfandegados, sem que seja preciso augmentarem-se os Officias das Alfandegas, nem o infinito numero dos empregados no serviço dos Monopolistas, nem dos seus privilegiados sem numero, posto que se fiquem conservando os Tribunaes Regios, e os Ministros de huma Administração, e despachos para o expediente de tão grande ramo de Commercio.

## §. XI.

Na Africa possue Portugal os Fortes de  
R

Cacheu, Bissáo (a), e outros sobre o rio de Gambia, na Costa da Negricia, onde se faz hum importante Commercio do resgate dos escravos, para se transportarem para a America. Huma Colonia em Malagueta na Costa de Guiné. No Reino de Congo, onde ha riquissimas minas de ferro, Portugal não só he Senhor da Capital de S. Salvador de Loango, de Embaca, de Cabinda sobre a Costa, e de outras partes; mas tambem de todo o seu Commercio com exclusão das outras Nações (b). No Reino de Angola da mesma sorte possui S. Paulo de Loanda, e Benguela (c).

(a) *Histoir. gener. des Voyag.* d. liv. 6. chap. 8. pag. 371. *Les Portugais de Kacheo voudroient se reserver tout le Commerce; mais comme le Portugal ne leur fournit point assez de marchandises pour les enrichir, ils ont la prudence d'entrer en composition sur cet article. En sauvant un peu les apparences, les Etrangers sont surs d'etre bien reçus; et les officiers même de la Ville se pretent facilement à ces petits artifices. Ainsi l'on y trouve toujours quelque vaisseau François, Anglois, ou Hollandois, qui feint de manquer d'eau, ou d'avoir besoin de quelque autre secours. Et chap. 9. pag. 371. Il (Bue) reconnut bientôt que cette Isle (de Bissáo) meritoit l'attention d'un Directeur, et qu'année commune, elle pouvoit fournir en échange, pour les marchandises de l'Europe, quatre-cens Negres, cinq-cens quintaux de tire, et trois ou quatre cens quintaux d'ivoire. C'est à sa situation qu'elle doit ces richesses. Elle est au centre de plusieurs autres Isles fort peuplées, et proche de plusieurs rivières navigables, qui sortent du continent.*

(b) No anno de 1723 mandou o Senhor Rei D. João V. ao Capitão de Mar e Guerra José de Semedo Maia tomar e arrazar hum forte, que os Inglezes tinham feito no porto de Cabinda: com effeito assim o executou, tomando-lhe 35 peças de artilharia, e duas náos, que alli

se achavão ancoradas; e no anno seguinte partio para o porto do Castello da Mina, onde meteu a pique huma fragata Hollandeza, que andava infestando aquelles mares, e tomando por força as carregações das nossas embarcações, com gravissimo damno e prejuizo do Commercio de Portugal, debaixo do mal fundado direito, que se arrogavão, de reconhecer as nossas embarcações: depois passou o mesmo Semedo a segurar o nosso Commercio no porto de Judá. *Sousa, Histor. Genealog. da Caza Real Portug.* tom. 8. pag. 249, e seguintes. A Rainha Nossa Senhora mandou tambem ha poucos annos tomar, e arrazar hum forte, que os Francezes tinham feito no porto de Cabinda.

(c) Da Africa se poderão transportar para o Brasil alguns Cazas de Bufalos; cuja carne ainda que não seja boa para comer, com tudo taes animaes dizem ser muito fortes para o trabalho da Lavoira; e produzem bem nos paizes quentes, d'onde são naturaes: os Bois do Brasil são pela maior parte pequenos, principalmente os creados nas Provincias de Beira-Mar, e já degenerados das raças, que os primeiros Povoadores para alli levarão: o mesmo se poderá praticar a respeito dos Camelos, para as terras de grandes campinas, planicies e arcaes do Brasil.

## §. XII.

Além do grande Commercio do resgate dos escravos que faz Portugal na Costa d'Angola, tem de mais muitas commodidades, que não tem os Estrangeiros (a); porque os escravos vindo do interior das terras de mais de cem legoas, chegão á Costa muito magros, e muito fracos. O uso dos Portuguezes he de os fazer curar, e nutrir antes de os embarcar, e tomão precauções para que se conservem sãos à bordo; o que tudo concorre, para que morrão poucos na travessia da Costa de Africa para o Brasil (b).

R ii

(a) Quando pela primeira vez no anno de 1798 tive a honra de apresentar na nossa Academia a minha *Analyse sobre a justiça do Commercio do resgate dos Escravos da Costa d'Africa*; appareceu traduzida em Francez em Londres, e d'ella se fez menção no *Courier de Londres du Vendredi 8 Juin 1798. N.º 46* debaixo do titulo seguinte. *Avis au Public. Analyse sur la Justice du Commerce du Rachat des Esclaves de la côte d'Afrique. Par Joseph Joachim da Cunha d'Azeredo Coutinho, Portugais. Ce sont des reflexions d'un homme d'Etat, attaché à la religion, et qui paroît sensible et humain, sur une question agitée, particulièrement depuis une vingtaine d'années en Angleterre, par des vénérables moralistes; en France par des sophistes Athées et hypocrites de philanthropie; ces derniers sous le masque de l'humanité, n'ont voulu par l'affranchissement des negres, qu'accélérer la subversion de l'ordre social, résolué dans leur Pandæmonium: les plus fortes raisons opposées à une doctrine, qui chez eux n'est que de convenance, seroient sans effet; mais celles que contient ce petit ouvrage peuvent mériter l'attention des amis des noirs de ce pays-ci, les-quels joignent des grandes lumieres, d des intentions aussi pures, que celles des gens de cette denomination en France, ont été perverses.* Naquelle tempo dição os Homens mais sensatos de Inglaterra, que os Francezes, debaixo da mascara da humanidade querião transtornar a ordem Social; hoje dizem os mais sensatos da França, que os Ingleses debaixo da mascara da humanidade, querem fazer-se senhores de todos os braços dos Negros da Africa para cultivarem as muitas terras e possessões, que já tem na Serra-Leoa: tal he o abuso que fazem dos seus talentos os Homens, que se dizem sabios, quando são guiados por vistas de interesses particulares! O mesmo sujeito, que hontem dizia sim, hoje diz que não! Triste condição humana!

Se porém se resolver ainda, que o Commercio do resgate dos escravos da America, se deva ir extinguindo gradualmente á proporção da maior população das Nações, e Colonias da America, que pela necessidade de braços para a Agricultura, e fabrico das suas terras, se vião obrigadas a fazer uso do dito Commercio; he necessario, que Portugal desde já vá fazendo o maior

uso possível das terras da Africa de que estiver de posse, ou seja na Agricultura e lavoura dos generos proprios dellas, ou seja na excavação das minas de ouro, de ferro, e de todos os metaes, que alli se diz haver em abundancia, e por consequencia nas fabricas necessarias para o aproveitamento delles; para que a proporção, que por huma parte se forem diminuindo os interesses do Commercio dos escravos daquellas terras, se vão tambem pela outra parte augmentando os interesses da Agricultura, e de tudo quanto produzem, e podem produzir aquellas terras; para que Portugal se não ache de repente sem o Commercio dos escravos, sem Agricultura, sem minas, e sem terras na Africa. Além de que os escravos da Agricultura da Africa, da excavação daquellas minas, e do fabrico dos metaes, já mestres em taes generos, depois de forros e libertos, poderião ir para o Brasil trabalhar, e alugar os seus braços nos mesmos generos, em que elles já fossem mestres, ou já industriados na Africa, e por hum jornal mais commodo, e mais barato, do que os trabalhadores expatriados da Europa; porque os da Africa serião transportados para o Brasil muito facilmente, e para hum clima quasi analogo ao seu, abundante dos generos do sustento, a que elles estavam acostumados: o que tudo succederia pelo contrario aos trabalhadores da Europa, que só á força de grandes ordenados se poderião sujeitar a tantos incommodos, e despezas; o que faria a mão d'obra da Agricultura do Brasil muito cara, e não poderia entrar em concorrência com os generos da Agricultura Inglesa da Serra Leoa, trabalhada pelos mesmos braços da Africa, ou sejão comprados, alugados, ou tomados aos que se disserem contrabandistas deste genero de Commercio; com cujas tomadias ja contão os que alli tem grandes possessões de terras. O meio acima proposto de fazer Portugal cultivar, e trabalhar as terras das suas possessões da Africa pelos mesmos escravos habitantes d'ellas, não só servirá para dar aquelles Barbaros hum principio de civilização; mas tambem para formar na Africa huma escola de Cultivadores, Mineiros, Ferreiros, e de todos os generos de trabalho, que pedem braços fortes e robustos, soffredores do Sol ardente da Zona Torrida, quacs não são os trabalhadores das terras dos

climas temperados. Este meio me parece tambem mais conforme com os principios de humanidade, do que o dos que, dizendo-se Filanthropos, se lembravão já de formar dos Pretos barbaros da Africa bons Soldados para servirem nos Regimentos de Linha das Nações civilizadas; o que seria o mesmo, que armar Nações barbaras para destruir as civilizadas; e que os Negros dominassem os Brancos, como já hoje se vê na Ilha da *Hayti*.

(b) Seria muito util que se fizessem construir embarcações proprias para este Commercio, acharruadas, mais largas do que altas, com duas ou quatro janellas no tombadilho, em correspondencia da poppa á proa, para dar huma passagem livre ao ar, e com grades de ferro nessas janellas, para que os pretos não rompão para cima, e com portas para se fecharem nas occasiões das tempestades. O methodo de introduzir, e de renovar o ar dos navios, e ainda das náos de guerra pelo meio do fogo, parece ser o melhor, o mais saudavel, e o que tem lugar em todo o tempo: veja-se sobre esta materia o *Trat. conserv. sand. dos Pov.* cap. 29.

### §. XIII.

E pelo contrario os Estrangeiros, que são obrigados por falta de Estabelecimentos na Costa a receber os pretos a bordo, taes, quaes elles vem do interior das terras, até preencher o numero da sua carregação, perdem algumas vezes ametade della, e mais. Elles conhecendo as vantagens dos Estabelecimentos Portuguezes, e do seu methodo, tem ja tentado de os imitar, por hospitaes fluctuantes: mas tudo tem sido debalde; porque além do tratamento a bordo ser sempre máo por sua natureza, e principalmente para doentes, a só vista da Costa por muito tempo faz

morrer de saudade, ou de melancolia a maior parte dos Pretos (a).

(a) Depois que se publicou este Ensaio em 1794, os Inglezes augmentarão muito consideravelmente as suas possessões da Serra Leôa pela terra dentro, e alguns dos Inglezes, que se dizem Filanthropos, são os que já tem alli maiores possessões; e por isso, debaixo do pretexto de defenderem a Humanidade opprimida, são os mais empenhados em que se extinga o Commercio do resgate dos Escravos, para que daquellas terras se não tirem mais alguns braços, que elles já contão como seus; mas o tempo lhes mostrará, que o seu projecto he errado, e até prejudicial aos seus mesmos interesses.

§. XIV.

No mar Atlantico possui Portugal as Ilhas dos Açores ou Terceiras, as quaes produzem muitos legumes, trigos, carnes de porco, linhos, lãs, vinhos, aguas-ardentes; e as Ilhas de Porto Santo, e da Madeira, onde se fabricão os melhores vinhos do mundo. Todas as Ilhas de Cabo Verde, as quaes produzem excellentes fructos, limões, e laranjas, que são de hum grande preservativo das molestias do mar (a), são abundantes de carnes, e de viveres, por preços muito commodos para provimento dos navios, que vão para todas as Indias, e que por alli fazem escala (b).

(a) *Tratad. da conservaç. da saud. dos Pov.* cap. 28. pag. 298. 299.

(b) *Histoir. gener. des Voyag.* liv. 5. chap. 6. §. 1. *Observations generales sur les Isles du Cap-Verde.*



## §. XV.

Na Ilha de Maio se forma immenso sal naturalmente; a Ilha da Boa-Vista produz muito anil; a de Sant-Iago muito algodão, (a) e muito azeite para luzes, que alli se chama de purga. Todas aquellas Costas são abundantissimas de pescados, de tartarugas, cujas conchas são de muita utilidade para o Commercio, e de hum certo peixe muito semelhante ao bacalháo ainda que melhor, do qual se póde fazer hum Commercio vantajoso (b). Em todas aquellas Ilhas pela visinhança da Costa d'Africa se póde estabelecer hum Commercio muito rico (c).

(a) *Histoir. d. liv. chap. 6. §. 23. et 24.*

(b) *Histoir. d. §. 2. pag. 154 Il y a en abondance des crabes de terre, et des tortues comme dans les Indes Occidentales. Entre plusieurs sortes de poissons, qui abondent sur les Côtes, il y en a un, que les Negres appellent Mear, de la grandeur d'une Morue, mais plus epais, qui prend le sel comme la Morue. Roberts est persuadé qu'un vaisseau pourroit en faire plutôt sa cargaison qu'on ne la fait de Morue dans l'Isle de Terre-Neuve, et qu'elle se vendroit aussi bien, surtout à Tenerife. Le sel etant si prés, l'operation en seroit plus prompte, et se feroit à moins de frais; d'autant plus que les Negres de Saint Antoine, et de Saint Nicoles sont d'une adresse extrême pour la pêche, et la salaison.*

(c) *Histoir. d. pag. 148.*

## §. XVI.

Da mesma sorte possui Portugal na Costa de Angola as Ilhas de S. Thomé, e do Príncipe, que servem de escala, principalmente aos navios Estrangeiros: aos quaes seria necessario pôr hum tributo pela ancoragem, não só para utilidade do Erario Regio, mas tambem para que não possam entrar em concorrência com os Negociantes Portuguezes (a).

(a) *Essai sur les intérêts du commerce maritim. de Guinée* pag. 68. Lorsque nos vaisseaux ont fini leur traité à la côte d'Angole, ils peuvent revenir en droiture dans nos Colonies: mais il n'en est pas de même de ceux qui partent de la côte de Fuida, il faut necessairement qu'ils aillent reconnoître l'Isle du Prince, ou regnent les vents de commerce, et qu'ils y relâchent. Ci-devant nos vaisseaux ne payoient aucun droit au Roi de Portugal lors qu'ils y relâchoient: mais ce Prince informé de la necessité absolue de ce relâche, semble être résolu d'y établir un droit sur chaque vaisseau, qui y relâchera. Ce droit sera une nouvelle charge qui pesera sur le Commerce: il seroit à désirer que le Ministre du Roi auprès du Roi de Portugal, veillât à ce que ce droit soit assez modique pour être supporté sans peine.

## §. XVII.

Na Costa de Zanguebar he Portugal senhor da importante, e rica Praça de Moçambique. O Commercio daquella Costa está naturalmente ligado com o de Goa; a maior parte das mercadorias, que para alli são proprias, se tirão

S

da India: as da Europa tem alli pouca sahida. O ouro, o marfim, e os escravos, que dalli se tirão, são artigos muito vantajosos na India, e por isso os navios de Goa podem aperfeiçoar o sortimento das suas carregações no tempo da sua demora em Moçambique (a).

(a) Goa foi conquistada pelo grande D. Affonso de Albuquerque a *Hidal-Cban* em 1508; este a retomou em 1510, e Albuquerque a tornou a tomar para Portugal até hoje: esta Cidade se fez a chave do Commercio de todo o Oriente, a primeira feira das Indias, e huma das mais famosas, e das mais opulentas Cidades do Mundo; e ainda que hoje está muito decahida da sua primeira grandeza, e Commercio, ella com tudo será sempre a dominadora dos mares da India pela qualidade do seu porto, hum dos melhores do Mundo, e o unico da India capaz de ter dentro de si náos de linha da maior grandeza. Está situada no meio da Costa do Malabar na Peninsula d'aquem do Ganges em 91. 35. long., e 15. 31. lat.; e se eleva em amphiteatro em huma Ilha de nove legoas de circumferencia, separada do Continente pelos dois braços do rio de Mandona, que se lança no mar em alguma distancia da Cidade, depois de ter formado diante dos seus muros o seu grande e famoso porto do Imperio da India. A Ilha de Goa contém em si, além da Cidade, algumas Aldêas: alli ha duas Peninsulas chamadas huma *Salsete*, e outra *Bardes* na entrada do porto; ellas estão fortificadas, e servem de reparo á Cidade, e de abrigo ao porto.

### §. XVIII.

As revoluções, que tanto tem empobrecido o Commercio de Goa, não lhe tem podido tirar as vantagens da sua situação. Esta Praça inac-

cessivel aos Estrangeiros não tem necessidade, se não de alguns esforços da industria, para se fazer em muito pouco tempo huma das principais, e mais ricas feitorias da India.

§. XIX.

Goa foi a mais rica feira da India; a queda do seu Commercio não teve outra causa mais, do que a conquista dos Inglezes, e principalmente dos Hollandezes, que fizeram desertar os Baniannes, que sustentavão em outro tempo este Commercio, fazendo-os passar para Surrate.

§. XX.

Na Azia possui também Portugal no Reino de Guzarate a celebre Praça de Diu, cujo nome se não pode proferir sem trazer á memoria as gloriosas acções dos Heróes Portuguezes, emulos da antiga Roma. Da mesma sorte Damão na foz do golfo de Cambaia, e Cannanor sobre a Costa de Malabar, cujo principal Commercio consiste em pimenta; assim como também Divar, pequena Ilha ao Sul de Goa, e Barda ao Norte della. Na China a Cidade de Macáo (a), em outro tempo de hum grande Commercio.

(a) Macáo Cidade da China na Provincia de *Quanton*, dependente da Cidade de *Quancheu*, fundada pelos Portuguezes, não he hoje tão consideravel, como era em outro tempo, e depois da prohibição do Commercio com e

S u

Japão: ella está em fôrma de braço sobre a ponta de huma pequena Ilha; e têm hum muito bom porto.

### §. XXI.

Estes diversos Estabelecimentos tanto nas Costas Orientaes da Africa, como na de Malabar, e na China, são muito bastantes para pôr a Portugal em estado de fazer nas Indias hum Commercio muito vantajoso. Portugal não tem alli Conquistas a fazer, nem Praças a fortificar, nem Estabelecimentos a formar. Em lugar de Conquistas, Portugal não tem mais do que a concorrência a combater; isto só depende da industria.

### §. XXII.

Mas em quanto o Commercio das Indias Orientaes estiver em Portugal entre as mãos de alguns Negociantes particulares, que o não podem fazer senão com poucos fundos; parece que se não póde esperar de o augmentar, nem mesmo de o tirar do estado de froxidão e de mediocridade, ao qual a industria, a concorrência, e principalmente as forças das Companhias de França, de Hollanda, e de Inglaterra o parecem ter condemnado.

## §. XXIII.

As Companhias das Indias Orientaes importão infinitamente mais mercadorias das Indias para as suas Nações respectivas, do que ellas exportão; e para fazer a compra ellas fazem sahir todos os annos somas muito consideraveis em dinheiro. Com tudo as pessoas, que são hum pouco versadas neste Commercio, convêm em que alguma das Nações, que tem Companhias nas Indias, não perde no Commercio das Indias Orientaes.

## §. XXIV.

Ellas ganhão na reexportação das mercadorias das Indias muito acima das somas empregadas na sua importação. Mas he necessário confessar, que ás Nações, cujo principal fundo são as fabricas, nada póde reparar o prejuizo, que as mercadorias das Indias fazem ás suas manufacturas. Este prejuizo porém não seria consideravel a Portugal, se se entregasse seriamente a este Commercio.

## §. XXV.

No estado actual do Commercio da Europa, Portugal he a Nação que se acha na melhor situação de fazer este Commercio, com hu-

ma igual vantagem sobre todos os artigos, e em toda a sua extensão. A construcção dos navios necessarios para o Commercio, he huma sorte de manufactura que o Commercio paga, e he huma primeira riqueza espalhada no Estado. O numero de Officiaes e de marinheiros empregados nesta navegação he huma segunda vantagem, que enriquece tambem a Nação. As madeiras necessarias para a construcção dos navios, que aliás se perdem no Brasil (a), e em algumas partes dos Estabelecimentos de Portugal na Costa d'Africa (b), farião huma terceira riqueza.

(a) Veja-se o cap. 8. da P. I. deste *Ensaio sobre as madeiras do Brasil.*

(b) *Histoir. gener. des Voyag. d. part. 3. liv. 6. chap. 9. pag. 388. Les bords de Rio Grande sont couverts de gros arbres, qui firent naître aux Portugais la pensée d'y venir construire des vaisseaux. Celui qu'on nomme le Misberi, donne d'excellentes planches, qui sont fort aisées à travailler, et qui ont la propriété d'être à l'épreuve des vers, non-seulement sur cette cote, ou les vaisseaux s'en ressentent beaucoup, mais encore dans toutes les parties de l'Afrique, de l'Europe, et de l'Amerique. La resine onctueuse, dont cet arbre est rempli, a tant d'amertume, qu'on n'attribue pas sa vertu à d'autre cause.*

## §. XXVI.

O salitre, materia feita infelizmente muito necessaria, he hum artigo do Commercio das Indias muito precioso, quando elle he carregado para servir de lastro. Os pannos de algodão riscados, chamados da Costa, chitas finas, e sedas,

servem de alimento a outros ramos de Commercio da Europa; e principalmente os algodões grosseiros para a Costa de Africa, e as chitas finas para o Brasil.

### §. XXVII.

Basta lançar os olhos sobre toda a riqueza dos fundos que Portugal possui, e sobre os grandes principios do Commercio, para se convencer de que Portugal pôde fazer huma segunda revolução no Commercio da Europa; talvez mais feliz do que aquella, que elle causou em outro tempo, pela intelligencia, e pelo atrevimento da sua navegação nas Costas de Africa, e nos mares das Indias, dobrando o Cabo da Boa Esperança (a).

(a) O principal Commercio da India, e da China consiste no chá, e seda crua e fabricada, nos pannos de algodão, chitas pintadas, e na porcelana &c. Que he isto em comparação do muito que Portugal tem, e pode ter no seu thesouro do Brasil: elle comprehende as duas Zonas, Torrida e Temperada, desde a linha Equinocial até muito além de 30 graus de latitude Austral: tudo quanto a Natureza produz debaixo dos dois climas tem alli o seu lugar proprio, sem precisar de estufas, nem de ser aclimatado; o trabalho, e a industria, que ainda lhe falta, irá crescendo com o tempo, assim como hum filho bem creado por seu Pai, que o trata com zelo, amor, e cuidado. O Brasil tem a Europa na sua esquerda, a Africa na sua frente, a Asia na sua direita, e cite no centro, formando a grande feira do Commercio de todo o Mundo.

O Soberano de Portugal senhor de huma tal posição, para ser grande, rico, forte, e poderoso, não tem mais



do que accenar com a mão a todas as Nações, que quizerem ser suas amigas, e alliadas, para que vão com elle participar das suas riquezas: não he porém necessario que as deixe entrar por todas as salas e corredores, até devassarem as suas cazas; basta que lhes franquee as salas principaes das feiras, ou Praças de Commercio, e que tenham as suas entradas, e sahidas bem guardadas, e vigiadas. Os Estrangeiros só devem commerciar em certas Praças fortes da Beira-Mar, debaixo de penas gravissimas, e de serem castigados como Contrabandistas, e espias, sendo achados em qualquer outro lugar fóra das ditas Praças; não só os Estrangeiros, mas tambem os Portuguezes, que os auxiliarem, ou consentirem. Os braços das Sciencias, das Artes, e da Industria, que para alli se chamarem, ou se admittirem, devem ser muito examinados, e escolhidos; assim como faz o prudente Agricultor, que não lança na sua terra a semente podre, e corrompida.

#### §. XXVIII.

Portugal poderia espalhar no Commercio da Europa novas riquezas, mais abundantes ainda, e sem duvida mais uteis, do que elle fez nos tempos das grandes descobertas. A Europa inteira, as Nações sobre tudo que tem manufacturas, tem hum grande interesse em ver Portugal augmentar o seu Commercio, multiplicando os consumidores do seu luxo.

CAPITULO II.

*Portugal quanto mais dever ds suas Colonias, tanto serd mais rico.*

§. I.

**A**INDA que nas Colonias se cultive com abundancia este, ou aquelle genero, que se cultiva na Metropole, como por exemplo o trigo (a), e que aquella abundancia faça abaixar de preço o genero da Metropole; esta com tudo nunca se poderá dizer prejudicada, nem ainda algum lavrador della considerado como em particular.

(a) Pelos annos de 1793, tendo-se já augmentado a agricultura do trigo na Capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul, fizeram aquelles Colonos agricultores exportar o seu superfluo para o Rio de Janeiro, e dalli para esta Cidade de Lisboa: este novo genero de importação causou novidade, e deu occasião a varias Representações, e Consultas, e a final se resolveu, que não convinha a introdução do dito genero neste Reino, para não arruinar os Lavradores da Metropolitê; o que deu occasião a que os Colonos agricultores desprezassem hum genero de cultura, que os arruinava, e perdia; e se voltassem para outro genero, que compensasse os seus trabalhos: a fome, e a falta de pão, que hoje estão padecendo os habitantes da Europa Portuguesa, e os Exercitos combinados que a defendem; o immenso cabedal, que tem sahido de Portugal para a

T

compra do dite genero , que ainda mesmo quando ha dinheiro não ha a quem elle se comprê , faz ver o quanto foi prejudicial aquella prohibição , e a justa razão com que eu no anno de 1794 fiz este Capitulo.

## §. II.

Porque ; em primeiro lugar abaixado hum genero pela sua abundancia , principalmente sendo da primeira necessidade , tambem os generos da industria hão de necessariamente abaixar pela mesma razão da abundancia , e tudo virá a ficar em equilibrio na Metropole : o Fabricante comerá sim a melhor preço ; mas elle tambem dará em troca ao Agricultor a sua mão d'obra a melhor mercado : da mesma sorte o trabalhador , o moço de servir , o Commerciante , etc.

## §. III.

Em segundo lugar será muito util ao todo da Nação ; porque terá hum superfluo muito abundante , e em dobro para vender a toda a Europa , e ainda a todo o Mundo , por hum preço tão baixo , que até se for possivel faça arruinar os generos da Agricultura das Nações rivaes , que nos pertenderem disputar a preferencia. ; Que mal seria para a Metropole , que as Colonias , por exemplo , cultivassem tanto trigo , que fizessem decahir o Commercio dos Mouros , e de alguns outros , que nos vem vender este genero , e sacar

o nosso dinheiro? A arte do negociante consiste em se fazer senhor deste, ou daquelle ramo de Commercio; para o que he necessario dallo a tão bom mercado, que nenhum outro possa entrar com elle em concurrencia.

§. IV.

A metropole e as Colonias, principalmente a respeito da Agricultura, e de tudo o que he producção da terra, se deve considerar como hum só predio de hum Agricultor, cujo fim he conservar a sua caza em abundancia, e ter hum grande superfluo para vender aos estranhos. Ao possuidor de muitas quintas não importa, nem deve importar, que esta ou aquella lhe renda mais; só sim que todas lhe rendão muito.

§. V.

He certo, que se á agricultura, e á producção dos generos das Colonias se der toda a extensão de que ellas são capazes; a Metropole não os poderá consumir todos, nem dar-lhes em generos, e manufacturas hum igual valor das suas receitas, e que por isso seja necessario saldar a sua conta a dinheiro. Mas que prejuizo se seguirá disto á Metropole? Quanto mais abundar em generos das Colonias, tanto ella terá mais que vender aos Estrangeiros. Os generos das Colo-

nias são preciosos; são da primeira necessidade; os Estrangeiros necessitam, não se podem dispensar delles.

### §. VI.

A Metropole ainda que em tal caso seja devedora ás Colonias, necessariamente ha de ser em dobro credora aos Estrangeiros; ella precisa-mente ha de fazer para com huns e outros duplicados lucros; ganhará nas vendas, ganhará nos fretes, e nos transportes para todas as partes, pela extensão da sua Marinha, e do seu Commercio. Que importa pois que a mãe deva ás suas filhas, quando ella he em dobro credora aos Estranhos? E pelo contrario a Metropole não póde ser credora ás Colonias, sem ser devedora aos Estrangeiros; pois que a ella não sobejão viveres, nem manufacturas; e sem superfluo não ha Commercio.

CAPITULO III.

*As Colonias de Portugal quanto lhe forem mais cre-  
doras, tanto lhe serão mais ligadas, e mais de-  
pendentes.*

§. I.

**A** METROPOLE, por isso que he mãe, deve prestar ás Colonias suas filhas todos os bons officios, e soccorros necessarios para a defeza, e segurança das suas vidas, e dos seus bens; mantendo-as em huma socegada posse, e fruição dessas mesmas vidas, e desses bens.

§. II.

Estes beneficios pedem iguaes recompensas, e ainda alguns justos sacrificios; e por isso he necessario que as Colonias tambem da sua parte soffrão I.º que só possam commerciar directamente com a Metropole, excluida toda e qualquer outra Nação, ainda que lhes faça hum Commercio mais vantajoso. II.º Que não possam as Colonias ter fabricas, principalmente de algodão (a), linho, lam, e seda, e que sejam obrigadas a ves-

tir-se das manufacturas, e da industria da Metropole (b). Desta sorte os justos interesses, e as relativas dependencias mutuamente serão ligadas.

(a) Desta regra se devem exceptuar os teares de algodão grosseiro para vestir os pretos, pois que de outra sorte, ou andarão nus, cauçando horror e vergonha á humanidade, ou se fará muito cara a mão d'obra dos Agricultores das Colonias, que de necessidade ha de cargar sobre os consumidores da Metropole: he necessario facilitar os meios, e ainda prestar alguns soccorros ao Agricultor, para ter a melhor mercado os generos, principalmente da primeira necessidade.

(b) A notavel mudança das cousas, depois da memoravel epoca de 29 de Novembro de 1807, extinguiu o monopolio da antiga Metropole de Portugal, mudou a sua politica, e fez communs os interesses da Patria Mãi com os das Colonias suas Filhas, e em consequencia abriu hum campo immenso á industria dos Portuguezes para todo o genero de Commercio, fabricas, e manufacturas, principalmente daquellas de cujas materias primeiras ha muita abundancia nas Colonias do Brasil, da Africa, e das suas respectivas Ilhas: as terras das Capitanias das Minas do Brasil, situadas no interior daquelle continente são muito proprias para todo o genero de Fabricas, não só pela abundancia das agoas, e de viveres baratissimos, e dos generos que tem, e pôde ter, e das materias primeiras para as Fabricas, mas tambem por serem ellas o meio de augmentar a Agricultura daquellas terras, presentemente muito limitada á sustentação dos que trabalhão na escavação das minas do ouro, e sem alguma extracção para fóra pela difficuldade dos transportes; e hum grande augmento de população, e de obreiros de manufacturas, e de fabricas chamma para alli o Commercio, e este faria logo facilitar a navegação dos muitos rios grandes, e caudalosos, que descem daquellas serranias até o mar Brasiliense, como já fiz ver no meu *Discurso sobre o estado actual das Minas do Brasil*. Cap. 4.

## §. III.

Em huma palavra, quanto os interesses, e as utilidades da Patria mãi se enlaçarem mais com os das Colonias suas filhas, tanto ella será mais rica; e quanto ella dever mais ás Colonias, tanto ella será mais feliz, e viverá mais segura. O credor sempre olha para o seu devedor como para a sua fazenda; elle concorre para o seu augmento, e não o quer já mais arruinar, nem perder de vista: o devedor porêm não quer nem ver o seu credor, e quanto elle se faz menos solúvel, tanto mais procura a occasião de lhe fugir.

## §. IV.

O homem, que vive no meio da pobreza, da oppressão, e da miseria, amaldiçoa ainda aquelles que o gerarão; aborrece a vida, revolta-se contra todos, contra si mesmo; mata-se, e se despedaça: o homem em fim, que não tem que perder, he o mais atrevido, e o mais insolente, a tudo se atreve, nada lhe resiste (a).

(a) Bielfeld. *Ins Polit.* part. 2. chap. 1. des Finances §. 10. *Qu'on nous epargne la peine de repondre aux sophismes de certains Politiques, qui pretendent qu'il est prudent de reduire les sujets à un etat de mediocrité. Nous avons déjà prouvé plus haut à quel point ce raisonnement est frivole. Tous les faits d'histoire font foi, que des Peuples pauvres, indigens, qui n'ont rien à risquer, et qui ne peuvent que gagner des des troubles, sont plus enclins aux revoltes,*



*aux rebellions, plus indociles, plus mal aisés à gouverner; que des Peuples opulents. Un Etat sans ressources pecuniaires, ne pourra jamais soutenir une guerre longue, et oneruse. En fin, peut-on imaginer une plus grande perfection dans un Gouvernement, que quand ses maximes sont telles, qu'elles enrichissent le Souverain, en rendant les Peuples opulents; et heureux?*

## §. V.

E pelo contrario, o homem que vive na abundancia logo se lembra de huma companhia honesta, que lhe seja amavel, e que o ajude a viver contente; e quando se vê reproduzido em seus filhos, adora o Creador, e beija a mão bemfeitora que o protege, respeita a Religião, respeita as Leis, e he o primeiro, que se interessa na conservação da paz publica, da qual necessariamente depende a sua particular, e a da sua familia.

## §. VI.

Só teme, quem tem que perder; quem mais tem que perder, mais teme; quem mais teme, mais obedece; he pois necessario que os interesses da Metropole sejam ligados com os das Colonias, e que estas sejam tratadas sem rivalidade (a). Quanto os vassallos são mais ricos, tanto o Soberano he muito mais.

(a) *Elemens du Commerc. part. 2. chap. 6. des Colonies pag. 28. Il est également necessaire, que le sort des babi-*

*tant soit tres-doux en compensation de leurs travaux ; et de leur fidelité. C'est pourquoi les Nations habiles ne retirent de leurs Colonies une fois etablies , que la depense des forteresses , et des garnisons : quelquefois même elles se contentent du benefice general du Commerce.*

---

### P A R T E III.

SOBRE OS INTERESSES DE PORTUGAL PARA COM AS OUTRAS NAÇÕES.

---

## C A P I T U L O I.

*As Fabricas de luxo não são convenientes a Portugal.*

### §. I.

**H**UM grande Commercio, levado ao excesso em huma Nação, produz os mesmos effeitos, que em outra as minas do oiro, ou de prata muito abundantes: a riqueza rapida de hum e outro manancial desafia logo a cubiça insaciavel dos seus habitantes. Daqui nasce o abandono das Artes, e das manufacturas: todos querem ser commerciantes; todos querem ser mineiros.

V

## §. II.

O luxo se diffunde por todos sem limites : todos trabalham por confundir-se com os ricos da primeira ordem : ninguem quer ser Artifice, ninguem quer ser Fabricante, sem hum salario excessivo. Esta carestia da mão de obra do Fabricante da Nação muito rica, faz passar necessariamente as suas manufacturas para a mão do Fabricante da Nação menos rica, e que aluga o seu braço por menos preço.

## §. III.

Isto he o que já vão experimentando as fabricas, e as manufacturas da Hollanda pelo augmento da massa do dinheiro em circulação, que desde muitos annos não tem outra fonte mais do que o grande Commercio de economia dos seus negociantes. Os Hollandezes só tem alguns restos das suas manufacturas, que a arte, e a economia já sustentão com trabalho, e que não merecem ser contadas entre as primeiras fontes do seu Commercio. A carestia da mão de obra causada pela excessiva abundancia, de dinheiro as fará logo desaparecer inteiramente.

§. IV.

Por esta razão o consumo das manufacturas das Indias, tão contrarias aos interesses das outras Nações da Europa, cujo principal fundo consiste em manufacturas, he vantajoso á Hollanda. Independentemente do que ella vende com hum grande lucro ás outras Nações, he mais util á Hollanda vestir os seus habitantes das manufacturas das Indias, do que das de Inglaterra, ou de França. He desta sorte que a Hollanda remedeia por sua habilidade no Commercio os inconvenientes desta grande superioridade de dinheiro e de riquezas, que já lhe não permite entreter muitas manufacturas.

§. V.

O Senado de Genova tem dado o exemplo de huma sabia politica, restringindo por huma Lei prohibitiva a porcellana; ao mesmo tempo não tem posto alguns limites ao uso das baixelas de prata. A grande quantidade de baixelas de prata tem sido olhada como hum remedio aos excessos da riqueza (a), e o imposto sobre a prata lavrada como contrario á boa politica.

(a) O dinheiro he hum sinal representativo de todas as coizas, que entrão no Commercio das gentes: supponha-se que todas as mercadorias do mundo estão de huma parte, e que todo o dinheiro que ha no mundo está da

outra; todo o montão de dinheiro representará todo o montão das mercadorias: e se do montão de dinheiro se tirar alguma parte, o resto desse montão de dinheiro representará sempre do mesmo modo todo o outro montão das mercadorias: logo da mesma sorte em qualquer Estado se do montão de dinheiro, que nelle gyra, se for tirando o excesso, ou parte d'elle, reduzindo-o a baixelas, para que não gyre, nem represente; o resto do dinheiro do Estado representará sempre o mesmo na razão das suas mercadorias: e desta sorte se evitará, que o excesso do dinheiro desse Estado corra para os outros, ou para a India. O dinheiro segue a natureza dos líquidos, que sempre correm para baixo até se pôrem em equilibrio ou a nivel: logo se á proporção, que elle se for pondo em equilibrio, se for tirando, estagnando o excesso; elle se conservará sempre em equilibrio, e não traspbordará jámais

#### §. VI.

He impossivel que as riquezas reaes, ou artificiaes se augmentem prodigiosamente em hum Estado, sem que a mão de obra se augmente na mesma proporção, e consequentemente sem arruinar as manufacturas. E se a balança constantemente vantajosa, que huma Nação se procura pelo Commercio, destroe as manufacturas; aquella que não deixa de augmentar o seu numerario pelo soccorro das minas de oiro, ou de prata, promove muito mais rapidamente o momento desta destruição infallivel.

§. VII.

He pois necessario apartar do systema politico de Portugal o projecto de estabelecer manufacturas de luxo , pois além de lhe ser impossivel conserva-las em concorrência com as das outras Nações , que dellas fazem huma parte principal do seu fundo , e que já neste ramo de industria nos tem tomado a dianteira , serão logo arruinadas pelo pezo da mesma balança de Portugal muito vantajosa.

§. VIII.

As manufacturas , que só pedem braços sem muito engenho , nem muita arte ; as ordinarias , que mais convêm ao Povo , que he o maior consumidor do Estado , são as que mais convêm a Portugal. As mulheres , os rapazes , os velhos , os estropiados , todos achão nestas manufacturas hum genero de trabalho proporcionado ás suas forças.

§. IX.

As manufacturas as mais necessarias , aquellas sobre tudo , que se podem olhar como da primeira necessidade ; todas as que são precisas para os fardamentos das Tropas , armamentos de ter-

ra, e de mar, velames, cordoarias; todo o genero de fabricas de atanados, de papel (a), etc. não devem ser desprezadas em Portugal: antes se lhes devem dar todos os soccorros, e rebaixar-lhes os direitos, quanto for possivel, para no concursó dos vendedores dar a preferencia ao Fabricante da Nação.

(a) He necessario, que o papel no Brasil seja fabricado do algodão, assim como na India, para se evitar a destruição, que fazem os insectos no papel fabricado na Europa, ou seja por causa da sua materia, ou da colla, ou da encardenação dos Livros; o que nos paizes da Zona Torrida he de huma perda indizivel, principalmente para os Livros das grandes Livrarias, que não andão sempre entre as mãos, e para os papeis, que se conservão guardados nos Cartorios, e nos Archivos publicos: este objecto pede toda a attenção dos Chymicos para a extincção de hum tal insecto, assim como tambem de outro, roedor das roupas e das madeiras, chamado *Copy*, e na India *Formiga branca*.

## §. X.

As de mero luxo porêm, aquellas que só dependem do gosto, de muito engenho, e de muita arte, não devem merecer muito cuidado a Portugal (a); não só porque não tem muitos braços para abarcar os immensos ramos de Commercio, que produzem e podem produzir as suas Colonias; mas tambem para deixar de proposito huma potta aberta, para por ella entrarem as Nações industriosas a commerciar connosco, para nos levarem o nosso superfluo (b).

(a) Bielfeld. *Instit. Politiq.* tom. 3. part. 2. chap. et §. 8. no fim: *C'est une erreur polistique, que de vouloir avoir tout chez soi.*

(b) Bielfeld d. tom. 2. chap. 3. des Manufactures §. 11. *Il n'est pas de la Politique du commerce d'oter aux Nations étrangères, par l'establissement de toutes les manufactures possibles, tous les moyens de faire avec nous le moindre echange de marchandises; et il ne faut pas croire qu'il y ait au-jourd'hui e Europe un peuplen assez d'upe, que viennent se pourvoir chez nous de tous ses besoins, si nous lui ravissons tous les moyens de debiter à nos sujets quelque partie de son superflu. Que devient alors le commerce, objet bien plus important encore que les manufactures? Et §. 48. Si l'on pousse trop loin l'usage de se passer des manufactures étrangères, on donne lieu aux autres Nations, qui ont évidemment le droit de réciprocité, de se passer des notres; et les vengeantes nationales sont si naturelles, et si communes à cet egard, que le Gouvernement, qui établit de pareils drôits, ou prohibitions, devrait y penser plus d'une fois, et ne pas ouvrir, sans une grande nécessité, les yeux aux autres peuples, et reveiller leur attention.* Todos os dias se está vendo, que hum homem não negocia com outro, ou não lhe compra hum traste, sem que elle lhe compre, ou lhe tome outro em desconto; e muitas vezes até compra hum traste, de que não tem muita precisão, só para se desfazer de outro, que lhe he superfluo, ou que não he do melhor gosto. Isto, que acontece muitas vezes entre os particulares, procedê da mesma sorte entre as Nações.

§. XI.

De outra sorte, ou viveremos sempre na mediocridade occultando os nossos thesouros, para que não sirvão para nós, nem para os Estrangeiros (a); ou viremos a morrer, e rebentar de fartos entre os braços da preguiça, e da molleza; ou finalmente seremos atacados por todas as par-



tes pelas Nações, que tendo muitos braços indigentes, farão todo o uso delles para nos obrigar, ainda por força, a repartir com elles do nosso pão. Em lugar de amigos, teremos inimigos: todos serão contra nós por necessidade (b).

(a) Os Estrangeiros sabem já dos nossos thesouros melhor do que nós; já se lhes não podem occultar: vejão-se os Escretores citados neste *Ensaio*.

(b) Bielfeld chap. 1. du Portugal, no fim: *Si les Portugais s'appliquoient aux fabriques, et à l'industrie, il faudroit leur faire la guerre, ou leur susciter des embarras. Je ne vois pas comment on pourroit faire autrement.*

## §. XII.

Portugal a respeito das manufacturas de luxo deve ser considerado entre as Nações industriosas da Europa, e as suas Colonias, como hum Negociante habil entre os fabricantes de huma parte, e os lavradores e creadores da outra. Estes se enriquecem subministrando as materias primeiras, necessarias e indispensaveis para a conservação das vidas daquelles, e da sua industria. Aquelles se enriquecem pelos valores novos, que a sua industria dá ás producções naturaes de todos os Paizes. O Negociante no meio de todos, provisionando huns e outros, se enriquece duplicadamente.

§. XIII.

He necessario advertir mais, que o luxo muda continuamente de objecto; as modas varião com rapidez: daqui nasce, que a sorte do obreiro, ou do fabricante do luxu he sempre incerta. Ve-se a cada momento huma parte de entre elles cahir inopinadamente na necessidade, porque não se pedem mais as suas obras; em tanto que outros se achão em huma abundancia não esperada, porque as suas obras são mais procuradas.

§. XIV.

Os obreiros infelizes, aquelles, cujas obras já não estão em moda, não sabem para onde se voltem, para se segurarem da sua subsistencia; muitos dentre elles não estão já em estado de aprender, nem de abraçar huma profissão nova: huma parte perece na miseria, outra se dissipa, se expatria, ou fórma a massa dos vagabundos, e o Estado perde hum grande numero de Cidadãos.

§. XV.

A abundancia de que gozão os obreiros felizes, cujas obras são da moda, não repara ao Estado esta perda; a sua população augmenta

muito pouco; porque esta abundancia não deve ser senão passageira; e se por algum acontecimento ella se acha ser duravel, não produz alguma coiza de melhor; porque o obreiro, que conhece a instabilidade da sua sorte, não se atreve a estabelecer-se sobre fundamentos tão variaveis, e tão pouco seguros.

### §. XVI.

Para huma Nação muito numerosa, que conta muitos milhões de braços seus, a perda de alguns póde não ser huma grande perda: para Portugal porém, para huma Nação, que conta muito poucos braços, a perda de hum só não póde deixar de ser huma grande perda: e por isso he necessario apartar do systema politico de Portugal o projecto de estabelecer manufacturas de luxo. Não digo com tudo que se extingão, ou que se prohibão as fabricas de luxo, digo sim que o Estado não deve promove-las, nem fazer para ellas grandes esforços, pelos poucos, ou nenhuns lucros, que ellas dão a Portugal: talvez que a experiencia tenha já demonstrado esta verdade.

CAPITULO II.

*Portugal pela situação dos seus Estados em todas as quatro partes do Mundo, póde ser huma das Potencias maritimas mais respeitaveis do Mundo.*

§. I.

**P**ORTUGAL está situado na extremidade occidental da Europa: da parte do Meio dia, e do Occidente he cercado do Oceano Atlantico; e para o Setentrião confina com a Hespanha; e por isso se póde dizer, que na Europa não tem outros visinhos senão os Hespanhoes. Os mares immensos, que o cercão, lhe servem de reparo: e se armadas inimigas o podem vir atacar sobre as suas Costas, os mesmos mares lhe trazem, como se tem visto muitas vezes, armadas amigas para o defender.

§. II.

Na America Meridional he Senhor de todo o continente do Brasil, desde o Cabo do Norte do Amazonas; onde confina com Guiana, até junto ao Rio da Prata; tem pelo Oriente o Oceano

no Atlantico ; e Castella pelo Meio dia , e pelo Occidente. Em toda esta Costa de mais de seiscentas legoas de 18 ao gráo se comprehendem muitas Capitanías, das quaes as principaes são o Pará , Maranhão , Pernambuco , Bahia , Rio de Janeiro , Santa Catharina , Rio Grande (a).

(a) O Rio Grande produz immenso gado vaccum ; e cavallar, muito trigo, muito linho canhamo: todos estes artigos, por isso que são de primeira necessidade, necessariamente hão de fazer, que esta Provincia seja riquissima. Aquelle Rio posto que dê bastante fundo, e boa navegação, a sua barra comtudo não admittre navios grandes. Santa Catharina, que lhe fica ao Norte, não só pela sua visinhança, mas tambem por ser o melhor porto do Brasil depois do Rio de Janeiro, ha de ser necessariamente a Alfandega dos generos da rica Provincia do Rio Grande; e por isso he necessario que o porto de Santa Catharina seja bem fortificado, e guarnecido,

### §. III.

E pelo interior, São Paulo, Minas Geraes, Goiás, Cuiabá, Mato Grosso: em quasi todas as sobreditas Capitanías, e Praças, tem Portugal bastante Tropa paga, e auxiliar, muito bem armada e disciplinada, com que mutuamente se auxilião nas occasiões precisas.

### §. IV.

A situação local de Portugal, principalmente na Europa e na America, o põe em estado

de nada temer das Potencias, que poderiam enviar transportes de tropas de desembarque nas suas Costas, porque todas são interessadas na conservação de Portugal, pelos interesses do seu mesmo Commercio. Mas como Portugal tem muitas e consideraveis possessões em todas as quatro partes do mundo, e muito distantes humas das outras, he do seu maior interesse vigiar com todo o cuidado a conservação das suas Provincias, e de não perder toda e qualquer occasião favoravel de se firmar mais, e mais nos Estabelecimentos, principalmente da Costa d'Africa, onde tem muitos concurrentes; protegendo, e animando o seu Commercio, e a sua navegação por todos os meios possiveis.

**§. V.**

Portugal na Europa, e no Brasil por terra, como já vimos, só tem por visinho a Hespanha: e supposto parecesse em outro tempo tinha muito que temer desta Nação, não só por causa das suas antigas pertenções sobre todo este Reino, mas tambem pela superioridade das suas forças; pelo contrario agora muita razões segurarão a Portugal toda a boa harmonia com esta Potencia.

**§. VI.**

Porque I. Portugal foi declarado indepen-

dente pelo Tratado concluido, e assignado em Santo Ildefonso em 1668; o qual foi confirmado em todas as suas clausulas, e ainda ampliado, não só pela paz de Utrecht, concluida em 1713, mas tambem por diversos Tratados particulares, que as duas Nações tem feito entre si. II. Pelos duplicados matrimonios dos Principes de ambas as Nações.

### §. VII.

E III. porque pela falta de muitos viveres nas Provincias limitrofes de Castella, e outros muitos incommodos, não pôde ella sustentar forças tão grandes contra Portugal, que este lhe não possa resistir com iguaes (a). IV. Porque a politica da Europa sempre vigilante, desconfiada, e zelosa do equilibrio, e que alguma Nação se não faça preponderante sobre as outras, não consente, que os thesouros do Perú, e do Brasil caião debaixo do dominio de hum só Soberano (b). As Potencias maritimas todas interessadas na conservação de Portugal, como no seu bem (c), estão sempre alerta para vir em soccorro desta Potencia, desde que ella for ameaçada pela invasão de alguma outra.

(a) Vejam-se as reflexões do Conde de Fuensaldanha e D. Luiz d'Aro, referidas por Duarte Ribeiro de Macedo tom. 1. pag. 62.

(b) Macedo d. pag. 66. e 67.

(c) Veja-se o Capitulo antecedente.

## §. VIII.

Estes mutuos interesses valem mais, do que todos os Tratados; elles são os unicos vinculos, que prendem os alliados, e que sustentão a Politica das Nações. A mesma Historia nos faz ver, que estes mutuos soccorros tem feito cahir por terra mais de huma vez todos os projectos de Castella contra Portugal: e por isso he da primeira necessidade para o bem destas duas Nações, que ellas vivão em boa harmonia entre si, quando não como alliadas, ao menos em huma rigorosa neutralidade.

## §. IX.

A França, se bem reflectir nos seus interesses, não se lembrará já mais de atacar a Portugal nas suas possessões na Europa; não só porque ella está separada pela Hespanha; mas tambem porque além de ser muito duvidoso o successo de hum ataque naval, de hum desembarque, teria contra si todas as Nações interessadas no Commercio, e na conservação de Portugal.

## §. X.

Da mesma sorte no Brasil. I. Porque as suas possessões não são limitrofes (á excepção



de huma pequena parte da Guiana (a) ao Norte do Amazonas. II. Porque Portugal está já alli estabelecido de muitos annos; o que he de huma grande consideração para os Paizes que estão longe. III. Porque Portugal tem no Brasil portos, e Praças fortissimas, das quaes a França se não poderia fazer senhora, ainda por pouco tempo, sem enviar forças immensas.

(a) Veja-se a Memoria que escrevi á cerca de União das tres Guianas, publicada no *Investigador Portuguez* em o N.º de Setembro de 1815. pag. 313.

### §. XI.

E IV. porque todas as Nações commerciantes voarião logo em soccorro de Portugal, quando não por interesses de Commercio, ao menos para que a França se não fizesse mais poderosa. V. Porque he tambem de interesse da França que Portugal conserve todas as suas possessões, ao menos para que as Nações suas rivaes se não fação maiores á custa de Portugal (a).

(a) Veja-se tambem a Carta, que escrevi a este respeito ao General Hoppe impressa, e publicada em Londres no *Investigador Portuguez* N. VIII. pag. 560 e seguintes. Veja-se o excellente Discurso politico, que fez o Conde de Soure ao Cardeal Mazarini, inserto nas Obras do dito Macedo tom 1. pag 121., e seguintes.

### §. XII.

A Hollanda a respeito de Portugal depois

dô tratado de Haya de 6 de Agosto de 1661, confirmado pelo de Utrech, e por outros particulares entre as duas Nações; está quasi nas mesmas circumstancias que a França; e ainda muito menos, quanta he a differença das forças de huma Potencia ás da outra.

§. XIII.

De todas as Potencias da Europa, a Inglaterra he aquella de que Portugal deve conservar mais a amizade; não só pelos grandes interesses de Commercio, que as duas Nações fazem entre si; mas tambem pelos soccorros promptos e efficazes, que Portugal póde sempre esperar de Inglaterra.

§. XIV.

Porêm com tudo não se deve suppor, que Portugal vive totalmente na dependencia de Inglaterra: porque Inglaterra necessita de dar consumo aos seus lanificios, e de preferir os vinhos de Portugal aos de França; não só por serem estes depois do Tratado de Commercio de 1703 de hum dobrado preço, pelos muitos direitos com que estão carregados em Inglaterra; mas tambem para não fazer pender a balança em favor de França: e finalmente as vantagens prodigiosas da sua balança de Commercio (e) com

Y

Portugal provão bem, que Inglaterra dependê mais de Portugal, do que Portugal de Inglaterra.

(a) *Intérêts des Nations de l'Europ.* tom. 1. chap. 8. de l'Angleterre pag. 578. *Memor. Economic. da Academ. Real das Scienc. de Lisb.* tom. 3. *Memor. sobre o estad. da Agricultura, e Commerc.* do Alto-Doiro cap. 2. pag. 75. *Negotiant Anglois* tom. 2. sur le commerc. de l'Angleterre avec le Portugal pag. 185. 206. 218. 235. e seg.

### §. XV.

O Tratado de 1703 não he mais do que hum simples Tratado de Commercio, e não he relativo a algum outro de paz. Por este Tratado Portugal só se obrigou a permittir a entrada dos lanificios de Inglaterra nos seus Estados sem pagar mais direitos do que aquelles, que pagavão antes da prohibição da entrada dos lanificios estrangeiros em Portugal: o que com tudo não he hum privilegio exclusivo, nem tal que ligue as mãos a Portugal, para não fazer as mesmas concessões a qualquer outra Nação, ou Nações, que mais lhe comprarem huma maior quantidade do seu superfluo, e dos generos das suas Colonias (a).

(a) As mesmas interpretações que os Inglezes dão a este Tratado, fazem ver que he livre a cada huma das duas Nações apartar-se delle todas as vezes que elle for prejudicial aos seus interesses. Veja-se *Le Negotiant Anglois* tom. 2. *Memoire sur le Commerce de l'Angleterre avec le Portugal.*

§. XVI.

Inglaterra não compra de Portugal nem muito assucar, nem muito tabaco, nem algumas mercadorias das Indias Orientaes; porque a maior parte tira das suas Colonias: e de todas as produções das Colonias Portuguezas, á excepção do algodão, quasi que não tira mais do que o ouro, e os diamantes.

§. XVII.

Portugal franqueando os direitos da entrada dos lanificios a todas as Nações commerciantes, reduzindo-os ao estado, em que elles se achavão antes daquella prohibição, não só faria tantos alliados, quantos fossem os interessados no seu Commercio, mas tambem augmentaria o numero dos concorrentes, para lhe venderem por menos a sua industria e as suas manufacturas, e lhe comprarem por mais os seus generos, e o seu superfluo; o que seria sem duvida huma ruina para o Commercio de Inglaterra: pois que sendo, como he, tão cara a sua mão de obra, não só pela extensão, e riqueza do seu Commercio (a), mas tambem pelos muitos tributos, com que ella se acha carregada para pagar os interesses da divida nacional, não poderia já mais entrar em concorrência sem perder.

(a) Veja-se o Cap. anteced.

## §. XVIII.

E por isso he do maior interesse de Inglaterra conservar a amizade de Portugal, e fazer ainda alguns sacrificios, para que Portugal não faça uso de toda a liberdade do seu Commercio para com as outras Nações, nem lhe augmente o numero dos concorrentes, e só sim se conserve no estado tal, qual se acha ao presente. As outras Nações da Europa a respeito de Portugal, presentemente se póde quasi dizer, que não tem outra relação mais do que a do simples interesse de seu Commercio.

## §. XIX.

Mostrado pois que Portugal por terra na Europa, e na America só tem por visinho a Castella, e que he do maior interesse desta Nação viver em boa harmonia com Portugal, ou seja como alliada, ou como neutral; e que Portugal nas suas possessões principalmente da America, ainda que tem muitas forças de terra para impedir que ellas sejam conquistadas por alguma Nação da Europa, não tem com tudo bastantes por mar, para evitar que huma Nação inimiga faça hum desembarque em alguma parte mais fraca daquellas costas tão dilatadas, ou sejam do Brasil, ou da Africa, ou da Asia; tem

a ser da primeira necessidade de Portugal economizar muito as suas forças de terra, deixando tão somente as que lhe forem indispensaveis para conter os seus visinhos em respeito, e manter o socego, e quietação dos seus vassallos; para fazer carregar, quanto lhe for possível, toda a sua maior força para a Marinha, que nunca já mais lhe será sobeja, e que se deverá sempre hir augmentando á proporção do seu maior Commercio (a).

(a) Portugal deve lembrar-se, que deveo a sua opulencia, a sua gloria, e a sua força á sua Marinha; e que a não deve já mais perder de vista, nem largar da mão.

## §. XX.

Portugal a respeito das forças maritimas deve ser considerado como Inglaterra, que tem muito poucas forças em terra, para poder ter muitas no mar; com a differença porém, que Inglaterra tem junto a si, e quasi á vista, as Nações suas inimigas, e suas rivaes, que facilmente podem fazer hum desembarque nas suas Costas: Portugal tem as suas possessões muito longe, onde se podem soccorrer mutuamente, e unir as forças do mar com as da terra nas occasiões precisas; perdido hum soldado, pode ter logo dous ou tres, fortes, são, e robustos.

## §. XXI.

Não assim as Nações inimigas de Portugal, ás quaes será preciso levar de muito longe viveres corrompidos, soldados cançados e doentes, dos quaes perdido algum, não haverá outro que substitua o seu lugar; o que tudo he mais huma vantagem, que tem Portugal a respeito de Inglaterra.

## §. XXII.

As outras Potencias maritimas, Castella, França, e Hollanda, por isso que confinão com muitos visinhos por terra, precisão de muitas fortificações bem guarnecidas, e de grandes exercitos bem providos, promptos sempre a marchar para ou repellirem os seus inimigos, ou se defenderem dos seus ataques. Estas muitas forças de terra fazem de necessidade diminuir as do mar: o que he menos huma vantagem daquellas Nações maritimas a respeito de Portugal.

### CAPITULO III.

*A Neutralidade de Portugal he muito interessante á todas as Nações maritimas.*

#### §. I.

**T**odos os Estados da Europa não podem economizar bastantemente as suas despezas: porque além das annuaes, e da sustentação das suas Tropas em tempo de paz, lhes he necessario, ou ter sempre guardado, e prompto para qualquer guerra hum rico Erario, como perdido para o Commercio; ou individarem-se mais e mais, cavando todos os dias a sua ruina. Elles estão como encravados huns nos outros, sempre cheios de susto: qualquer choque de huma parte os abala, e faz tremer a todos.

#### §. II.

Huma Potencia, cujos Estados estão situados entre duas, ou mais Potencias belligerantes, vê-se muitas vezes constrangida, ou a entrar em guerra, ou a dar passagem pelos seus Estados ás Tropas de humas contra as das outras: mas como estas quasi sempre estragão o Paiz por onde



passão, e principalmente o neutral, por isso que o não reputão seu amigo; se vê logo o Paiz neutral obrigado a seguir hum partido, para se não ver pizado por dois: então toda a prudencia de hum Principe sabio, amigo, e pai dos seus vassallos, não os pode muitas vezes salvar de hum semelhante flagello.

### §. III.

Portugal situado em hum canto, sem estas communicções de huns para outros Estados pelas suas terras, está como livre de todo o choque; elle se vê rodeado de dois amigos; hum que lhe franqueia todos os passos, o outro que pela sua grande massa lhe serve como de baluarte para rebater os contra-golpes do Norte. Portugal em fim pela sua feliz situação participa do bom que tem a Europa; das Artes, das Sciencias, e do Commercio elle participa igualmente: do mal porém, das guerras parece estar fóra da Europa, separado, e independente.

### §. IV.

Pelo que pertence ás Potencias maritimas belligerantes póde Portugal conservar a sua neutralidade, sem que alguma dellas o possa facilmente obrigar a entrar em guerra: porque ou essa Nação que pretende obrigar a Portugal, tem

contra si hum inimigo forte ; ou não. Se o inimigo he forte, e que por isso pede soccorro contra elle, não lhe podem sobejar forças para ao mesmo tempo atacar ; e obrigar a Portugal a entrar em guerra.

**§. V.**

E se o inimigo não he muito forte, não he necessario juntar tantas forças, nem apertar com hum amigo até o ponto de perder a sua amizade : porque além desta perda, irá augmentar-lhe o numero dos seus inimigos ; e causar-lhe danos irreparaveis.

**§. VI.**

Huma Nação maritima, ainda que mais pequena, e menos poderosa, sómente pela sua situação local pode causar danos gravissimos a outra, ainda que maior, e mais poderosa. Bem pequenas, e bem pouco poderosas são Tunnes, Tripoli, e Argel ; e com tudo ellas tem posto em contribuição a quasi todas as Potencias da Europa ; sómente pela situação vantajosa dos seus Estados, e pelo methodo de fazer a guerra por Chavecos, ou por pequenas embarcações armadas.

**Z**

## §. VII.

Portugal he senhor de muita parte das Costas da America, da Africa, e da Asia, e das Ilhas adjacentes no mais estreito do mar Atlantico, todas com muitos portos grandes, e pequenos. Se naquelles, que forem mais visinhos á escala, geral dos navios do Commercio daquellas Costas, e das Indias, se pozerem algumas Fragatas, ou alguns pequenos Corsarios, que com da sua caza saão a fazer o seu corso; porão sem duvida em consternação o Commercio de qualquer Potencia, ainda das mais poderosas da Europa.

## §. VIII.

Não seria preciso que Portugal armasse á sua custa, ou dos seus vassallos todos os Navios ou Chavecos necessarios para aquelle corso; bastaria que permittisse, que armadores estrangeiros debaixo da sua bandeira fizessem suas asprezas, e que fossem protegidos naquelles portos. Portugal por este methodo teria huma grande vantagem sobre os seus inimigos; por isso que atacava de sua caza e de perto; e elles de muito longe. Elles se verião mesmo na necessidade, ou de comboiar os seus Navios de Commercio com Fragatas, ou Náos de guerra; o que, além de

hes fazer muitas despesas, seria hum empate ruinoso para o seu Commercio; ou verião com sentimento tomarem-se-lhe os seus Navios, huns depois dos outros.

§. IX.

E pelo contrario a amizade de Portugal para com as Nações maritimas será sempre util, quando não como alliado, ao menos como neutral. Além dos interesses, que todas tirão do seu Commercio, e dos seus portos em huma das melhores situações da Europa; e nos dos seus Dominios espalhados por quasi todo o mundo, para se refazerem do necessario os seus Navios de guerra, e de Commercio; a fé, e a lealdade Portugueza he de hum preço inestimavel.

§. X.

Em todos os tempos, em que as Nações maritimas se acharão em guerra, sempre a bandeira Portugueza, tremulando por entre ellas, prestou os seus bons officios a todas; a nenhuma offendeo. Nesta ultima guerra, em que as primeiras Potencias maritimas da Europa, Castella, Inglaterra, França, e Hollanda trabalhavão por se arruinar, Portugal observou a mais rigorosa neutralidade. Os Negociantes Portuguezes, sempre fieis á sua palavra, sustentarão da sua parte a hon-

ra da Nação : elles tiverão nas suas mãos os vinculos, que ligavão o Commercio de todas ellas ; elles os conservarão illesos, sem ja mais consentirem, que algum delles se quebrasse pela sua parte.

## §. XI.

Finalmente se Portugal conservar huma Marinha respeitavel de guerra, e de Commercio, renunciando todo o espirito de conquista, contentando-se com o muito, que possui em todas as quatro partes do mundo ; promovendo por todos os meios as riquezas, que as suas Possessões são capazes de produzir ; conservando os seus vassallos em paz e socego na fruição dos seus bens, economizando as suas fabricas para as manufacturas necessarias, deixando as de luxo para os Estrangeiros, para que elles por esta porta entrem a comprar o nosso superfluo, e se interessem connosco no Commercio geral das Nações : pode-se dizer com confiança, que Portugal não será inquietado, e que todas as Nações se interessarão na sua conservação, como na propria de cada huma (a).

(a) O tempo em ja mostrado, e mostrará que a Nação, que se propozet a fazer a ruína de Portugal, principiará primeiro por fazer a sua ; a Hespanha, e a França são exemplos dos nossos dias. Vejo-se as minhas Paszadas de 20 de Junho de 1810, de 2 de Abril de 1811, e de 11 de Julho de 1813.

**MEMORIA**  
SOBRE  
**O PREÇO DO ASSUCAR.**  
PUBLICADA POR ORDEM  
DA  
**ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS**  
EM 1791 ;  
AGORA NOVAMENTE CORRIGIDA, E ACCRESCENTADA  
PELO MESMO AUCTOR.

THE NATIONAL BUREAU OF STANDARDS  
WASHINGTON, D. C. 20540  
NBS MONOGRAPH NO. 100-1  
1978



# MEMORIA

SOBRE

## O PREÇO DO ASSUCAR.

**T**odos sabem do alto preço a que tem subido o assucar em toda a Europa (a), pela desgraçada revolução das Colonias Francezas, nossas maiores rivaes neste genero de Agricultura; e pelas grandes inundações, que tem havido nas Colonias Hespanholas; e nas Inglezas pelos furacões de vento muito fortes.

Portugal, como huma das primeiras Nações Agricultoras e Commerçiantes deste genero, tem tirado, e irá tirando grandes interesses, em quanto as circumstancias não mudarem. He agora hum problema, e se se deve, ou não táixar o assucar?

Dizem alguns que sim, porque a experiencia tem feito vêr, que hum genero de Commercio levado a excesso, excita logo contra si a rivalidade das outras Nações; e faz que os compradores desse genero ou se dispensem delle, se

---

(a) Em Pariz se está vendendo a 400 reis o arratol, e nesta Corte a 140, e a 160 reis.



podem; ou trabalhem com todas as suas forças, para o haverem por hum preço mais commodo, e mais barato.

Que este esforço geral fará descobrir meios de augmentar a abundancia desse genero, até reduzi lo a hum preço tão baixo, que faça, se for possível, arruinar esse ramo do Commercio da Nação ambiciosa, que levou o seu genero a hum preço excessivo.

Isto são verdades elementares, que se não podem negar; pois todos sabem, que o principal objecto do Commercio he trazer a abundancia ao Paiz da carestia, e fazer que em hum Paiz não haja superfluo, e que no outro não haja falta.

Mas como a taxa do assucar possa nas circumstancias presentes evitar o mal que se supõe, he o que eu não posso entender; pois que quanto mais baixa fosse a taxa em Portugal, tanto mais depressa os Negociantes Nacionaes, e Estrangeiros o levarião para fóra do Reino, para tirarem hum maior interesse do subido preço, em que elle se acha hoje em toda a Europa, e ainda na Africa (a): e desta sorte se verião em bem pouco tempo os consumidores da Nação sem assucar, e os Agricultores sem dinheiro, ou ao menos sem o excesso da taxa, ou sem aquelle maior interesse, que podião tirar do seu genero. Logo a taxa do assucar seria hu-

---

(a) Em Salé está a 400 réis o arrazel.

na ruina para os senhores dos Engenhos do Brasil, e hum mal para os consumidores da Metropole.

Dizem alguns; que entre tanto virá vindo mais assucar: ? mas de donde? A cana, de cujo extracto se faz o assucar, não produz em toda a parte; ella he só propria dos Paizes quentes; e não he huma cultura tão facil, que se faça dentro de tres ou de quatro mezes.

Nas Colonias Estrangeiras, desde a sua plantação até á sua colheita se passam mais de dezoito, e de vinte mezes (a), e outro tanto tempo para se reduzir a assucar, fazello branco, encaixar, e conduzilla para a Europa; além das fabricas, que he necessario ter logo prontas para a sua manufactura; o que tudo se não faz em menos de tres annos.

Neste anno não sobejou assucar nas Colonias agricultoras, antes pelas desordens sabidas, e grandes inundações, que nellas houverão, faltou de repente muita parte do que era necessario para o consumo annual da Europa. O corte, ou a colheita da cana não se faz todos os dias, só se faz em hum certo tempo do anno; a perda de huma colheita, ou de huma safra não se repara em dous, nem em tres annos (b). Logo

Aa

---

(a) Labat *Voyage aux Isles de l'Ameriq.* tom. 3. chap. 5. du Sucre pag. 140.

(b) Os que tem conhecimento das plantações das canas de assucar sabem, que hum dos maiores lucros dellas são

em quanto não chega a outra safra, ou em quanto se não reparão estas perdas, e onde se hade hir buscar mais assucar? Dizem huns que da India; outros que das plantações, que se hão de fazer na nova Colonia da Serra Leoa na Costa de Africa.

Isto só serve de provar a grande falta, que ha de assucar na Europa, e na America: mas não que estes meios sejam capazes de arruinar o nosso Commercio neste genero, nem que os assucares da Asia, ou de Africa possam entrar com os nossos em concorrência, ao menos nestes dez, ou doze annos: oxalá só Portugal fora senhor deste ramo de Commercio.

O assucar das Indias Orientaes he muito

as socas, ou as canas que rebentão dos olhos ou pimpolhos, que ficão nos pés, ou nos pequenos troncos das canas que se cortão; não só por serem as socas huma producção espontanea da Natureza independente de huma nova plantação; mas tambem por ser huma producção tanto maior, quanto he maior o numero dos olhos, ou pimpolhos, que vingarão em cada pé ou tronco, que ficou da cana cortada; e se a terra he boa, ainda he maior a producção da 2.<sup>a</sup> e da 3.<sup>a</sup> soca: a cana soca he sempre mais doce, e por consequencia contém em si mais particulas de assucar, do que a da primeira plantação; e por isso o rendimento daquella he sempre á porção maior do que o desta: perdida pois, ou destruida toda a cana de huma safra, ou colheita de hum anno, não só se perdem para logo todos os lucros dessa safra, ou colheita; mas tambem se deixarão de lucrar para o futuro todos os multiplicados lucros das socas, que aliás rebentarião dos troncos dessas canas, se ellas não fossem arrancadas ou destruidas pela intemperie dos tempos, ou por qualquer outra causa.

inferior ao nosso em bondade, e qualidade (a): as despesas; e riscos desde o Brasil até á Europa são nada em comparação das desde o Ganges até o Téjo. O assucar da Costa de Africa ainda se não sabe que tal será; ainda se hão de estabelecer as Colonias; ainda se hão de amansar as terras para as fazer proprias para a cultura do assucar (b); ainda se hão de fazer as fabricas, ainda se hão de procurar os Mestres para ellas, etc.: he necessario ser muito pusillanime, para ter medo destes fantasmas.

Dizem outros que he necessario prohibir a exportação do assucar para fóra do Reino, ou ao menos até hum certo numero de caixas. Como, ou com que justa razão, se poderia nas circumstancias presentes obrigar o Negociante a vender o seu genero sem lucro, e talvez por menos do que comprou no Brasil, com attenção ao subido preço da Europa, confiado na boa fé, e na liberdade concedida ao Commercio?

Como em tal caso se poderia evitar o contrabando? como acautelar que os Negociantes ainda Estrangeiros o não fossem fazer até mesmo nas Costas do Brasil? Que vigias, que guardas não seriam necessarias, para evitar que o Agricultor o não vendesse a quem melhor lhe pagasse o seu genero? O contrabando do tabaco he huma prova desta verdade: o tabaquista não poupa

Aa ii

(a) Labar. tom. 3. pag. 127.

(b) Labar. d. tom. 3, pag. 127. 135.

dinheiro, o contrabandista não teme castigos; *Quisquis habet nummos, felici navigat aura*, disse Petronio Arbitro.

Mas supponha-se que nada disto aconteceria: Que utilidade seria para a Nação tirar da boca do Agricultor carregado das muitas, e grandes despesas, que consigo traz a fabrica do assucar, para meter na boca do rico, e do farto, que vive no meio do luxo?

Dizem alguns, que o assucar se tem feito hum genero da primeira necessidade, e que por isso he necessario taxallo. Desta sorte seria preciso taxar o baetão no tempo do Inverno; e a seda no tempo do Verão. Mas chamem-lhe como quizerem; as palavras não mudão a essencia das cousas: a verdade he que o assucar he de huma necessidade real para o Agricultor; e de huma necessidade facticia, e de mero gosto para o consumidor: e nestes dois extremos não deverão prevalecer os direitos da propriedade? e dever-se-hão atropelar direitos tão sagrados?

A fabrica do assucar he por sua natureza muito dispendiosa; ella pede muitos braços, muitas forças, e grandes fundos; e com tudo os seus lucros não correspondem ás suas grandes despesas (a). Não ha hum trabalho

---

(a) Labat d. tom 6. chap. 1. pag. 45. *Qu' on compare la-dépense d'une Sucrierie, et celle d'une Cacaotiere qui auroient donné le même revenu, et l'on verra par la difference qui se trouvera entre l'une, et l'autre, qu'une Cacaotiere est unq*

mais rude, nem mais violento; os trabalhos

*riche mine d'or, pendant qu'une Sucrerie ne sera qu'une mine de fer.*

Além das despesas necessarias, ainda se fazem muitas por falta de methodo na construcção das fornalhas das caldeiras, em que se purificão os caldos para o assucar. E supposto já em alguns Engenhos, como vi no Rio de Janeiro, se fazem as fornalhas com algum methodo, formando huma abobada, sobre a qual estão assentadas as taixas, dividida em duas partes por hum crivo de tijolos (que serve não só para ter sobre si a lenha, que conserva a chamma; mas tambem para dar passagem ás cinzas, que cahem para a parte inferior da abobada chamada vulgarmente cinzeiro): com tudo ainda tem muitas imperfeições, que he necessario remedear, para se evitarem os muitos desperdicios de lenhas, dos serviços dos escravos que as cortão; e dos bois, que as conduzem. O I.º erro consiste em deixar aberta a boca da fornalha depois de se lhe ter metida a lenha necessaria; pois que devendo aproveitar-se toda a força, e actividade das chammas em fazer ferver os caldos das taixas; se perde muita parte das chammas, que retrocedem pela boca da mesma fornalha. Este erro he facil de remediar-se, fazendo a boca da fornalha a mais pequena possível; para com mais commodidade se poder tapar com huma chapá de ferro, depois que se tiver metido a lenha necessaria para conservar a chamma: deve se porêr ter aberta, e desembaraçada a porta debaixo do chamado cinzeiro, para por ella entrar o ar para conduzir a chamma e o fumo, até sahir este pelo alto da fuminé, ou bociro, como alli vulgarmente se chama. O II.º erro consiste em se meter nas fornalhas muita lenha desnecessaria; e, o que he peor, grandes toros de madeira verde, que além do grande trabalho de os cortar, de os conduzir, e de os meter nas fornalhas, dão hum fumo tão grosso, e tão espesso, que mais serve de apagar do que de augmentar a chamma: este erro tem o seu principio na supposição em que alguns estão, de que quanto mais lenha mais chamma, e quanto mais chamma mais ferverem os caldos: porêr logo que se souber, que todo e qualquer liquido quando chega a ferver, não augmenta mais de calor;

## das forjas do ferro, e das fabricas de vidro

por exemplo, a agua depois de estar fervendo em borbo-  
tões, por mais que se lhe augmente o fogo, não recebe  
mais grãos de calor; se conhecerá que basta conservar os  
caldos no seu maior grão de fervura, sem que seja necessa-  
rio meter mais, e mais lenha; porque toda he perdida, prin-  
cipalmente os grandes toros verdes. O III.º erro consiste em  
se fazer a fornalha, ou o canal por onde passa a chamma,  
todo igual desde a sua boca até á sua fuminé ou boeiro;  
o que faz que a chamma, correndo como inclinada para a par-  
te da fuminé, passa com huma grande rapidez, sem aquen-  
tar bastantemente as taixas, que he o fim principal: este  
erro se remedia facilmente formando-se debaixo de cada  
taixa huma abobada, ou hum forno com aberturas propor-  
cionadas de humas para as outras, para dar passagem ás  
chammas desde a primeira até á ultima, mas sempre de sor-  
te que a abertura por onde entra a chamma, seja algum tan-  
to maior, do que a outra por onde ella sahe; porque a cor-  
rente da chamma, á maneira da de hum rio, achando-se hum  
pouco embaraçada em cada abobada, necessariamente ha de  
refluir, e subir por huma, e outra parte da abobada, até  
formar hum fogo de reverberio fortissimo no fundo de ca-  
da taixa, que he o fim que se quer: o mesmo succederá na se-  
gunda, na terceira, e na quarta taixa; e desta sorte com pouco  
fogo se fará hum grande effeito. He necessario porém advertir-  
se, que a abobada da primeira taixa junto á boca da for-  
nalha seja sempre maior do que a das outras, e com a gran-  
deza necessaria para *nella se accommodar toda a lenha*, que  
for precisa para conservar os caldos sempre fervendo, ou  
no grão de calor que se quizer. E supposto cada taixa  
deve ter o seu grão de calor particular, conforme o ponto  
mais ou menos alto, que se quer dar aos caldos de cada  
taixa; com tudo este grão de calor em huma mesma for-  
nalha se pôde muito bem proporcionar, dispondo-as de sor-  
te, que as taixas, ás quaes se quizer dar hum maior grão  
de calor, deverão ficar mais perto da boca da fornalha, e  
com huma maior parte dos fundos descobertos á acção do  
fogo; e pelo contrario aquellas, ás quaes se quizer dar hum  
menor grão de calor, deverão ficar mais perto da fuminé,

não tem comparação com as do assucar (a).

A esperança de hum dia feliz he a que mais anima ao homem nos seus trabalhos (b): cortar ao Agricultor esta esperança, pela taixa do seu genero, he cortar ao consumidor desse genero aquelles mesmos braços, que mais trabalhavão para o seu regalo.

Dizem alguns que o alto preço do assucar he só util para os nossos Negociantes, mas

e com huma menor parte dos seus fundos descobertos. Vê-se Baumé *Mem. sur la meill. maniere de constr. les alamb. et fourneaux*: Demachy *l'Art du distill. d'eaux-fortes*: e *Encyclopedie art. Sucrierie*.

E como ordinariamente nas casas das caldeiras ha muito fumo, que incommoda aos mesmos que trabalhão, para se evitar isto, será muito util que a fuminé passe acima dos telhados; não só para lançar longe o fumo, mas também para conduzir as chammaes mais acima. Esta fuminé porém não he necessario que seja huma grande massa informe, basta que tenha o seu diametro hum pouco menor do que q da boca do cinzeiro, por onde entra a grande columna de ar que conduz as chammaes; e pode ser quadrada, ou cylindrica, e cingida com huma cimalha na altura de hum homem, para sobre ella se porem as luzes necessarias para de noite se alumiar a casa das caldeiras.

(a) Em qualquer genero de Agricultura hum Escravo não trabalha mais de doze horas por dia; na fabrica de assucar trabalha dezoito horas seguidas: este trabalho por sua natureza excessivo abbrevia a vida dos Escravos, extingue nos Pais, e nas Mãis o germen da propagação, a qual aliás he hum dos maiores soccorros para o serviço das mesmas fabricas. V. Labat. d. tom. 3. chap. 5. du sucre pag. 209.

(b) A falta de pastos que muitas vezes ha nos annos de grandes seccas, causa também gravissimos prejuizos aos proprietarios dos Engenhos, principalmente aos que os fazem trabalhar com bois ou com bestas.



não para os nossos Agricultores do assucar; por estar este genero taxado por huma Lei no Brasil. Supponha se por hum pouco que assim he: ¿por ventura os nossos Negociantes não trabalham tambem em beneficio da Nação? ¿elles só devem estar sujeitos a perder, e não a ganhar? Prohibase o monopolio, prohibase a fraude, mas não os lucros de hum Commercio licito, que a todos he livre.

Mas tornando á dita Lei: ella só poz huma taxa, para que os Negociantes, que muitas vezes maliciosamente adiantavão dinheiros aos agricultores do assucar, não abusassem da necessidade delles, nem lho tomassem em pagamento por menos da dita taxa.

Mas esta com tudo só tem lugar, quando o assucar he comprado dentro do mesmo Engenho, ou fabrica; mas não depois que o senhor do Engenho, ou o Agricultor do assucar faz com elle as despesas dos caixões, conducções por terra, e por mar; além dos muitos riscos, que corre por sua conta até o pôr no Trapixe, ou no armazem publico da venda: porque já então cada hum vende pelo mais que pode acima da taxa, ou pelo preço que corre; como todos os dias se está praticando naquellas Praças.

Do expendido fica manifesto o quanto seria prejudicialissimo a Portugal, e quasi mesmo impraticavel nas circumstancias presentes, por-se huma taxa no assucar, pois que sendo como he

hum género de Commercio de quasi todas as Nações (a), só a convenção geral de todas as Nações he que o pode regular; principalmente quando huma Nação não he a só agricultora, ou a unica senhora desse genero: de outra sorte a Nação, que se quizer oppor á torrente das outras, ou ha de ser pisada pela multidão das concorrentes, ou hade seguir o impulso, que ellas lhe derem.

Eis-aqui a razão porque os generos alfandegados não podem ser reduzidos a huma taxa certa. Eu passo a mostrar o quanto será util a Portugal que o assucar suba ao mais alto preço possivel.

Os Portuguezes, e os Hespanhoes, que primeiro descobrirão a India, forão tambem os primeiros, que aprenderão dos Indios o modo de cultivar, e fabricar o assucar, e o vierão ensinar á Europa, e estabelecerão fabricas nas Ilhas da Madeira, e das Canarias.

Depois passando á America, onde acharão canas de assucar nascidas naturalmente (b), esta-

Bb

(a) Os Portuguezes, Francezes, Hespanhoes, Hollandezes, Inglezes, Dinamarquezes, todos metem na Europa assucares das suas Colonias d'America, e alguns os trazem da Alexandria.

(b) No Rio de Janeiro ainda antes de lá entrarem os Portuguezes, ou alguns outros Europeos, havião ja canas de assucar, como attesta Lery hum dos companheiros de Villegagnon, que primeiro entrou naquella bahia em 5 de No-

Delecerão novas fabricas pelos annos de 1557 (a), e aperfeçoarão tanto os seus assucarés, que excederão infinitamente em belleza, e em bondadé aos das Indias Orientaes (b).

---

tembre de 1555. Vej. a sua *Hist. Navigat. in Brasil.* cap. 8. *Sacchari cannis, quarum copia nobis suppetebat, etc.* e no cap. 12. *Sacchari quoque cannae optime in illis terris crescunt, et maxima copia.* O Brigadeiro Antonio de Almeida Lara, o primeiro que cultivou as canas de assucar no Cuyabá, não achando canas algumas de assucar, nem sendo conhecidas em todas aquellas terras já então habitadas pelos Portuguezes, foi tirar as primeiras plantas das terras então habitadas pelo Gentio *Paresi*.

He já reconhecido por todos os Navegantes das Ilhas do Mar do Sul, que a cana de assucar he huma produção espontanea das terras situadas debaixo da Zona Torrida, assim como outtas muitas, que lhe são proprias (\*).

(a) *Lery* escreve no Rio de Janeiro pelos annos de 1557, como elle diz no fim do Cap. 5. da sua Historia; já por aquelle tempo fazia menção dos Engenhos de assucar, que os Portuguezes tinham em algumas partes do Brasil. Veja-se o d. no Cap. 12. *Nos Galli et hominibus et marbinis ad eliciendum saccharum idoneis nondum essemus instructi, ut sunt Lusitani in iis, quos occupant apud Barbaros, locis.*

(b) *Labat* d. t. 3. pag. 127. 129.

(\*) *Mr. de la Harpe* *Hist. des Voyag.* tom. 19. pag. 376. *L'île d'Otaïiti produit des fruits à-pain, des noix de cocos, des bananes de trois sortes et les meilleures que nous ayons jamais mangées; des plânes, un fruit assez ressemblant à la pomme, et qui est très agréable lorsqu'il est mûr; des patates douces, des ignames, du cacao, une espèce d'arum, un fruit connu dans l'île sous le nom de jambu, et que les Insulaires regardent comme le plus délicieux; des cannes de sucre que les habitans mangent crues. E mais adiante pag. 377. Tous ces fruits qui composent la nourriture des Otaïitiens, sont des productions spontanées de la nature, ou bien la culture se réduit à si peu de chose, qu'ils semblent exempts de l'anathème général, qui porte que l'homme mangera son pain à la sueur de son front. On trouve aussi dans l'île le bûrier dont on fait le papier chinois, morus papyrifera.*

Esta bondade com tudo provém mais da qualidade do terreno, do que da mão do Agricultor, ou do Fabricante: porque a cana de que se extrahê o assucar, segue a natureza dos fructos, que ainda que sejão da mesma especie, sãõ com tudo mais ou menos doces, conforme a qualidade dos terrenos.

Hum arratel de assucar, por exemplo, muitas vezes adoça mais do que dois arrateis do de outro terreno, como a experiência faz ver todos os dias nas confeitórias. Esta preferencia, que indubitavelmente tem os assucares do nosso terreno a respeito dos outros (a), he hum dom da natureza, de que a industria estrangeira nos não pode privar.

Os Hollandezes tendo aprendido dos Portuguezes em Pernambuco a fabricar o assucar, depois de expulsos desta Capitania pelos Pernambucanos em 1654 (b), forão ensinar aos Franceses da Ilha de Guadalupe, e da Martinica, e aos povoadores das outras Ilhas daquelle Archipelago; e pelo mesmo tempo estabelecerão tambem os Inglezes fabricas de assucar nas Ilhas de S. Christovão, e de Barbada (c).

Mas a tempo em que as nossas fabricas

Bb ii

(a) Dictionn. Univers. du Commerce t. 3. pag. 870. col. 1.  
Le plus bel ( sucre ) vient du Brésil.

(b) Castrioto Lusit. part. 1. liv. 10. art. Militares pag. 689.

(c) Labat d. t. 3. pag. 180.

de assucar se achavão já muito melhoradas, com mais de noventa e sete annos de adiantamento, do que as de todos os Estrangeiros, e nós quasi senhores unicos deste Commercio, se descobrirão, para nós desgraçadamente, as Minas do Oiro, que nos fizeram desprezar as verdadeiras riquezas da Agricultura, para trabalharmos nas de mera representação (a).

A riqueza rapida daquellas Minas, que tanto tem augmentado a industria dos Estrangeiros, chamou a si quasi todos os braços das nossas fabricas de assucar: este cego abandono fez que ellas fossem logo em decadencia (b).

Desde esta epoca fatal para a nossa Agricultura, os Estrangeiros, sempre habeis em se aproveitar do nosso descuido, trabalharão com todas as suas forças por nos arrancarem das mãos os nossos grandes ramos de Commercio. A isto accresceo mais em favor delles a paz de *Ryswick* feita em 1697 entre a França, Hespanha, Hollanda, Alemanha, e Inglaterra, que lhes deo mais tempo para melhor se estabelecerem.

Os Francezes fizeram logo tantos progressos, que elles mesmos dizião, que se aquella paz tivesse durado mais tempo, as fabricas de assucar terião sido para elles hum segundo Peru (c). Mas

(a) Montesq. *Esprit des Loix* liv. 21. art. 18. Labat d. t. 3. pag. 323.

(b) Pitta *Histor. da America Portug.* liv. 8. num III., e seguintes.

(c) Labat d. tom. 3. pag. 324.

se nós hoje bem calcularmos os nossos interesses, este Peru passará para Portugal.

Nas Antilhas desde que se planta a cana até que se corta, se passam mais de dezoito, e de vinte mezes (a); no Brasil não passa de doze até quatorze mezes (ou como lá se diz de dois. Marços); no que já se vê que a natureza trabalha mais em nosso favor, ao menos quasi huma terça parte; e por consequencia aquillo que elles fazem em tres annos, nós fazemos em dois.

Portugal, que primeiro descobrio a Costa de Africa, ainda hoje conserva as melhores Colonias dos resgates dos Escravos, que lhe produzem braços com menos despezas, do que ás outras Nações. O Brasil está defronte de Africa, communicando-se por huma navegação mais breve, e em todos os tempos do anno: o que tudo, dadas as mesmas proporções, produzirá mais em nosso favor outra terça parte.

O nosso continente do Brasil he muito dilatado, e por isso nos podemos alargar, e escolher terrenos próprios para as canas á nossa vontade: e pelo contrario a maior parte dos Agricultores nossos rivaes, por isso que vivem insulados, viverão sempre limitados, e cercados de mar.

Contra elles accresce mais que os furacões de vento, muito frequentes naquellas Colonias desde o meio de Julho até o de Outubro (b),

---

(a) Labat. d. tom. 3. pag. 120.

(b) Labat. d. tom. 2. chap. 12 pag. 223.

lhes arrancão as searas, e muitas vezes os edifi-  
cios, e lhes causão todos os annos irreparaveis  
perdas: estes mesmos furacões são perigosissimos  
para a navegação daquelle Archipelago (a), e por  
isso são maiores as despezas dos seguros, que car-  
regão sobre as suas mercadorias.

Havendo qualquer guerra entre aquellas  
Colonias, além das perdas que ella consigo traz,  
as suas plantações e searas são muitas vezes quei-  
madas e destruidas, pela facilidade com que são  
atacadas por todas as partes pelas Náos inimigas;  
prejuizos estes, que as nossas não sentem facil-  
mente, por serem as nossas Costas por nature-  
za defendidas ou pelos grandes rochedos, ou pe-  
los dilatados baixos; e as nossas plantações são  
pela maior parte pelo interior do Paiz.

O meio de promover, e adiantar a indus-  
tria da Nação he deixar a cada hum a liberdade  
de tirar hum maior interesse do seu trabalho: os  
Inglezes, e os Hollandezes, primeiros mestres da  
arte do Commercio, tem dado a todos estas li-  
ções.

Os Inglezes tem levado o seu ferro po-  
lido a hum preço excessivo; elles já o fazem va-  
ler mais do que o oiro: da mesma sorte os Hol-  
landezes a respeito das suas especiarias, que até  
muitas vezes queimão, e deitão ao mar o excês-  
so dellas, para que a sua mesma abundancia os

---

(a) Labat d. pag. 230.

não obrigue a abaixar de preço (a): elles não temem a concorrência imaginaria, esperão que ella seja effectiva, para então governarem a balança a seu favor.

Elles sabem que huma Nação, depois que chega a ser unica senhora de hum certo ramo de Commercio, pode então dar a lei como quizer, sem temer os esforços, que contra ella fizerem as outras Nações.

He necessario com tudo que ella, na occasião da concorrência, saiba abaixar gradualmente o preço do seu genero favorito, até fazer que a Nação rival ou não ache lucro, ou succumba de baixo do peso dos seus mesmos esforços: o Commercio segue a natureza de todas as coizas, que depois de tomarem huma certa carreira, não he facil de as fazer tornar.

A larga experiencia das Nações commerciantes tem feito ver, que huma Nação não faz á outra hum espolio desta natureza, sem que haja ou algum descuido, e má politica da parte da espoliada, ou alguma revolução imprevista, a qual não podem acautelar forças humanas.

Portugal perdeu a superioridade da sua Agricultura, e do seu Commercio, pela cegueira com que correu atraz de huma representação, e de huma sombra de riqueza, sem ver que deixava atraz de si o precioso corpo que ella repre-

---

(a) Bougainville *Voyage autour du Monde*. part. 2. chap. B. pag. 197.



sentava : sem duvida porque a sombra parece muitas vezes maior do que o corpo.

Perdeo Portugal em consequencia a superioridade da sua Marinha, porque hum Navio carregado de oiro não occupa tanta\$ Náos, nem tantos mil homens, como huma Frota de igual valor carregada de assucar, cacáo, café, trigo, arroz, carnes, peixes salgados &c (a).

A revolução inesperada, acontecida nas Colonias Francezas, he hum daquelles impulsos extraordinarios, com que a Providencia faz parar a carreira ordinaria das coizas: agora pois que aquelles Colonos estão com as mãos atadas para a Agricultura, antes que elles principiem nova carreira, he necessario que apressemos a nossa.

O interesse he a alma do Commercio; e como elle tanto anima ao Francez como ao Portuguez, he necessario deixar-lhe toda a liberdade ao subido preço do assucar; quanto elle mais subir, mais se augmentarão as nossas fabricas, e o nosso Commercio.

Em quanto os Estrangeiros reformão, ou fazem de novo as suas fabricas, e plantações, já nós lhes levamos a vantagem do melhor estado das nossas: e se nós trabalharmos com industria, e forças iguaes ás dos nossos rivaes, por isso que temos a natureza em nosso favor, ou sempre os

---

(a) Veja-se a Carta que escrevi aos Redactores do Investigador Portuguez.

havemos de exceder em dobro, ou elles nós hão de ceder o campo.

Para maior adiantamento do Commercio do assucar, se deve tambem promover a cultura do cacáo, canella, baunilha, e café, todos estes generos dão as mãos entre si; quanto se augmentar o gosto destes, tanto mais necessaria se fará huma maior abundancia daquelle.

Todos elles nascem e produzem muito no Brasil: o café principalmente vindo do Rio de Janeiro he superior ao melhor vindo de Móca: repetidas experiencias feitas por bons conhecedores lhe tem dado toda a preferencia.

A canella do Brasil precisa de soccorro superior; seria necessario rebaixar-lhe os direitos das Alfandegas, e prohibir-se a que vem dos Estrangeiros: e se he verdade, como se diz, que os naturaes das Molucas não estão contentes com os Hollandezes, bem pode ser que esta desordem entregue mais de pressa a Portugal a superioridade deste Commercio, pela muita abundancia com que a natureza, sem industria nem trabalho, produz a canella no Brasil.

Em summa, a occasião agora nos desafia: ella he ligeira, e voluvel; se se não lança mão della, foge, vòa, e desaparece.



# INDICE

DOS CAPITULOS QUE SE CONTEM NESTE LIVRO.

---

## P A R T E I.

DOS INTERESSES QUE PORTUGAL PODE TIRAR DAS COLONIAS DO BRASIL.

<b>C</b> APITULO I. <i>Dá-se huma breve idéa da grande fertilidade do Brasil; do muito gado, principalmente Vaccum, que produzem aquelles campos, e da muita abundancia dos peixes daquellas costas.</i> - - - - -	Pag. 1
<b>C</b> AP. II. <i>Portugal pelo grande superfluo que tem, e pode ter das suas Colonias, deve necessariamente promover o Commercio da Navegação.</i> - - - - -	12
<b>C</b> AP. III. <i>Portugal não pode ter huma grande Marinha, ou seja de guerra, ou de commercio, sem ter muitas Pescarias.</i> - - -	36
<b>C</b> AP. IV. <i>As Pescarias são o meio mais proprio para civilizar os Indios do Brasil, principalmente os que habitão junto ds margens dos grandes rios, ou do mar.</i> - - - -	42
<b>C</b> AP. V. <i>Os Indios do Brasil são muito capazes de servir não só na Marinha de commercio, mas tambem na de guerra.</i> - -	56
<b>C</b> AP. VI. <i>Da-se huma breve noticia do esta-</i>	

Cc ii

## I N D I C E

<i>do actual dos Indios Ouetaçazes, nossos' mais bravos, e fiéis alliados, desde a Provincia dos Campos dos Ouetaçazes até ds Minas Geraes. - - - - -</i>	83
<b>CAP. VII.</b> <i>Portugal pode ter huma grande Marinha de guerra sem muitas despezas, nem muito risco, e sem causar desconfiança ds outras Nações. - - - - -</i>	93
<b>CAP. VIII.</b> <i>Para se fazerem os navios de guerra e de commercio de Portugal por hum preço mais commodo, e mais barato, he ne- cessario que o Commercio das madeiras de construcção no Brasil seja livre a todos os Nacionaes, e prohibida a exportação dellas para os Estrangeiros, ou sejam em bruto ou fabricadas. - - - - -</i>	100
<b>CAP. IX.</b> <i>Para se adiantar o Commercio das madeiras do Brasil, he necessario que se ex- tinguão os direitos, que dellas se pagão de entrada neste Reino. - - - - -</i>	112

---

## P A R T E II.

SOBRE OS INTERESSES QUE PORTUGAL PODE TIRAR DAS  
SUAS COLONIAS NAS TRES PARTES DO MUNDO.

**C**APITULO I. *Portugal, pela situação  
ds seus Estabelecimentos nas tres partes do*

## I N D I C E

<i>mundo, pode fazer relativamente o Commercio o mais activo, e o mais vantajoso de todas as Nações da Europa.</i> - - - - -	120
<b>CAP. II.</b> <i>Portugal quanto mais dever ds suas Colonias, tanto serd mais rico.</i> - - - - -	145
<b>CAP. III.</b> <i>As Colonias de Portugal quanto lbe forem mais credoras, tanto lbe serão mais ligadas, e mais dependentes.</i> - - - - -	149

---

## P A R T E III.

SOBRE OS INTERESSES DE PORTUGAL PARA COM AS OUTRAS NAÇÕES.

<b>C</b> APITULO I. <i>As Fabricas de luxo não são convenientes a Portugal.</i> - - - - -	153
<b>CAP. II.</b> <i>Portugal pela situação dos seus Estados em todas as quatro partes do mundo, pode ser buma das Potencias maritimas mais respeitaveis do mundo.</i> - - - - -	163
<b>CAP. III.</b> <i>A Neutralidade de Portugal he muito interessante a todas as Nações maritimas.</i> - - - - -	175

---

**MEMORIA** *Sobre o Preço do Assucar.* - - - - - 183















Princeton University Library



32101 043156320

